



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO E QUEM CANTA UM
CANTO AUMENTA QUANTO? UM ESTUDO DAS VARIAÇÕES LEXICAIS EM
ROMANCES E CANTIGAS TRADICIONAIS NA OBRA *CANTOS POPULARES DO
BRASIL* (1897), DE SÍLVIO ROMERO**

JOÃO PAULO ROCHA

JOÃO PESSOA - PB
JULHO, 2023

JOÃO PAULO ROCHA

**QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO E QUEM CANTA UM
CANTO AUMENTA QUANTO? UM ESTUDO DAS VARIAÇÕES LEXICAIS EM
ROMANCES E CANTIGAS TRADICIONAIS NA OBRA *CANTOS POPULARES DO
BRASIL* (1897), DE SÍLVIO ROMERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito necessário para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Silva de Aragão

JOÃO PESSOA - PB
JULHO, 2023

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R672q Rocha, João Paulo.

Quem conta um conto aumenta um ponto e quem canta um canto aumenta quanto? Um estudo das variações lexicais em romances e cantigas tradicionais na obra Cantos Populares do Brasil (1897), de Sílvio Romero / João Paulo Rocha. - João Pessoa, 2023.

127 f. : il.

Orientação: Maria do Socorro Silva de Aragão.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura popular. 2. Glossário. 3. Ciências do léxico. 4. Arcaísmo. 5. Corruptela. I. Aragão, Maria do Socorro Silva de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82-91(043)

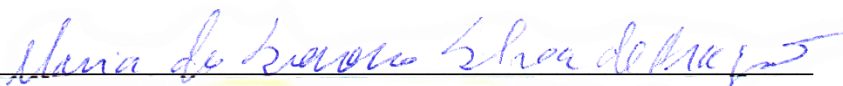
JOÃO PAULO ROCHA

**QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO E QUEM CANTA UM
CANTO AUMENTA QUANTO? UM ESTUDO DAS VARIAÇÕES LEXICAIS EM
ROMANCES E CANTIGAS TRADICIONAIS NA OBRA *CANTOS POPULARES DO
BRASIL* (1897), DE SÍLVIO ROMERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito necessário para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

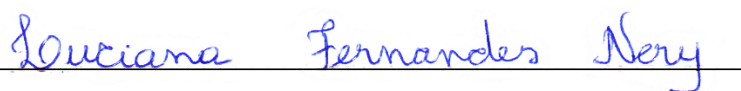
Data da aprovação: 17/07/2023

BANCA EXAMINADORA



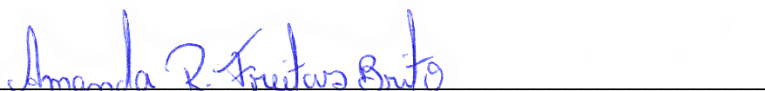
Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Silva de Aragão (Orientadora)

Universidade Federal da Paraíba



Prof.^a Dr.^a Luciana Fernandes Nery

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte



Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito

Universidade Federal da Paraíba



Prof.^a Dr.^a Ivone Tavares de Lucena

Universidade Federal da Paraíba

Dedico à memória da minha mãe,
Maria Coeli, a quem devo tudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à vida por me fazer trilhar caminhos e encontrar pessoas maravilhosas a quem posso chamar de amigas, das quais destaco:

A Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Silva de Aragão, minha orientadora, por todo o conhecimento adquirido, pela generosidade nos seus ensinamentos e pela acolhida sempre que me senti desanimado. Obrigado, Socorrinho, por me fazer continuar;

A Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho, o Prof. Dr. Marcelo Medeiros e o Prof. Dr. Vilian Manguiera pelas contribuições riquíssimas no Exame de Pré-Banca (qualificação) que ajudaram a melhorar esta pesquisa;

As Professoras Doutoras Amanda Ramalho, Luciana Nery e Ivone Lucena por aceitarem o convite para compor a Banca Examinadora e contribuírem, então, para a finalização desse ciclo;

Meu querido companheiro, Paulo Aldemir, por me acompanhar nesta caminhada como colega em algumas disciplinas e por não ter permitido que eu desistisse nas vezes que desanimei com as adversidades que surgiram durante o curso;

Meu primo Martinho Elias e sua esposa Rosane, que me incentivaram a estudar e sempre ficaram felizes com minhas conquistas;

As professoras e os professores do PPGL que gentilmente compartilharam seus conhecimentos, os quais foram necessários para eu chegar até aqui.

“Chega-te aos bons, serás um deles; chega-te aos maus, serás pior do que eles.”
(Sabedoria popular)

RESUMO

A proposta deste trabalho consiste em fazer uma análise lexical de romances e de cantigas tradicionais resgatados e compilados na obra *Cantos Populares do Brasil* (1897), de Sílvia Romero. Para isso, analisamos o léxico, contextualizando sob uma perspectiva geográfica, social e cultural, a fim de entender a lexia e seus aspectos semânticos e artísticos contidos na Literatura Popular, confirmando nossa hipótese de que a variação do léxico empregada aproxima o povo de sua cultura e que o léxico revela marcas de um discurso próprio, ou seja, revela uma identidade. Como produto de análise do *corpus*, elaboramos um glossário da linguagem regional popular a partir de um estudo linguístico, com base nas Ciências do Léxico - Lexicologia e Lexicografia -, Sociolinguística e Etnolinguística, voltado para a descrição dos aspectos semânticos em 42 poemas populares resgatados por Romero (1897) na região Nordeste do Brasil, na segunda metade do século XIX. O glossário é composto por 147 lexias, constituído de palavras e expressões regionais tratadas como registros de fala pertencentes ao cotidiano do povo nordestino, sendo elas dicionarizadas ou não, classificadas em arcaísmos, corruptelas e lexias de uso corrente contidas na obra supracitada e que ainda fazem parte do processo comunicativo da região.

Palavras-chave: Literatura Popular; Glossário; Ciências do Léxico; Arcaísmo; Corruptela.

ABSTRACT

The purpose of this work is to make a lexical analysis of novels and traditional songs rescued and compiled in the work *Cantos Populares do Brasil* (1897), by Sílvia Romero. For this, we analyzed the lexicon, contextualizing it from a geographical, social and cultural perspective, in order to understand the lexicon and its semantic and artistic aspects contained in Popular Literature, confirming our hypothesis that the variation of the lexicon used brings people closer to their culture and that the lexicon reveals marks of its own discourse, that is, it reveals an identity. As a result of *corpus* analysis, we created a glossary of popular regional language based on a linguistic study, based on Lexicon Sciences - Lexicology and Lexicography -, Sociolinguistics and Ethnolinguistics, aimed at describing the semantic aspects of 42 popular poems rescued by Romero (1897) in the Northeast region of Brazil, in the second half of the 19th century. The glossary is composed of 147 lexias, made up of words and regional expressions treated as speech registers belonging to the daily life of the northeastern people, whether they are dictionaries or not, classified into archaisms, corruptions and lexias of current use contained in the aforementioned work and that still do part of the region's communication process.

Keywords: Popular Literature; Glossary; Lexicon Sciences; Archaism; Corruption.]

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

adj. - Adjetivo

adv. - Advérbio

DAD - Dicionário Aulete Digital

DEA - Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI

DEHLP - Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa

DPLP - Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

LDAD - Lexia dicionarizada com acepção diferente

LDAE - Lexia dicionarizada com acepção equivalente

LND - Lexia não dicionarizada

loc. adj. - Locução adjetiva

loc. adv. - Locução adverbial

loc. s. - Locução substantiva

loc. v. - Locução verbal

MGKLP - Minidicionário Gama Kury da língua portuguesa

MMDLP - Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa

NE - Nota enciclopédica

NL - Nota linguística

prep. preposição

s.2g. - Substantivo comum de dois gêneros

s.f. - Substantivo feminino

s.m. - Substantivo masculino

v. - Verbo

Var. - Variação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O LÉXICO E SUAS CIÊNCIAS.....	14
2.1 Lexicologia.....	16
2.2 Lexicografia.....	17
2.3 Ciências afins: Sociolinguística e Etnolinguística	20
3 AS MANIFESTAÇÕES DA CULTURA A PARTIR DA LITERATURA POPULAR	25
3.1 O que é Literatura Popular?	27
3.2 O Folclore na Literatura Popular	30
3.2.1 PROSA	32
3.2.2 POESIA	35
4 DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA	38
4.1 Pesquisa Bibliográfica	38
4.2 Universo de Pesquisa	39
4.3 Delimitação do <i>corpus</i>	41
4.4 Organização do glossário	42
4.4.1 MACROESTRUTURA.....	42
4.4.2 MICROESTRUTURA	43
5 GLOSSÁRIO DA LINGUAGEM REGIONAL EM CANTOS POPULARES DO BRASIL (1897), DE SÍLVIO ROMERO	45
5.1 Arcaísmos, corruptelas e lexias de uso corrente	46
5.2 Glossário	49
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS	108
ANEXOS	112
Anexo 1 – Carta do Folclore Brasileiro	112
Anexo 2 – Releitura da Carta do Folclore Brasileiro	123

1 INTRODUÇÃO

A cultura popular do povo nordestino, transmitida através da oralidade, manifesta-se por uma série de costumes do cotidiano local, não havendo como definir seu início ou quando chegará ao fim. Pensando nessas tradições e na manutenção de alguns costumes, mesmo com o avanço da globalização, escolhemos a cultura popular, a partir de sua literatura, como proposta de pesquisa, devido a sua importância e, principalmente, por revelar os costumes que caracterizam esse povo através de sua linguagem.

Há uma série de romances e de cantigas tradicionais que hoje são incluídas no romanceiro e no cancionário popular, ao lado das narrativas e líricas, devido à ampliação das possibilidades de registros auditivos e visuais. A ideia é investigar os conceitos que constroem a literatura popular em sua prática social, resgatando, então, uma tradição por vezes esquecida.

Considerando aspectos culturais e sociais do povo nordestino, temos como objetivo de trabalho fazer uma análise lexical de romances e de cantigas resgatados e compilados por Sílvio Romero (1897) na obra *Cantos Populares do Brasil*, especificamente aqueles que compõem o imaginário popular do povo que viveu no Nordeste brasileiro na segunda metade do século XIX, a fim de entender a lexia e seus aspectos semânticos e artísticos contidos na Literatura Popular e descobrir qual a importância da Literatura Popular para o entretenimento desse povo e quais as linguagens reveladoras das marcas culturais na comunidade em questão.

Temos como hipótese que o léxico empregado na Literatura Popular revela marcas da cultura como forma de entretenimento e que, implicitamente, há formas de ensinamento que traduzem a identidade de um determinado povo, propiciando a permanência da cultura tradicional popular no imaginário coletivo mesmo diante das exigências das tecnologias trazidas pela globalização e inserção de outras culturas.

Para tanto, esta pesquisa se consolida a partir de 42 poemas (romances e cantigas populares), resgatados por Romero (1897) em alguns estados da região Nordeste. A escolha por *Cantos Populares do Brasil* (1897) para o *corpus* desta pesquisa se deu a partir de outra pesquisa, em nosso Trabalho de Conclusão de Curso¹ de licenciatura em Letras, nesta instituição, utilizamos algumas citações acerca da cultura popular retiradas do prefácio da obra no desenvolvimento teórico da monografia de graduação e, naquele momento, percebemos a

¹ Cf. ROCHA, João P. **O espetáculo semiótico do pastoril de Teixeira-PB: resgate da cultura tradicional através das cantigas de folguedo**. Monografia (Graduação em Letras / língua portuguesa). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017.

riqueza linguística e cultural, e o quanto essa coletânea poderia nos oferecer para a elaboração desta dissertação.

A pesquisa, portanto, se trata de um estudo lexicológico e lexicográfico da linguagem popular regional, sob as perspectivas sociais e culturais, fundamentadas pelas ciências linguísticas Sociolinguística e Etnolinguística.

No capítulo intitulado “O léxico e suas ciências”, apresentamos os conceitos básicos da Lexicologia e da Lexicografia, ciências basilares deste trabalho, a partir dos estudos de Biderman (1978; 1984; 2001), Barbosa (1990; 2001), Ferreira (1997), Welker (2004), Abbade (2011), Aragão (2013), entre outros.

No capítulo “As manifestações da cultura a partir da Literatura Popular”, explicitamos alguns conceitos de Cultura, Literatura Popular e Folclore, a partir das ideias de Fribourg (1978), Bosi (1992) e Eagleton (2011) relacionadas à cultura; Romero (1897), Cascudo (1984), Luyten (1987) e Aguiar e Silva (2007) relacionadas à literatura popular; e Brandão (1984), Cascudo (1984; 1998; 2012) e Costa (2015) relacionadas ao folclore.

Em seguida, temos o capítulo que relatamos o “Desenvolvimento metodológico da pesquisa”, no qual explicamos como realizamos as leituras e a construção da fundamentação teórica, crítica e analítica da pesquisa, além da construção prática do glossário: as escolhas dos critérios para a estrutura do glossário e os métodos utilizados.

No último capítulo intitulado “Glossário da linguagem regional em *Cantos Populares do Brasil* (1897), de Sílvio Romero”, analisamos as lexias extraídas do *corpus* desta pesquisa para a confecção do glossário e justificamos as ocorrências de arcaísmo, corruptelas e lexias de uso corrente na linguagem popular contidas na obra. Por fim, apresentamos o glossário, como produto deste trabalho, destacando as lexias selecionadas, suas abonações extraídas da obra analisada, variantes, notas linguísticas e enciclopédicas.

A partir dos objetivos desta pesquisa, buscamos evidenciar o registro de um léxico regional presente na obra de Sílvio Romero (1897), por acreditarmos que a Literatura Popular pode e deve ser levada aos estudos de linguagem na academia, assim como ser objeto de estudo nas salas de aula em todos os níveis de ensino, podendo dividir espaço com a Literatura Clássica e Canônica.

A Literatura Popular, nesse contexto, trata-se de manifestações populares criadas pelo povo para o povo e que transmitem, através da linguagem simples do cotidiano, a força, o modo de vida e a riqueza cultural daqueles que a produzem. Sendo assim, conhecer a Literatura Popular é se abrir aos conhecimentos da história de nossos antepassados através das identidades, dos valores morais, da criatividade, da arte, do entretenimento e da sabedoria.

2 O LÉXICO E SUAS CIÊNCIAS

Entendemos por Léxico o “repertório de palavras existentes numa determinada língua” (HOUAISS, 2009). No *Dicionário de linguística e gramática* (1977), de Mattoso Camara Jr., o verbete “Léxico” está classificado como sinônimo de Vocabulário. Sendo assim, a Lexicologia é uma disciplina do campo da Linguística que estuda e analisa as palavras, além de categorizar e estruturar o léxico. Para uma definição mais exata, recorreremos mais uma vez ao *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2009), que a define como

Parte da linguística que estuda o vocábulo quanto ao seu significado, constituição mórfica e variações flexionais, sua classificação formal ou semântica em relação a outros vocábulos da mesma língua, ou comparados com os de outra língua, em perspectiva sincrônica ou diacrônica.

No *Dicionário de linguística*, Dubois *et al.* (1978) esclarecem que:

O estudo lexicológico tomará por critério o rendimento funcional: a palavra será considerada uma unidade de significação realizada por fonemas e sempre identificável como tal, em função de suas possibilidades de comutação numa frase para formar novas frases (p. 374).

O léxico, então, é uma das marcas identitárias de um determinado povo. Tendo em vista a grande variedade cultural, o léxico comporta-se como um identificador de culturas. Dessa forma, é justo afirmar que o léxico faz parte do cotidiano de uma sociedade e que esse repertório é revelador de sua identidade cultural. O sentido transmitido por esse repertório relaciona o homem a seu meio, evidenciando as marcas identitárias do(s) sujeito(s) em face à heterogeneidade social.

Com o advento da globalização, através das novas tecnologias, o contato com outras culturas está cada vez mais fácil e isso nos aproxima de um processo de adaptação cultural, pois o “léxico é um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos [...]. O sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através do tempo” (BIDERMAN, 1978, p. 139). Apesar desse processo, o homem mantém as marcas precípuas de sua identidade cultural, o que inclui o léxico, entre outros aspectos sócio-linguístico-culturais. Conforme Aragão (2013):

A visão de mundo, as crenças, as ideologias e as formas de expressão dessa sociedade com sua cultura são transmitidas de geração a geração pela língua, falada e/ou escrita, tornando evidente que a língua representa e guarda as marcas sociais e culturais daquela comunidade que a utiliza (p. 221).

Por entendermos que o léxico é um aspecto fundamental para a cultura de um povo, como o povo se comporta diante da cultura através de sua língua. Pois,

Ao se estudar a língua, os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados. No caso específico do léxico, esta afirmação é ainda mais verdadeira pois toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico (ARAGÃO, 2013, p. 211).

Sendo assim, é importante frisar que uma comunidade linguística e sociocultural pode ser caracterizada por seus valores e saberes compartilhados no decorrer da história. As múltiplas linguagens manifestadas no discurso humano são devidamente interpretadas na cultura através da “compatibilidade dos recortes culturais e coerência dos ‘modelos mentais’, no nível conceptual, [que] caracterizam uma cultura” (PAIS, 2009, p. 28). Desse modo, toda comunidade sociocultural compartilha bens culturais, seja através da educação formal e/ou familiar, seja através das manifestações culturais e folclóricas.

Para reforçar, recorremos mais uma vez às formulações de Pais (2004) ao afirmar que os discursos são classificados em *discursos sociais não-literários*, *discursos literários* e *discursos etnoliterários*. Os discursos etnoliterários são aqueles que mesclam os traços ficcionais com documentais de um determinado tempo/espaço, enquanto que os demais determinam a ficcionalidade, trazendo, em si, aspectos metafóricos da vida cotidiana, tendo como diferenciação apenas a transmissão, seja oral ou escrita.

Em resumo, o léxico é uma das pedras fundamentais para a construção de uma cultura. “Cada língua é, pois, antes de mais nada, constituída por um léxico e por uma gramática” (POLGUÈRE, 2018, p. 28). Assim, podemos afirmar que as línguas e suas manifestações, as linguagens, trazem marcas identitárias de suas determinadas regiões e são transmitidas de geração a geração por aqueles que compartilham uma determinada cultura.

Dessa forma, a Lexicologia e a Lexicografia são as ciências que operam em conjunto para a realização de produções lexicográficas e se preocupam não apenas com a significação linguística, mas com o resultado da relação entre língua, sociedade, cultura e tudo mais que seja de criação humana, elas são relevantes para o estudo da língua. A Lexicologia é uma disciplina que analisa as lexias e suas estruturas em forma e sentido, ou seja, morfológica e semântica; e a Lexicografia dispõe o léxico em glossários, vocabulários e dicionários.

Para um melhor entendimento, discorreremos com mais detalhes acerca dessas ciências nos subtópicos a seguir.

2.1 Lexicologia

A Lexicologia é um ramo da Linguística Aplicada que compreende os estudos do léxico a partir de suas unidades funcionais significativas (lexias). Embora desenvolvida recentemente, seus estudos iniciam numa época longínqua: os estoicos (séc. III-II a.C.), por exemplo, defendiam que havia uma diferenciação entre o *lógos* e o *léxis*. Para eles, o *lógos* era uma entidade significativa, enquanto o *léxis* era visto como a forma “que pudesse ser representado na escrita” (WEEDWOOD, 2002, p. 28). Antes deles, Aristóteles já observava que algumas palavras, mesmo isoladas, traziam um significado implícito e outras só possuíam funções relacionais², ideia pioneira para as definições atuais de “palavra léxica” e “palavra gramatical”³.

Na atualidade, a Lexicologia estuda as regularidades formais dos significantes e as relações de outros fatores da comunicação referentes ao conteúdo dos significantes, respectivamente morfologia lexical e semântica lexical.

Segundo Coseriu (1979), a Lexicologia é o ramo linguístico que aborda o vocabulário em estrutura, composição, variedade, origem, mudanças históricas e adaptação às condições sociais de uma dada comunidade. O linguista afirma que a Lexicologia clássica se volta à palavra, unidade natural das línguas naturais, portanto, essa disciplina estuda a estrutura interna dos vocábulos.

O interesse precípua da Lexicologia é determinar a origem, a forma e o significado das palavras que constituem o vocabulário de uma determinada língua e seu uso, porém, até o século XIX, a Lexicografia era mais utilizada para a realização de estudos do acervo de palavras para a organização de dicionários, deixando, então, o “estudo científico do léxico a partir de suas estruturas e regularidades morfológicas e semânticas” (FERREIRA, 1997, p. 06) em segundo plano.

Para Abbade (2011):

A lexicologia enquanto ciência do léxico estuda as suas diversas relações com outros sistemas da língua, e, sobretudo as relações internas do próprio léxico. Essa ciência abrange diversos domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras, a estatística lexical, relacionando-se necessariamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em particular com a semântica (p. 1332).

² Cf. Capítulo XX: Da elocução e de suas partes. In: ARISTÓTELES. Poética e tópicos I, II, III, IV. Trad. Marcos Ribeiro de Lima. São Paulo: Hunter Books, 2013.

³ Entendemos por “palavra léxica” aquela cuja significação não diz respeito somente a noções gramaticais como gênero e número, com valor semântico, extralinguístico e não apenas relacional, ao passo que as “palavras gramaticais” constituem um conjunto bem limitado de palavras cuja significação, além de restrita à evidenciação de categorias gramaticais, dá-se somente dentro de um sintagma, operando como conector de constituintes desse sintagma.

Como foi exposto, a Lexicologia é uma ciência que abrange pesquisas variadas em torno do léxico e suas relações com outros aspectos da língua, como a origem, a formação e o empréstimo de palavras, além da regularidade e estruturação fonética e fonológica, morfológica, sintática e, principalmente, semântica.

Além da estruturação de uma determinada língua, a Lexicologia se preocupa com as práticas culturais que envolvem o uso de uma língua, “à medida que as comunidades linguísticas quando se comunicam vão aperfeiçoando o seu conhecimento da realidade através dos léxicos, e também criam novas técnicas e ciências” (BIDERMAN, 2001, p. 158), ou seja, podemos entender os aspectos sociais de uma determinada comunidade linguística a partir do seu léxico.

Sendo assim, afirmamos que a Lexicologia é a ciência que estuda a língua a partir do vocabulário ativo, ou seja, o léxico do cotidiano, e o vocabulário passivo, o léxico que utilizamos em ocasiões de mais formalidade. Esse léxico está ligado à língua enquanto o vocabulário está ligado à fala.

Sem o léxico não há linguagem, portanto, a “interpenetração da morfologia, da sintaxe e da lexicologia se explica pela natureza, no fundo idêntica, de todos os fatos de sincronia” (SAUSSURE, 2012, p. 185). A Lexicologia, então, serve de base linguística para definição do léxico de uma determinada língua, analisando-o em relação à cultura e conceituando-o a partir de mudanças ocorridas na língua, da estruturação da forma e da função de cada palavra e sentido que lhe é atribuída (morfo-sintático-semântico), além das divisões lexicais para cada lexia, ou seja, se elas são lexias simples, compostas, complexas e textuais. Já a Lexicografia, ciência que põe em prática os estudos lexicológicos, organiza esse léxico em compêndios conhecidos por Dicionários, Vocabulários e Glossários, como veremos a seguir.

2.2 Lexicografia

“Lexicografia é a técnica de confecção dos dicionários e a análise lingüística dessa técnica” (p. 367, *sic.*). A partir dessa definição no *Dicionário de Linguística*, Dubois *et al.* (1978) apontam a ambiguidade do trabalho lexicográfico como o estudo da lexicografia e a redação de dicionários. Seguindo pela segunda acepção do termo, a Lexicografia é uma prática antiga de compilar palavras e “dar ao usuário um balanço de conhecimentos humanos numa época” (DUBOIS *et al.*, 1978, p. 368).

No entanto, a tarefa da Lexicografia não é tão simples. A elaboração de dicionários, vocabulários e glossários demanda conhecimento de técnicas específicas de análise

lexicográfica sobre cada verbete de determinada obra ou conjunto de obras. Barbosa (1990) afirma que:

A lexicografia compreende também um discurso científico modalizado pelo ‘saber-fazer’, define-se como técnica de tratamento da lexia ocorrência, de compilação, de classificação de que resulta a produção de dicionários (monolíngues, bilíngues, plurilíngues, analógicos...), de enciclopédias, de glossários, de vocabulários específicos (p. 56).

A Lexicografia, portanto, é a ciência que organiza, compila e classifica o repertório lexical de uma comunidade social-linguístico-cultural em obras lexicográficas mediante critérios e normas específicas. Para isso, o lexicólogo, “aquele que pratica a lexicografia” (HOUAISS, 2009), tem de se valer da coerência e do bom senso para a elaboração de tais obras, pois os verbetes devem estar em ordem alfabética e conter informações básicas, tais como classificação gramatical, significado e abonação.

Tendo sua origem bastante longínqua, Biderman (1984) faz a seguinte ressalva:

A antigüidade não produziu obras lexicográficas no sentido que hoje damos a esse termo. Os únicos trabalhos de cunho vagamente lexicográfico daquelas eras são os glossários, sobretudo os produzidos pela escola grega de Alexandria e, entre os latinos, o *Appendix Probi* (p. 1, *sic.*).

Porém, esses glossários tinham a finalidade de ajudar a esclarecer alguns leitores sobre o léxico empregado em textos literários e correções de “erros” ortográficos. Seguindo pelo conceito didático da Lexicografia, Welker (2004) explica que

[...] uma parte considerável da atividade intelectual da civilização mesopotâmica era dedicada a essas tarefas lexicográficas; pode-se mesmo dizer que, na primeira civilização do mundo, a lexicografia era quase uma obsessão. Isto por causa do trabalho de aprendizagem necessário nas escolas dos escribas. [...] Os primeiros dicionários são, portanto, exercícios escolares e não [...] compilações de glosas de textos antigos. [...] As listas lexicais ficaram cada vez mais complexas e tomaram uma forma definitiva por volta do final do século XII [...] (p. 61-62).

No tocante ao primeiro dicionário da língua portuguesa de que se tem conhecimento, trata-se de um dicionário bilíngue latim-português do início do séc. XV. Sobre ele, o autor afirma:

Entre o espólio paleográfico português hoje conhecido, guarda-se apenas um pequeno texto residual e notícia de outro. É o pouco do muito que poderá ter sido a pré-lexicografia medieval portuguesa. O documento conservado é um manuscrito alcobacense [...]. Compõe-se de uma listagem quase alfabética de cerca de 3000 verbos latinos, transcritos pelo início do séc. XIV, a que foram acrescentadas, por outra mão e eventualmente já no séc. XV, as formas

equivalentes em português. O ‘corpus’ lexical português apresenta cerca de 1100 verbos diferentes com um total aproximado de 3.000 ocorrências (p. 65).

Para Biderman (2001, p. 17),

Os primeiros dicionários em língua portuguesa dignos do nome são: o *Vocabulário Português-Latino* de Rafael Bluteau (1712-1728), obra bilingüe em 8 volumes e o *Dicionário da Língua Portuguesa* de Antônio de Moraes Silva (1. ed. 1789; 2. ed. 1813, sic).

O aperfeiçoamento e desenvolvimento da Lexicografia, de fato, inicia-se na modernidade. Os primeiros dicionários monolíngues e bilingües surgiram entre os séculos XVI e XVII, mas é apenas no século XX que as obras lexicográficas passaram a ser estudadas pela linguística moderna. No final do século XX, a Lexicografia passa a ser dividida em duas vertentes: a Lexicografia teórica (também conhecida como metalexicografia), que estuda a descrição do léxico de uma determinada língua; e a Lexicografia prática, que organiza dados em forma de obras lexicográficas.

Biderman (2001) afirma que no Brasil “é muito recente, pelo menos entre nós, o advento de um fazer lexicográfico fundamentado numa teoria lexical e com critérios científicos” e que, atualmente, “é a Lexicografia que vem despertando grande interesse entre os lingüistas” (p. 17, sic).

Sendo assim, a Lexicografia tende a utilizar saberes extralingüísticos para a elaboração de dicionários, vocabulários e glossários, ou seja, o lexicógrafo precisa utilizar de uma visão mais ampla, de um conhecimento de mundo e de ciências afins, para poder analisar o contexto social ao qual a obra lexicográfica se destina. Conforme Barbosa (2001):

Nessas condições, o **lexema**, enquanto unidade-padrão do dicionário de língua, tem um significado abrangente, estruturado como um sobressema polisseêmico que contém semas relativos a diferentes *topoi*, *chronoi*, *strata* e *phasei*, ou, se, preferirmos, resulta da recuperação de normas semânticas diversas, das variações diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas; compreende vários vocábulos correspondentes a distintas acepções, que, no entanto, mantêm uma intersecção, isto é, um subconjunto semêmico definido como núcleo sêmico. Trata-se de unidade de sistema, *in absentia*.

O **vocábulo** e/ou **termo**, por sua vez, como unidade-padrão de um vocabulário técnico-científico ou especializado, por exemplo, tem um significado restrito e caracterizador de um universo de discurso, estruturado como semema que tende à monossema e que contém semas que podem relacionar-se a vários *topoi*, *chronoi*, *strata* mas são específicos de uma *phasis*. Resulta da recuperação de ocorrências relacionadas a uma norma discursiva, para cuja configuração contribui. É um modelo de realização, uma classe de equivalência de **n** palavras concretamente realizadas em textos-ocorrências integrantes do universo de discurso em causa. Trata-se de unidade de norma, *in absentia*.

A **palavra**, enfim, enquanto unidade-padrão do glossário, tem significado específico, estruturado como epissemema – daquela ocorrência, naquela combinatória – relacionado a um *chronos*, a um *topos*, a um *stratum* e a uma *phasis*. Trata-se de unidade de um discurso manifestado, *in praesentia* (p. 40, grifos da autora).

Sob a influência da Sociolinguística e da Etnolinguística, a Lexicografia passa a fazer registros das variantes linguísticas de um determinado grupo social, elaborando obras lexicográficas específicas dos falares de diferentes regiões. Portanto, neste trabalho, temos como objetivo fazer uma análise lexicológica e sociolinguística das manifestações populares, especificamente daquelas que compõem o imaginário do povo do Nordeste brasileiro, a fim de descobrir qual a importância das cantigas e dos romances para o entretenimento popular e, também, a realização de um Glossário, obra lexicográfica que compila palavras-ocorrência de uma obra ou discurso específico.

Nesse caso, buscaremos por variações socioculturais que nos remetem à tradição popular a partir de cantigas e romances resgatados e compilados por Sílvio Romero (1897), em *Cantos populares do Brasil*. Além da Lexicologia e da Lexicografia, recorreremos também aos estudos da Sociolinguística e da Etnolinguística para a realização da análise neste trabalho. Sobre essas outras duas ciências, discorreremos na seção a seguir.

2.3 Ciências afins: Sociolinguística e Etnolinguística

Partindo do princípio de Ferdinand de Saussure (2012) de que “todas as partes da língua estão submetidas à mudança” (p. 193), entendemos que isso se dá pelo uso real da língua. Assim, ela nos fornece um auxílio importante que nos permite entender alguns aspectos culturais e sociais de um determinado povo.

A língua está sempre em movimento e isso permite que haja processos de variação e mudança nesse percurso incessante de uso. Consequentemente, para observá-la em seu modo natural de mutabilidade recorreremos à Sociolinguística, ciência que vê a língua como “uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação” (CEZARIO; VOTRE, 2013, p. 141).

A Sociolinguística teve seu início como ciência por volta dos anos de 1960, nos Estados Unidos, com os estudos liderados por William Labov acerca da teoria da variação. Os pioneiros desta ciência “desenvolveram intensivas análises contrastivas entre a variedade do inglês que

era a língua materna dos alunos em questão e o chamado inglês padrão, falado e ensinado na escola” (LABOV, 1969; 1972 *apud* BORTONI-RICARDO, 2014, p. 12-13).

De caráter interdisciplinar, a Sociolinguística tem sua atenção voltada aos aspectos linguísticos, sociais, históricos e culturais de um determinado povo. Assim sendo, esta ciência aborda a heterogeneidade da língua, focalizando os empregos linguísticos concretos, tais como o surgimento e a extinção de palavras e os processos de variação e mudança linguística bem como o multilinguismo. Importante citar esses processos, pois

[...] no Brasil de hoje são falados por volta de 200 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 180 línguas (chamadas de *autóctones*), e as comunidades de descendentes de imigrantes cerca de 30 línguas (chamadas de línguas *alóctones*). Além disso, usam-se pelo menos duas línguas de sinais de comunidades surdas, línguas crioulas, e práticas linguísticas diferenciadas nos quilombos, muitos já reconhecidos pelo Estado, e outras comunidades afro-brasileiras. Finalmente, há uma ampla riqueza de usos, práticas e variedades no âmbito da própria língua portuguesa falada no Brasil, diferenças essas de caráter diatópico (variações regionais) e diastrático (variações de classes sociais) pelo menos. Somos, portanto, um país de muitas línguas, tal qual a maioria dos países do mundo – em 94% dos países são faladas mais de uma língua (BRASIL, 2006-2007, p. 3).

Essa informação nos foi dada pelo Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística do Brasil (GTDL)⁴, que mostra o quanto um país como o nosso é rico em cultura e que a diversidade linguística é um dos fatores dessa riqueza cultural, por isso a Sociolinguística leva em consideração a importância da língua no seio social, desde grandes comunidades linguísticas aos pequenos grupos socioculturais, visto que sempre haverá processos de variação linguística em qualquer comunidade, ou seja, independentemente da quantidade de falantes, vai haver variedades linguísticas e o conjunto dessas variedades é denominado por repertório verbal.

Reafirma-se, desse modo, a importância dos estudos sociolinguísticos, sobretudo por tentar abarcar essa pluralidade de falares que é uma marca constitutiva de nossa identidade. Ademais, compreender essas múltiplas formas de realização da língua pode contribuir para a diminuição do preconceito linguístico, ou seja, o resultado da comparação entre os modos de falar de alguns grupos sociais e o que é imposto na gramática e no dicionário. O preconceito linguístico impõe, portanto, a manifestação de outros preconceitos sociais.

Nas palavras de Bortoni-Ricardo (2014, p. 26), “é sempre bom reiterar que a situação de multilinguismo é mais comum no mundo que a do monolinguismo [...]. Nós, brasileiros,

⁴ O Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística do Brasil (GTDL) é composto pela Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, pelo Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e pelo Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL).

raramente atentamos para esse fato, pois a cultura brasileira é avessa a admitir a característica multilingue do nosso país”.

Seguindo por um viés diacrônico, ou seja, observando como a língua varia no decorrer do tempo, Alkimin (2006, p. 33) nos diz que “todas as línguas do mundo são continuações históricas e que gerações sucessivas de indivíduos legam a seus descendentes o domínio de uma língua particular”. Isso só reforça o caráter heterogêneo da língua e que, mesmo numa perspectiva sincrônica, dois falantes de uma mesma língua não têm a mesma linguagem por terem sido expostos a experiências linguísticas distintas (HUDSON, 1984).

São as condições sociais que determinam a importância da comunicação para a Sociolinguística. No que compete à linguagem formal, a Sociolinguística busca quebrar os estigmas para relativizar as noções de “certo” e “errado”, uma vez que

As línguas, em geral, apresentam uma diversidade que se distribui em *continuum*, da qual o falante adquire primeiro as variantes informais e, num processo sistemático e paulatino, pode vir a apropriar-se de estilos e gêneros mais formais, aproximando-se das variedades cultas e da tradição literária (MOLLICA, 2012, p. 13).

Além das variações de viés histórico (*diacrônicas*) e de formalidade (*diafásicas*) da língua, a Sociolinguística se preocupa com outros fatores que estabelecem as variações linguísticas em seus estudos. Variações decorrentes de situações associadas às classes sociais são classificadas como *diastráticas*, pois diferentes grupos sociais usam o léxico restrito à sua comunidade; já as variações geográficas ou *diatópicas* englobam a distância espacial que explicam a ocorrência dessas variações. Essa categoria permite um estudo comparativo entre os falares de cidades, estados, regiões e países diferentes.

Embora essas variações anteriormente descritas estejam bem delimitadas quanto à classificação, elas não se comportam de forma autônoma, ou seja, as variações linguísticas possuem uma relação estreita entre si, visto que a língua é um aspecto sociocultural que absorve comportamentos distintos e traduz, a partir da fala, marcas temporais, históricas, regionais e de registro. Esses aspectos são mais ou menos utilizados/atualizados pelo falante a cada situação de interlocução.

Diante do exposto, acreditamos que os estudos da Sociolinguística nos permitem entender melhor a sociedade em que estamos inseridos e, dessa forma, obter informações da produção lexical popular em seu uso real. Portanto, recorreremos novamente a Ferdinand de Saussure (2012) quando afirma que “o rio da língua corre sem interrupção; que seu curso seja tranquilo ou caudaloso é consideração secundária” (p. 193). Sendo assim, nossa proposta é

analisar a linguagem da cultura popular na obra *Cantos populares do Brasil* (1897), livre de preconceitos ou estigmas e, a partir do suporte teórico-metodológico da Sociolinguística, conduzir a embarcação no curso tranquilo do rio da língua.

Por sua vez, a Etnolinguística, “originária da sociolingüística, no sentido lato do termo, [...] é o estudo da língua enquanto expressão de uma cultura e em referência com a situação de comunicação” (DUBOIS *et al.*, 1978, p. 254, *sic*), surgiu no século XIX a partir dos estudos acerca das sociedades indígenas norte-americanas relacionando suas línguas e suas culturas. Esse estudo foi iniciado pelo antropólogo Franz Boas e, posteriormente, Edward Sapir, influenciado por Boas, deu continuidade aos estudos etnolinguísticos daquelas sociedades. Para Sapir (1969):

É especialmente importante que os linguistas, tantas vezes acusados, e acusados com justiça, de não saberem enxergar além dos elaborados padrões que depreendem em seu estudo, passem a perceber claramente o que a sua ciência significa para a interpretação da conduta humana em geral. Queiram eles ou não, terão de cada vez mais se interessar pelos múltiplos problemas antropológicos, sociológicos e psicológicos que invadem o âmbito da linguagem (p. 27).

No que tange à Etnolinguística de Boas e Sapir, é uma ciência que se preocupa com o além da linguagem de uma determinada comunidade. Ela busca investigar as relações entre a língua e tudo que a cerca, e o contexto social para a produção e adaptação linguística por esse grupo social. Mas, tomando uma posição diferente, Benjamin Lee Whorf, discípulo de Sapir, acreditava que a língua conduz a leitura de mundo dos grupos sociais e que é através da gramática que o pensamento humano é formado. Segundo André Martinet (1976):

Whorf parte do princípio de que é a língua que modela a nossa concepção do mundo. A delimitação da realidade por nós efectuada depende da gramática, não sendo esta apenas um instrumento de expressão das ideias, mas aquilo que dá forma a estas ideias e guia a actividade mental do indivíduo na análise de sua experiência (p. 97, *sic*).

Contudo, o ponto de vista acrescentado por Whorf não diminui o mérito de Boas e Sapir e de seus estudos a partir das línguas indígenas na costa do Pacífico Norte, que deram origem à Etnolinguística, pelo contrário, suas contribuições ampliaram o domínio dessa ciência, que passou a ser vista como “o estudo da linguagem em relação com a civilização e cultura das comunidades falantes” (COSERIU, 1978, p. 5).

No entanto, o que diferencia a Etnolinguística da Sociolinguística é que essa analisa a língua a partir das variações e mudanças dentro de um contexto social e aquela tem por objeto a língua como manifestação da cultura do sujeito falante. Coseriu (1978) distingue a

Etnolinguística, de fato, é uma “Etnografia linguística”, pois, para ele, fatos linguísticos determinados pelos saberes acerca das coisas cabem à Etnolinguística, ao passo que a Etnografia linguística estuda a cultura expressa pela linguagem enquanto manifestação cultural.

Observando de perto, a relação entre língua, sociedade e cultura nos permite entender os modos de vida e valores identitários de um determinado povo, por isso, quando estudamos uma determinada língua, observamos que vários contextos (sociais, culturais, geográficos, etários etc.) tornam-se elementos que determinam as variações. Portanto, esses contextos nos ajudam a justificar alguns fatos que a linguística sozinha não seria capaz de determinar. Dessa forma, a Sociolinguística e a Etnolinguística nos dão suporte para esse olhar sociocultural sobre a linguagem, já que cabe à Sociolinguística organizar e traçar o percurso dos processos de variação e mudança e à Etnolinguística a responsabilidade de relacionar a língua e a cultura.

Rica em manifestações populares, a cultura “é o conjunto complexo das representações, dos juízos ideológicos e dos sentimentos que se transmitem no interior de uma comunidade” (DUBOIS *et al.*, 1978, p. 163). No entendimento de Dussel (1997, p. 32), “é o conjunto orgânico de comportamentos predeterminados por atitudes diante dos instrumentos de civilização, cujo conteúdo teleológico é constituído pelos valores e símbolos do grupo”. Em outras palavras, é através da cultura que o povo manifesta suas formas de representação do mundo através da linguagem, seja ela artística, científica, popular etc., já que “a língua pode revelar os modos de vida e os valores culturais de uma sociedade” (BAYLON, 1991, p. 50).

Por sua vez, para Terry Eagleton (2011, p. 16-17), “a cultura é uma espécie de pedagogia que nos torna aptos para a cidadania política ao liberar o eu ideal ou coletivo escondido dentro de cada um de nós”, logo, “as relações entre língua, sociedade e cultura são tão íntimas que, muitas vezes, torna-se difícil separar uma da outra ou dizer onde uma termina e a outra começa” (ARAGÃO, 2005, s/p.).

Partindo dessas concepções, discutiremos mais acerca da cultura a partir das manifestações populares, mais especificamente no que concerne à literatura, no capítulo a seguir.

3 AS MANIFESTAÇÕES DA CULTURA A PARTIR DA LITERATURA POPULAR

Desde os primórdios da vida em sociedade que a humanidade desenvolve diferentes modos de organização da vida social. Nossa história relata inúmeras transformações culturais ao longo da civilização humana e mantém registrado o quanto a cultura de um povo se move em direção a outras culturas, pelo contato direto com elas ou por adaptação a necessidades atuais desse povo. Por isso, numa visão antropológica, a multiplicidade cultural torna-se o principal alvo de discussões no que compete a características culturais que unem ou diferenciam povos distintos.

A riqueza cultural é manifestada por diversas formas de expressão, sendo “a língua [...] como reveladora do modo de vida de uma sociedade e seus valores culturais, ou como reveladora da estrutura social e das mudanças que ocorreram dentro da sociedade”⁵ (FRIBOURG, 1978, p. 104, tradução nossa). A língua é quem revela todos os costumes adquiridos por nós no decorrer de nossas vidas. Esses costumes são repassados de geração em geração e vão se modificando aos poucos quando entramos em contato com outras culturas.

Há diversos pontos de convergência entre língua e cultura, pois ambos se constituem de signos e símbolos em suas estruturas. Assim como o signo linguístico (SAUSSURE, 2012), a cultura também é arbitrária, pois nela há sempre uma convenção quanto ao seu usufruto por uma determinada sociedade.

Por ser arbitrária, a cultura possui uma característica heterogênea que Terry Eagleton (2011) chama de “pluralismo cultural” e cita Edward Saïd quando diz que “todas as culturas estão envolvidas umas com as outras; nenhuma é isolada e pura, todas são híbridas, heterogêneas, extraordinariamente diferenciadas e não monolíticas” (SAÏD *apud* EAGLETON, 2011, p. 28-29), portanto, para ele, pluralismo faz supor a existência de identidade, já que a cultura abrange todas as formas de comportamento do povo.

Pensando num viés da cultura que remete às artes, parece haver uma relação de antítese entre o erudito e o popular. Para David Edgar:

Primeiro, existe o modelo aristocrático, que vê o papel da arte como enobrecimento, seu domínio, a nação, sua forma organizacional, a instituição, seu repertório, o cânone estabelecido e as obras que aspiram juntar-se a ele, seu público básico, a elite cultural. Em oposição tradicional ao modelo aristocrático está o modelo popular, que vê o objetivo primário da arte como entretenimento, seu domínio, o mercado, sua forma, o negócio, seu público, as massas (EDGAR *apud* EAGLETON, 2011, p. 181).

⁵ “La langue [...] soit comme révélatrice du mode de vie d’une société et de ses valeurs culturelles, soit comme révélatrice de la structure sociale et des changements survenus au sien de la société” (FRIBOURG, 1978, p. 104).

No entanto, vale salientar que essa oposição se dá apenas na forma de produção dessas vertentes, pois “aculturar um povo se traduziria, afinal, em sujeitá-lo ou, no melhor dos casos, adaptá-lo tecnologicamente a um certo padrão tido como superior” (BOSI, 1992, p. 17), só que é inconcebível hierarquizar quaisquer manifestações culturais já que não há como afirmar que as características de uma são superiores às da outra, podemos apenas entender o direcionamento da significação que cada variação dá ao seu modo de ver o mundo.

Ainda na concepção de Bosi (1992):

Se pelo termo **cultura** entendemos uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades), e uma **cultura popular**, basicamente iletrada, [...] sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna (p. 309, grifos do autor).

Em consonância com o autor, entendemos, então, que a cultura popular trata das manifestações culturais de classes sociais distintas da elite cultural, ou seja, são manifestações que se formam a partir do conhecimento de uma realidade própria, que tem como base o poder transformador da luta contra a opressão sofrida pelo povo no decorrer da história. Concordamos com Martins (2004, p. 137) quando afirma que “a arte quando vista no conjunto global dos fatos humanos não é mais do que um dos elementos constitutivos da superestrutura social, juntamente com as concepções e instituições políticas, jurídicas, científicas, religiosas e filosóficas existentes na sociedade”.

Porém, neste momento, não é de nosso interesse trazer questões politizadas acerca das lutas de classe ou de desigualdades sociais, mas abordar, de um modo mais objetivo, a concepção de uma cultura originária do povo como um patrimônio próprio, sua valorização e preservação, especificamente quando se trata das artes a partir da linguagem literária popular.

Nosso intuito, então, é apresentar algumas das manifestações literárias idealizadas pelo povo para seu próprio entretenimento. Além do entretenimento, a literatura popular possui um caráter educativo pois, para lidar com problemas concretos, ela se apropria de princípios morais para sua realização e didatização do seu povo. Assim, através da oralidade, de forma simples e espontânea, a literatura popular expressa os valores, as crenças e os registros históricos contidos no imaginário do povo.

A seguir, exploraremos com mais detalhes alguns conceitos de literatura popular, sua função social e suas principais realizações contidas no folclore brasileiro.

3.1 O que é Literatura Popular?

Genericamente, a crítica responde a essa pergunta com “literatura feita pelo povo para o povo”, porém, para nossa concepção, a Literatura Popular possui uma definição mais profunda. Conhecida por Literatura Popular de Tradição Oral, Literatura Oral Tradicional, ou simplesmente Literatura Popular, essa corrente foi definida, em 1913, por Paul Sébillot (*apud* CASCUDO, 1984) como a literatura que se apresenta como substituto às produções literárias para quem não lê.

Luís da Câmara Cascudo (1984) complementa afirmando que “essa literatura, que seria limitada aos provérbios, adivinhações, contos, frases-feitas, orações, cantos, ampliou-se alcançando horizontes maiores. Sua característica é a persistência pela oralidade” (p. 23). Assim, essa qualidade distintiva tão marcante da Literatura Popular adentrou na denominação e passou a ser uma das causas que mantêm sua permanência até os dias atuais.

Numa perspectiva tradicional,

‘Literatura popular’ significa aquela literatura que exprime, de modo espontâneo e natural, na sua profunda genuinidade, o espírito nacional de um povo, tal como aparece modelado na peculiaridade das suas crenças, dos seus valores tradicionais e do seu viver histórico. [...] É a literatura que exprime os sentimentos, os problemas e os anseios do povo, entendendo-se por povo a classe social trabalhadora que se contrapõe às classes sociais hegemônicas, detentoras dos meios de produção econômica e ideológica e dos mecanismos de dominação política (AGUIAR E SILVA, 2007, p. 116).

Desse modo, a denotação “feita pelo povo para o povo” é de grande valia para caracterizar essa literatura, pois ressalta a organicidade de sua construção e manutenção através dos tempos e sua fácil adaptação aos contextos atuais. Entendemos como povo um conjunto de pessoas que compartilham a mesma língua e os mesmos costumes, história e interesses semelhantes. O povo, portanto, se utiliza de seu patrimônio cultural para o entretenimento social, resgatando antigas histórias e transformando-as em sentimentos, valores e afetos que são indispensáveis para a vida social.

A origem da Literatura Popular é desconhecida, embora a crítica sugira um marco inicial para as manifestações literárias populares. A exemplo de Joseph Maria Luyten (1987), que afirma que a interpretação através da linguagem regional para a comunicação eclesiástica, em vez do Latim, língua oficial da Igreja Cristã da Europa no século XII, é o início da Literatura Popular. Nas palavras do professor: “Aos poucos, porém, as pessoas do povo iam contando suas histórias e compondo seus versos, de forma primitiva. Mas não tinha outro jeito, pois toda a comunicação anterior oficial era em latim e tratava de assuntos eruditos ou religiosos” (p. 16).

Mais adiante, Luyten (1987) ressalta que “é exatamente nesses três lugares onde começa a literatura popular, onde se concentravam poetas nômades (entre as raras pessoas que tinham locomoção livre) e que funcionavam como verdadeiros jornalistas, contando as novidades e cantando poemas de aventuras e bravezas” (p. 17). Os lugares a que o autor se refere são pontos famosos de peregrinação na Europa medieval: a Santa Sé, em Roma; a Terra Santa, em Jerusalém; e Santiago de Compostela, na Galícia (Norte da Espanha).

No Brasil, o interesse pela Literatura Popular começa a partir dos estudos de Sylvio Romero⁶ (1851-1914), no ano de 1883. As obras que inauguram as pesquisas da Literatura Popular Brasileira são as coletâneas *Cantos populares do Brasil* (1883/1897), *Contos populares do Brasil* (1885/1897) e *Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil* (1888). A segunda edição de *Cantos populares do Brasil* (1897) é a obra que compõe o *corpus* desta dissertação.

A Literatura Popular no Brasil originou-se a partir da sua composição histórica: a miscigenação dos povos aqui presentes, após a colonização, não originou apenas populações mestiças, mas também a mistura de culturas que se adaptavam à nova terra. Para Sílvia Romero (1897):

O que se pode assegurar è que, no primeiro século da colonisação, portugueses, indios e negros, acharam-se em frente uns dos outros, e diante de uma natureza esplendida, em luta, tendo por armas o obuz, a flecha e a enxada, e por lenitivo as saudades da terra natal. O portuguez lutava, vencia e escravizava ; o indio defendia-se, era vencido, fugia ou ficava captivo , o africano trabalhava, trabalhava... Todos deviam cantar, porque todos tinham saudades ; o portuguez de seus lares, d'além mar, o indio de suas selvas, que ia perdendo, e o negro de suas palhoças, que nunca mais havia de ver (p. III, *sic.*).

Nesse trecho, podemos observar que o autor ressalta que os povos que lutavam pela sobrevivência naquele momento de dominação entoavam canções representando a saudade de suas terras em tempos de paz. Assim, a dominação do europeu em suas novas terras não impôs apenas a língua portuguesa como forma de comunicação, mas também a cultura que era prioritária às de outras raças.

Seguindo na concepção de Romero (1897),

O europeu foi o concorrente mais robusto por sua cultura e o que deixou mais tradições. No século XVI, pois, por uma lei de evolução que dá em resultado antecederem as fórmulas simples às mais compostas, as canções e contos populares das três raças ainda corriam dosaggregados, diferenciados. Nos séculos seguintes, sobretudo no XVII XVIII, é que se foram cruzando e

⁶ Nota-se que a grafia do nome do pesquisador encontra-se diferente de quando o citamos anteriormente (Cap. 2.2). Neste trabalho, referenciamos a obra *Cantos Populares do Brasil* (1897) com a grafia “Sylvio Romero”, pois é a forma que está disposta nesse material, em outros momentos, seguiremos com a forma atual “Sílvia Romero”.

aglutinando para integrar-se á parte, produzindo o corpo de tradições do povo brasileiro. Nós ainda hoje assistimos a este processo de integração (p. IV, *sic.*)

No entanto, é fato que a mistura de culturas só se deu muito tempo depois da chegada dos portugueses em 1500, pois, durante o primeiro século de colonização, a cultura europeia trazida pelos colonizadores era considerada superior e foi imposta aos nativos pelos padres jesuítas da Companhia de Jesus. Só a partir do século XVII o processo de hibridismo cultural passou a ser observado tanto na língua quanto na cultura brasileira.

Alfredo Bosi afirma que

Como se articulam nesses livros clássicos e na literatura etnológica do tempo o interesse pela cultura popular e a ciência preconceituosa e colonialista dos fins do século XIX? E ler os ricos ensaios escritos a cavaleiro dos dois séculos por grandes estudiosos do nosso folclore e da nossa **literatura oral**, um Sílvia Romero, um João Ribeiro. O índio, o negro, o mestiço, mulato ou caboclo são vistos como seres dignos de simpatia, embora mais toscos, mais rudes, mais instintivos, em suma, mais primitivos, e, palavra que escapa, **inferiores** aos brancos (1992, p. 332, grifos do autor).

A partir dessa questão, observamos que até o início do século XX ainda é possível perceber resquícios de segregação no que cabe às culturas indígenas e africanas, embora de forma sutil. Em 1903, no prefácio da primeira edição de *Cancioneiro do Norte* (1967), Rodrigues de Carvalho afirma que

Na arte do canto, seja a música instrumentada ou o verso pôsto em solfa, observa-se que entre as **raças inferiores** há a maior pobreza de notas na combinação de sons.

Entre os **negros africanos** natos o canto é uma espécie de uivo guturado, com a cadência de três ou quatro notas diferentes; o instrumento musical, marimbau, puita ou maracá, vibra na monotonia das mesmas três notas.

Entre os **indígenas do Brasil** o fenômeno na arte da harmonia não difere: o pífano em forma de tubo [...] ou o tambor, ambos vibrados na algazarra dos cerimoniais festivos, não soam senão em três notas.

Daí a necessidade dos estribilhos muitas vezes repetidos no canto, as palmas ritmadas nas danças, as palavras de enxerto na trova (p. 51, grifos nossos, *sic.*).

Décadas depois, o conceito de Literatura Popular foi atualizado e descrito como uma composição cultural de elementos das três raças formadoras da cultura brasileira. Nas palavras de Cascudo (1984), “Índigenas, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poetas, poetas e cantores profissionais, uma já longa e espalhada admiração ao redor dos homens que sabiam falar e entoar” (p. 29).

Para o autor, a imagem do indígena e do africano precisa ser corrigida na nossa história e suas culturas originais precisam ser tão respeitadas quanto a cultura do europeu trazida pelos

portugueses no momento da colonização. Portanto, a Literatura Popular “reúne todas as manifestações da recreação popular mantidas pela tradição” (CASCUDO, 1984, p. 29), sendo essa tradição uma herança cultural, transmitida de geração em geração, por aqueles que nos antecederam, sem distinções.

Na atualidade, enxergamos a Literatura Popular como um patrimônio cultural, atemporal, preservado pelo costume, transmitido oralmente por interações de grupos domésticos, sociais e/ou regionais. A Literatura Popular, então, resiste ao tempo, mas vai se atualizando com novos elementos a cada interação, mas sem perder o caráter didático, ou seja, as lições transmitidas implicitamente entre gerações e do conhecimento do povo em suas manifestações artísticas.

Sintetizando, a Literatura Popular é um segmento do folclore, “conjunto de costumes, lendas, provérbios, manifestações artísticas em geral, preservado por um povo ou grupo populacional, por meio da tradição oral” (HOUAISS, 2009) e este possui características distintivas e funções sociais que descreveremos melhor na próxima seção.

3.2 O Folclore na Literatura Popular

Muitas vezes confundido com a Cultura Popular, o Folclore possui características próprias que os distingue. Aquela trata de padrões de comportamento distintivos de um determinado povo, este vai mais além, pois trata do conhecimento trazido da antiguidade e transmitido oralmente de geração a geração, tornando-se, então, contemporâneo. Nesse sentido, Carlos Rodrigues Brandão (1984) afirma que: “Vizinhos, eles não são iguais, e sob certos aspectos podem ser até opostos. Não são poucas as pessoas que acreditam que os dois nomes servem às mesmas realidades e, apenas folclore é o nome mais “conservador” daquilo de que cultura popular é o nome mais progressista” (p. 24).

Do ponto de vista da antiguidade e ainda de uso contemporâneo, o conhecimento precisa dessa característica para ser folclórico. Para Cascudo (2012), “uma anedota é tipicamente documento folclórico, mas, ao redor de nome contemporâneo, de acontecimento recente, participa da literatura popular, oral, ágrafa, mas somente o tempo, dando-lhe a pátina da autenticidade, a fará folclórica” (p. 13). É necessário que a manifestação seja antiga no imaginário popular para considerá-la folclórica.

Outra característica bem marcante do Folclore é o anonimato da criação de tal produção. “Natural é que uma produção que se popularizou seja folclórica quando se torne anônima, antiga, resistindo ao esquecimento e sempre citada, num ou noutro meio denunciador da

predileção ambiental” (CASCUDO, 1984, p. 24). Como visto, além da antiguidade e do anonimato, o Folclore é tudo aquilo que persiste na memória do povo e que vai sendo transmitido pela oralidade tanto em certas ocasiões especiais (festas, ritos etc.) quanto nos hábitos comuns do dia a dia.

Seguindo ainda pelo conceito apresentado por Luís da Câmara Cascudo,

O folclórico decorre da memória coletiva, indistinta e contínua. Deverá ser sempre o popular e mais uma sobrevivência. O popular moderno, canção de Carnaval, anedota de papagaio com intenção satírica, novo passo numa dança conhecida, tornar-se-ão folclóricos quando perderem as tonalidades da época de sua criação (CASCUDO, 1984, p. 24-25).

O termo Folclore foi criado pelo escritor e arqueólogo britânico Willian John Thoms, em 1846, a partir da junção das palavras *Folk* (povo) e *Lore* (conhecimento). Para Costa (2015, s/p), “o termo parecia apropriado para englobar o material que era coletado na época, entendido como ‘antiguidades populares’, ‘superstições’ ou ‘curiosidades’, e delinear uma metodologia mais adequada para a identificação e registro desse material”. Portanto, a partir de então, o objetivo do Folclore é estudar as tradições não escritas do povo em suas mais diversas formas, tais como festas, rituais, costumes, mitos e lendas, produções literárias etc.

No entanto,

Sempre que se cante a uma criança uma cantiga de ninar; sempre que se use uma canção, uma adivinha, uma parlenda, uma rima de contar, no quarto das crianças ou na escola; sempre que ditos, provérbios, fábulas, estórias bobas e contos populares sejam reapresentados; sempre que, por hábito ou inclinação, agente se entregue a cantos e danças, a jogos antigos, a folguedos, para marcar a passagem do ano e as festividades usuais; [...] aí veremos o folclore em seu próprio domínio, sempre em ação, vivo e mutável, sempre pronto a agarrar e assimilar novos elementos em seu caminho. Ele é antiquado, depressa recua de primeiras cidadelas ao impacto do progresso e da indústria modernos; é o adversário do número em série, do produto estampado e do padrão patenteado. (UTLEY *apud* BRANDÃO, 1984, p. 22-23).

No Brasil, em 1951, foi redigida a “Carta do Folclore Brasileiro” (Anexo 1) durante a realização do I Congresso Brasileiro de Folclore, de 22 a 31 de agosto, no Rio de Janeiro. Nela foi estabelecido o que deve ser considerado como Folclore. Porém, no ano de 1995, em Salvador, Bahia, houve a releitura da “Carta” (Anexo 2) no VIII Congresso Brasileiro de Folclore. Devido às transformações sociais no Brasil e ao avanço das Ciências Humanas e Sociais, a releitura da Carta deu maior ênfase à importância do Folclore para a cultura brasileira em geral e como uma maneira de integralizar os povos, afirmando nossa identidade cultural.

O Folclore Brasileiro passa a ser, oficialmente, tudo aquilo de criação anônima que se vive na coletividade e que é conhecido e reproduzido por todos os membros de uma sociedade. Nas palavras de Brandão (1984):

Os provérbios que repetimos de vez em quando, os padrões das colchas de fiadeira ou das rendas de bilro, os modos artesanais de se fazer a pesca no mar, o sistema de rimas das modas do fandango paranaense, algumas marchas de rua e as longas e antigas ‘embaixadas’ dos ternos de congos tiveram um dia seus criadores. Mas justamente porque foram aceitas, coletivizadas, com o tempo a memória oral, que é o caminho por onde flui o saber do folclore, esqueceu autorias, modificou elementos de origens e retraduziu tudo como um conhecimento coletivo, **popular** (p. 34, grifo do autor).

Sendo assim, o Folclore Brasileiro deixa de ser apenas uma convenção social e passa a ser, de fato, um identificador de sujeitos politizados, conscientes de sua classe, (re)produtores de uma cultura própria que se adapta a seu meio de forma concreta e dinâmica, além de um fazer sobre a vida. O Folclore traduz a identidade social de um povo, uma vez que as manifestações identificam as marcas individuais de seus sujeitos e são passadas adiante, de maneira natural, pois, “onde estiver o homem aí viverá uma fonte de criação e divulgação folclórica” (CASCUDO, 1998, p. 401).

A Literatura Popular é folclórica quando persiste em si os fundamentos de sua cultura na memória, mas, ao mesmo tempo, adaptando a novos modos de vida do nosso povo. A divulgação, ou seja, a transmissão através da oralidade, remete a um conhecimento tradicional dos antepassados que permanece em uso para fins educativos e recreativos.

Desse modo, alguns gêneros de origem popular compõem nossa Literatura Oral Tradicional. Adiante, refletiremos acerca dos gêneros mais conhecidos, que dividiremos a partir de sua estrutura em prosa e poesia.

3.2.1 PROSA

A todo momento ouvimos histórias de “antigamente” que nos fornecem algum ensinamento. Seja um provérbio ou um ditado popular, sempre aprendemos algo quando os ouvimos, pois são gêneros que trazem uma filosofia de vida e carrega em si uma fonte de sabedoria (TEIXEIRA, 2000).

Mesmo sem comprovação histórica, esses exemplos estão enraizados profundamente na cultura de um povo e são transmitidos por nossos pais, avós ou outras pessoas mais velhas que fazem parte do nosso convívio.

Essas histórias determinam certos valores, conservam críticas sociais do saber coletivo e permanecem no imaginário popular como verdade absoluta. “Iguais em várias partes do Mundo, semelhantes há dezenas de séculos, diferem em pormenores, e essa diferenciação caracteriza, sinalando o típico, imobilizando-a num ponto certo da terra” (CASCUDO, 1984, p. 52).

Transmitidas em prosa, ou seja, numa linguagem de expressão natural, as histórias populares se fixam na cultura do povo pelo aspecto do maravilhoso ou cômico que trazem. O gênero mais comum dessas histórias é o Conto Popular, pois trata de assuntos diversos para ensinar ou até mesmo entreter as pessoas ao redor. O gênero Conto Popular foi dividido por Luís da Câmara Cascudo (2012, p. 56-57) da seguinte maneira:

Contos de Encantamento, quando intervém o maravilhoso, sobrenatural, mágico.

Contos de Exemplo, com intenção moral.

Contos de Animais, fábulas ou simplesmente ações de astúcia, hilariantes.

Facécias, anedotas.

Contos Religiosos, com intervenção divina, Deus, Santos, Anjos, Nossa Senhora.

Contos Etiológicos, explicando a forma curiosa de um animal, vegetal, mineral.

Contos de Adivinhação, onde a vitória do herói depende de decifrar um enigma.

Contos Acumulativos, onde o assunto é uma série encadeada de motivos.

Natureza Denunciante, onde o crime oculto é tornado público e punido pela denúncia de animais, plantas, pedras, estrelas, etc.

Demônio Logrado, temas em que o Diabo é vencido pela astúcia do homem.

Ciclo da Morte, contos em que a Morte, personalizada, participa e sempre vence.

Contos Sem Fim, em que o herói deverá contar uma história sem fim.

Como visto, há uma variedade de tipos de Contos Populares que habitam o imaginário popular e reforçam os ensinamentos da moral, da fé, da origem das coisas, do inexplicável, do terror, além de brincadeiras e humor.

Também contada em prosa, temos a Lenda. Sendo uma “narrativa de caráter maravilhoso em que um fato histórico se amplifica e transforma sob o efeito da evocação poética ou da imaginação popular” (HOUAISS, 2009). A Lenda se fixa devido a seu valor local. De origem anônima, mas com localização precisa, a Lenda se confunde com a História e passa a ser tratada como tal. Resumindo, a Lenda é uma ampliação de fatos históricos transformados

em imaginação popular e, conseqüentemente, perdendo a veracidade no decorrer do tempo, mas com a função de trazer sapiência ou lição de moral⁷.

A Anekdota, por sua vez, tem como característica a brevidade, a irreverência e um final inesperado no seu enredo. Com a finalidade de fazer rir, ela toma por ironia virtudes humanas, geralmente de forma engraçada ou provocante, sem se preocupar com as palavras (muitas vezes há palavrões ou expressões de baixo calão) ou com o que é dito como politicamente correto. Para Cascudo (1984, p. 75), “uma anedota expressa uma época, uma fisionomia, um temperamento, como raros documentos conjugados”, ou seja, ela traduz tudo aquilo que a sociedade repreende de forma satírica, com rapidez na transmissão.

Muito comum entre os grupos sociais, encontramos os Provérbios ou Ditados Populares. Estes são repetidos com frequência sempre que surge uma adversidade. Com origem anônima ou adaptações de passagens bíblicas, os Provérbios têm a finalidade de confortar, aconselhar, ensinar ou alertar quem o ouve. Rico em imagens, este gênero é sempre utilizado nos mais variados contextos e traz sempre uma lógica para as situações de vida do povo. Pode ser em prosa ou em verso, mas o cuidado com as palavras é o que prevalece para que a metáfora nele contida seja aceita pelo receptor.

Os gêneros acima descritos são um pequeno exemplo da abundância de manifestações populares em prosa na nossa cultura. Com a finalidade de entreter, ensinar, divertir, acalantar, alertar etc., a Literatura Popular mantém sua tradição através da transmissão oral e nos permite obter informações sociais, regras da vida diária consentidas pelos antepassados e que, até hoje, são formadoras de princípios básicos da vida social do povo.

Se mantida apenas na oralidade, a prosa na Literatura Popular tende a desaparecer com o tempo, o que a ajuda a se manter no imaginário do povo é sua brevidade e frequência de uso em diversas situações. A poesia, por sua vez, tende a perdurar mais na memória pelo cuidado com as palavras, o uso natural das rimas e, principalmente, pela musicalidade contida nela. Cascudo (1984, p. 365) diz que “nós vivemos através de fórmulas e de cantigas. Cantigas que são orações, ritmos de marcha, estudos, superstições, devotamentos. Para o mundo primitivo o canto tinha a explicação intrínseca da própria substância vital”. Para tanto, descreveremos a seguir alguns desses gêneros que se mantêm na memória coletiva e com os quais temos contato desde cedo através da vivência em sociedade.

⁷ Vale ressaltar a semelhança com o gênero fábula, portanto, este se trata de uma narrativa curta e que seus personagens são animais. A lenda é uma narrativa que pode ser curta ou longa e que conta algum fato da cultura local, sendo fictício ou não, mas contendo elementos fantásticos para explicar tais acontecimentos.

3.2.2 POESIA

A poesia popular é a manifestação cultural que tende a perdurar mais que a prosa. Compostos por rimas geralmente cantadas, os gêneros da poesia popular são mais fáceis de memorizar e serem transmitidos entre as gerações. Desde a mais tenra infância somos embalados com as Cantigas de Ninar, aprendemos as primeiras lições ou princípios, em casa mesmo, com as Mnemonias⁸, e mais tarde brincamos com Cantigas de Roda, Parlendas e Adivinhas.

Os gêneros acima descritos fazem parte do Cancioneiro, “coleção de poemas de apelo popular” (HOUAISS, 2009) e, conforme a crítica,

[...] é através da arte dos trovadores que se inicia a literatura portuguesa. Foi por volta do século XII que as primeiras manifestações da literatura portuguesa, ou seja, as composições poéticas e artísticas fizeram surgir os cancioneiros de cantigas líricas ou satíricas, manuscritos em cadernos por trovadores em forma de coletânea. Tornaram-se mais conhecidos os Cancioneiros da Ajuda, da Vaticana e da Biblioteca Nacional (ROCHA, 2017, p. 26-27).

No Brasil, as cantigas tradicionais começaram a ser resgatadas e compiladas a partir da obra *Cantos Populares do Brasil* (1897), de Sílvio Romero. Para o autor, “o povo, em verdade, deve de preferencia ser observado na sua laboriosa luta pela vida. Ele então canta e o seu cantar é masculino e sadio” (ROMERO, 1897, p. XVII, *sic.*). O Cancioneiro, então, mais que uma coleção de cantigas tradicionais, é um documento que expressa a individualidade da cultura de um povo.

As cantigas populares desempenham um papel social importante na cultura, visto que uma **Cantiga de Ninar** embala e adormece crianças; uma **Cantiga de Brincar** ou **de Roda** entretém e promove a interação infantil; nas festas religiosas, como o Reisado, o Pastoril, o Bumba-meu-boi, há a manifestação de **Cantigas de Folgado**, assim como na religião os conceitos básicos são entoados pelas **Cantigas Religiosas**, pelas Orações, Benditos e Incelenças; **Parlendas** e **Mnemonias** entretêm e ensinam pelo jogo de palavras, sonoridades e rimas.

Conforme Cascudo (1984, p. 366),

Essas cantigas, ritmos, parlendas não os aprendemos nem decoramos jamais. Aparecem na memória inexplicavelmente. Foram ouvidas, repetidas e se

⁸ Sequência de palavras e/ou de sons de fácil memorização. Diz-se que a partir da mnemonia, memorizamos fórmulas e listas partindo do simples para o complexo, já que a mente humana tem mais facilidade em memorizar dados em situações informais ou de importância relativa.

fixaram como visitas que passaram a hóspedes e destes moradores definitivos. O poder dessa massa de versos, perpetuamente em movimento de memória em memória, a maioria sem registro e publicação, é admirável de vitalidade e de persistência. É um alimento que não dispensamos e nos é servido sem que saibamos por quem. Aprendemos cantando, dançando, girando, correndo. Pela vida, outras fórmulas surgem e se impõem, categoricamente, como resumos de regras de ação social. Assimilamos todo esse ‘corpus’ educacional sem jamais vermos sua autorização provando a indispensabilidade.

Dito isso, o autor reforça nosso argumento de que as cantigas populares vão além do entretenimento. Elas nos acompanham e são evocadas em vários âmbitos de nossas vidas. Nós as compartilhamos com outrem e estas a levam adiante, adaptando-as a seu meio, ensinando e entreteendo.

Assim como as Cantigas Tradicionais, os Romances Populares também fazem parte da nossa Literatura Oral. Surgida a partir do século XI na Península Ibérica, a palavra “romance” passou a designar um tipo de poesia. Ressaltamos aqui que não podemos confundir o Romance Popular com o gênero Romance moderno. O primeiro trata-se de narrativas curtas, cantadas em versos, de transmissão oral e com autoria geralmente anônima; o segundo trata-se de uma composição em prosa, relativamente extensa, que narra fatos ficcionais, às vezes inspirados em acontecimentos reais, com interesse em relatar “temas na problemática da vida cotidiana, numa abordagem que lhe assegure naturalidade, verossimilhança” (PIRES, 1985, p. 128).

Com a transmissão pela Europa, o Romance passou a ser conhecido por *Balada*, na Inglaterra; *Lied*, na Alemanha; *Chanson Populaire*, na França; e assim por diante (LIMA, 1971). O autor ainda afirma que esse gênero deriva das canções de gesta, cantos épicos dos cavaleiros medievais, que foram assimiladas pelos pobres e artesãos. No entanto, por volta do século XV, o Romance passou a ser evocado pelas cortes europeias, produzido por poetas profissionais para entreter os nobres, simultaneamente às produções populares cantadas, acompanhadas sempre por um instrumento musical como a lira, a harpa, a rabeca, o chocalho.

No Brasil, o Romance foi trazido pelos primeiros colonos e “resistiu até princípios do séc. XX” (CASCUDO, 1984, p. 209). O autor afirma que o número de Romances diminuiu a cada ano na memória coletiva, mas que muitos deles transformaram-se em acalantos, rodas infantis, pequenos autos ou folganças. No entanto, ainda há manifestações remanescentes encontradas em todo o território nacional. Elas mantêm como característica o caráter dramático-narrativo, embora tenham surgido novas variantes, as quais, conforme explica Rossini Tavares de Lima, têm suas gêneses nos “velhos romances ibéricos [...] e mesmo outros mais novos, modelados nos antigos” (1971, p. 3), tais como modas-de-viola, abecês, décimas etc.

Para resumir, concordamos com Luís da Câmara Cascudo (1984) quando diz que

O romance tradicional era uma ação. Foi o modelo para a poesia heróica com que se cantou a valentia inútil dos cangaceiros, afoiteza dos ciclos do gado, derrubadas, ferras, batalhas anônimas dentro das capoeiras. O modelo era fácil e sugestivo. Dividiu-se nas quadras e pelos fins do século XVIII nas sextilhas de sete sílabas, o metro secular para os **rimances** e canções de gesta. Creio ter sido o romance o primeiro verso cantado pelo português no Brasil. E esses versos vieram aos nossos dias, numa persistência que denuncia a vitalidade da espécie popular no espírito coletivo (p. 227, grifo do autor).

Como se vê, a poesia popular está até hoje no imaginário coletivo e teve sua transmissão, entre as gerações, através da oralidade. Os Cancioneiros e os Romanceiros foram elaborados como uma forma de registro, para evitar que a literatura do povo caia de vez no esquecimento.

Um gênero da poesia popular que ainda mantém todo seu vigor na atualidade é a Literatura de Cordel. Gênero da modalidade escrita, o Cordel tem esse nome porque, antigamente, em Portugal e Espanha, os livretos eram expostos em barbantes. Porém, não é só a modalidade de transmissão que difere o Cordel dos gêneros das Cantigas e Romances, mas, também, a autoria dos poemas. No Cordel, sabemos quem são os escritores, pois seus nomes estão ilustrados na capa, junto ao título do poema e a uma imagem feita em xilogravura, representando o tema escolhido para a história.

Embora bastante comum na nossa tradição, trouxemos a Literatura de Cordel só a nível de exemplo de poesia popular, pois, nesta pesquisa, abordaremos apenas os gêneros de transmissão oral. Objetivamos, portanto, analisar o léxico de origem regional contido nas Cantigas e Romances na obra *Cantos Populares do Brasil* (1897), de Sílvio Romero. Descreveremos com mais detalhes esta pesquisa no próximo capítulo.

4 DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo, detalharemos os procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa na qual investigamos a linguagem popular nordestina na obra *Cantos Populares do Brasil* (1897), de Silvio Romero. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de análise léxico-semântica, desenvolvida em algumas etapas de trabalho, que nos auxiliaram, de forma complementar, a atingir os objetivos pretendidos para este estudo. Diante disso, descreveremos a seguir como se deram essas etapas:

4.1 Pesquisa Bibliográfica

Iniciamos com os estudos teóricos acerca das ciências aplicadas na pesquisa, mais precisamente as ciências do léxico e afins: Lexicologia, Lexicografia, Sociolinguística e Etnolinguística. Os estudos lexicológicos e lexicográficos nos deram o suporte necessário para entendermos alguns conceitos básicos, os quais revisaremos a seguir:

- I. Lexicologia é a ciência que estuda o léxico quanto ao seu significado, classificação e relação com outros léxicos da mesma língua. O estudo da Lexicologia nos permitiu realizar a seleção e análise das lexias resgatadas da obra analisada;
- II. Lexicografia é a ciência que concebe a técnica de elaboração de dicionários. A Lexicografia nos deu o suporte necessário para a elaboração do “Glossário da linguagem Regional em *Cantos Populares do Brasil* (1897), de Sílvia Romero”, Capítulo 5 desta dissertação;
- III. Léxico é o acervo de unidades lexicais, ou seja, de palavras que compõem o repertório comunicativo de um povo. O estudo do léxico nos permitiu fazer as escolhas das variantes populares, ou seja, as variantes que mais representam os aspectos sociais, regionais e culturais do falar nordestino contido nos Romances e Cantigas populares resgatados por Sílvia Romero, em *Cantos Populares do Brasil* (1897);
- IV. Lexia é a unidade básica do léxico e são classificadas em simples (formada por um só lexema), composta (formada pela aglutinação de diversos lexemas), complexa (formada por uma série fixa de lexias, mas que possuem apenas um significado) e lexia textual (frases, provérbios e tudo mais que está enraizado no acervo coletivo). Cada entrada lexical que compõe o glossário é uma lexia;

- V. Dicionário é a coleção completa ou parcial do repertório lexical de uma língua. Para tanto, saber diferenciar tecnicamente dicionário de glossário foi crucial para poder desenvolver este trabalho;
- VI. Glossário é um conjunto de palavras específicas selecionadas de uma obra, de um autor ou de um determinado campo de estudos. Como resultado desta pesquisa, temos um glossário. Nele selecionamos, definimos, exemplificamos e analisamos o léxico popular nordestino disposto nos Romances e Cantigas resgatados na região Nordeste do Brasil na segunda metade do séc. XIX.

Com isso, deparamo-nos frequentemente com arcaísmos e corruptelas por toda a obra, no entanto, os conceitos acima listados nos permitiram fazer as escolhas necessárias para confirmar nossas hipóteses e obtermos resultado satisfatório na elaboração do “Glossário da Linguagem Regional em *Cantos Populares do Brasil* (1897), de Sílvio Romero”.

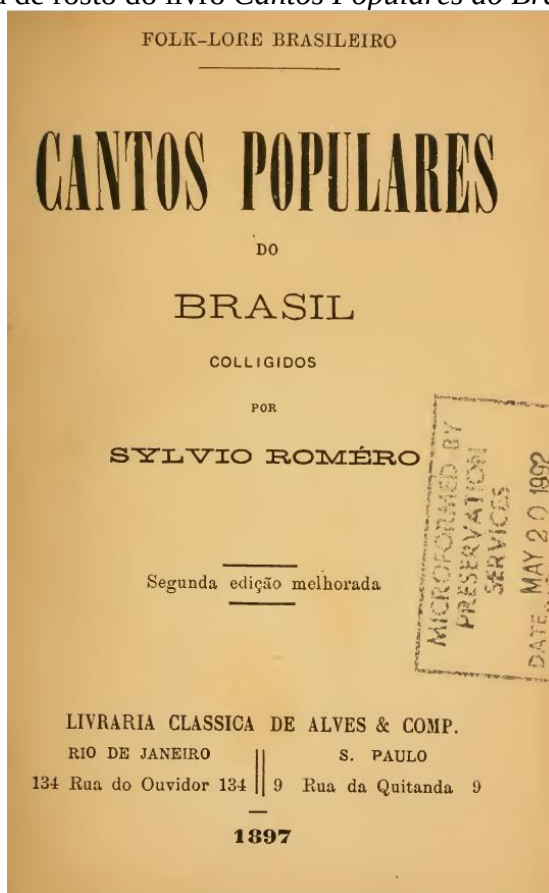
Dessa forma, temos como universo de pesquisa essa obra que representa a produção popular brasileira, sobretudo a nordestina, em meados do século XIX.

4.2 Universo de Pesquisa

Sílvio Romero, filho do português André Ramos Romero e de Maria Joaquina Vasconcelos da Silveira, nasceu em 1851 em Lagarto – SE. Formou-se em direito na Faculdade de Recife. Mudou-se no Rio de Janeiro e lá foi jornalista, promotor, deputado, juiz e professor, além pesquisador bibliográfico, ganhando notoriedade por seu trabalho de crítico literário pela imprensa carioca. Em 1878, publicou seus dois primeiros livros, *A filosofia no Brasil* e *Cantos do fim do século*. Em 1882 Romero publicou a primeira edição de *Cantos Populares do Brasil*, lançado em Portugal. Ele foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sócio-correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e membro da Academia Brasileira de Letras. Faleceu no Rio de Janeiro - RJ, em 18 de julho de 1914.

Publicada em Lisboa, Portugal, em 1882, a primeira edição de *Cantos Populares do Brasil* lançou uma perspectiva diferente sobre nossa história e nossa cultura. Se até então acreditava-se que a cultura brasileira seria apenas uma continuação da cultura portuguesa, Sílvio Romero inicia um estudo minucioso e lança uma reflexão “perscrutadora sobre a população brasileira para estudar a sua actualidade, abstracção feita de suas origens e á luz de idéas científicas” (ROMERO, 1897, p. IV, *sic.*).

Figura 1 - Folha de rosto do livro *Cantos Populares do Brasil* (1897)



Fonte: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstreams/1bc249fe-2520-4510-a4f3-62f97a35ee72/download>

No entanto, se antes buscavam-se as semelhanças culturais do Brasil apenas com a Europa, especificamente com Portugal, Romero exalta a diferença dessas culturas, não apenas nas artes, mas na história, a partir de sua interpretação na formação do povo brasileiro. Para ele,

O europeu foi o concorrente mais robusto por sua cultura e o que deixou mais tradições. No século XVI, pois, por uma lei de evolução que dá em resultado antecederem as formas simples às mais compostas, as canções e contos populares das três raças ainda corriam desagregados, diferenciados. Nos séculos seguintes, sobretudo no XVII XVIII, é que se foram cruzando e aglutinando para integrar-se á parte, produzindo o corpo de tradições do povo brasileiro. Nós ainda hoje assistimos a este processo de integração (ROMERO, 1987, p. IV, *sic.*).

Assim sendo, o que Romero nos oferece está muito além de uma simples coletânea de Romances e Cantigas, ele nos presta um serviço sociocultural de grande valor etnológico, histórico, folclórico, além do literário. Na obra, o pesquisador percorre todo o território brasileiro através de nossos cantos, nossas danças, nossas crenças, nossos costumes e outros aspectos que estão inclusos na sabedoria popular.

Certamente a leitura da obra *Cantos Populares do Brasil* (1897) nos traz referências das gerações de que descende nosso povo e a riqueza cultural que outrora fora criada para puro entretenimento. Sem dúvida se trata de um trabalho desenvolvido com muita paixão⁹, já que as limitações da época não interferiram na publicação e aceitação crítica¹⁰ dessa obra que, mesmo após mais de um século, continua contemporânea.

Portanto, a produção cultural resgatada por Sílvio Romero compõe nosso universo de pesquisa através do léxico que vem a representar os costumes e tradições do povo nordestino através dos Romances e Cantigas.

Desse modo, justificamos nossa escolha pelo desenvolvimento de outros estudos indiretamente relacionados à obra, podendo citar como exemplo o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *O espetáculo semiótico do pastoril de Teixeira-PB: resgate da cultura tradicional através das cantigas de folgado* (2017), que nos fizeram perceber a riqueza lexical popular resgatada num tempo em que a poesia popular já havia despontado do manancial fecundo, mas que não era, ainda, reconhecida por sua riqueza (cf. ROMERO, 1897).

4.3 Delimitação do corpus

Definimos como *corpus* para este trabalho 147 lexias com características culturais nordestinas descritas na primeira parte, intitulada “Primeira série: Romances e Xácaras” (p. 3-149), da obra *Cantos Populares do Brasil* (1897). O léxico regional foi coletado de 42 romances e cantigas (doravante poemas) resgatados nos mais diversos estados do Nordeste brasileiro, estes poemas nos deram subsídios para a elaboração do glossário, produto desta dissertação. Vale ressaltar que, na primeira parte da obra, encontram-se 64 poemas resgatados em todo o território nacional, mas optamos por reduzi-los a 55 por estes serem oriundos da região Nordeste, que foram reduzidos novamente a 42 poemas, pois apenas neles encontramos o léxico com características da região Nordeste.

A escolha da primeira série (seção) da obra se deu pela diversidade cultural contida em seus poemas e por apresentarem lexias de uso corrente do nosso povo, além dos arcaísmos, palavras que entraram em desuso, mas que se mantêm no imaginário popular, e corruptelas,

⁹ “O crítico sergipano [Sílvio Romero] amava apaixonadamente as ideias gerais e não fazia história do documento isolado senão para ilustrar as grandes leis étnicas e sociais que aprendera junto a seus mestres deterministas” (BOSI, 2013, p. 264-265).

¹⁰ Cf. LUFT, Celso Pedro. **Literatura portuguesa e brasileira**. 2.ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1969. p. 335-336.

palavras que não são grafadas e/ou pronunciadas de acordo com a norma da Língua Portuguesa, que ainda se fazem presentes na linguagem popular.

Dessa forma, entendemos que o universo linguístico contextualizado nos poemas contidos na primeira série de *Cantos Populares do Brasil* (1897) nos auxilia na confecção do capítulo analítico deste trabalho e do glossário, que veremos a seguir como foi organizado.

4.4 Organização do glossário

Para a elaboração do glossário, após uma leitura prévia da obra, selecionamos apenas os poemas que foram resgatados nos estados da região Nordeste a fim de buscar e organizar as lexias que possuem um conceito próprio dentro da cultura regional popular a partir do nosso repertório pessoal em referência à “bagagem cultural” que acumulamos no decorrer da vida. Por conseguinte, recorreremos aos dicionários de Língua Portuguesa para verificarmos se as lexias já eram dicionarizadas e se os conceitos eram equivalentes ou diferentes aos sentidos empregados nos poemas. Após ampla pesquisa sobre o sentido das lexias não dicionarizadas, elas receberam uma conceituação contextual a partir do repertório léxico do pesquisador.

Em seguida, analisamos as lexias e atribuímos a cada uma um conceito diante das abonações extraídas dos poemas selecionados onde se empregavam as lexias a fim de verificar se os sentidos eram equivalentes (lexias dicionarizadas de acepção equivalente, doravante LDAE) ou diferentes (lexias dicionarizadas de acepção diferente, doravante LDAD). Há também lexias não dicionarizadas (doravante LND), geralmente arcaísmos ou corruptelas. Detalharemos melhor essa etapa lexicográfica a partir da macroestrutura e da microestrutura do glossário.

4.4.1 MACROESTRUTURA

Para a macroestrutura, ou seja, a ordenação do material em conjunto, é importante que a “lista total” (BIDERMAN, 2001, p. 18) esteja em ordem alfabética para facilitar a consulta/leitura do glossário. Para isso, disponibilizamos as lexias em ordem alfabética e na forma que aparecem no *corpus*, respeitando a grafia original da obra, pois há ocorrências de variantes diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas em todo o material.

Por se tratar de um trabalho monolíngue, o glossário foi elaborado na variante brasileira da Língua Portuguesa, adotando o conceito de Polguère (2018) quando diz que “utiliza-se a forma canônica para nomear o vocábulo no dicionário [...]”. Nos dicionários de Língua

Portuguesa, trata-se do infinitivo para os verbos, do singular para os substantivos e do masculino singular para os adjetivos” (p. 244).

Portanto, a macroestrutura do glossário é constituída por 147 lexias simples, compostas, complexas ou textuais, sendo elas LDAE, LDAD ou LND, mas devidamente contextualizadas a partir da abonação extraída do *corpus*.

4.4.2 MICROESTRUTURA

A microestrutura, por sua vez, é a organização da estrutura dos dados contidos nos verbetes, estes, pois, a menor unidade autônoma de um dicionário. Por não haver uma estrutura fixa para a microestrutura de um dicionário, optamos por apresentar as lexias a partir do seguinte modelo:

+ Entrada lexical + classificação gramatical + definição + abonação + indicação de dicionarização ± variante + nota linguística + nota enciclopédica

Em nossa organização, os elementos precedidos pelo sinal de adição “+” estão presentes obrigatoriamente em cada verbete, enquanto que o elemento “± variante” é o único que tomamos o uso facultativo nas lexias de uso corrente, porém obrigatórios nos arcaísmos e corruptelas.

Recorrendo ao modelo acima, vejamos a definição de cada elemento contido nas lexias do glossário:

- **Entrada lexical:** primeiro elemento do verbete, é a lexia analisada do *corpus*. Ela vem escrita em versalete (caixa-alta) e negrito;
- **Classificação gramatical:** informa a classe gramatical da lexia. Utilizamos abreviações em itálico. Ex. *s.m.* (substantivo masculino), *adj.* (adjetivo), *loc. v.* (locução verbal) etc.;
- **Definição:** é o conceito criado para definir a lexia a partir do contexto da abonação. Por vezes, é equivalente aos conceitos dicionarizados, outras vezes não;
- **Abonação:** é o exemplo retirado do *corpus* onde se encontra a lexia da entrada lexical. A abonação encontra-se em itálico, com recuo de 4 cm, com a lexia analisada em destaque (negrito) e referenciada com o número da(s) página(s) de onde foi retirada

entre parênteses. Acrescentamos um segundo parênteses para informar o título do poema da abonação e suas respectivas páginas na obra, conforme as normas da ABNT;

- **Indicação de dicionarização:** indicamos se a lexia é dicionarizada ou não e se a dicionarização é equivalente ou diferente ao contexto da lexia no *corpus*. Utilizamos as siglas LND, LDAE e LDAD, em caixa-alta, para indicar o tipo de dicionarização;
- **Variante:** acrescentamos variantes de lexias de uso corrente só em alguns casos, aqueles que requerem uma variante, como no caso das lexias arcaicas e corruptas, acrescentamos a grafia da variante atual e de acordo com as normas ortográficas vigentes. Utilizamos a abreviatura Var. seguida de dois pontos (:);
- **Nota linguística:** utilizamos a sigla NL, em caixa-alta, seguida de dois pontos (:), para indicar se a lexia é de uso corrente, arcaísmo ou corruptela;
- **Nota enciclopédica:** utilizamos a sigla NE, em caixa-alta, seguida de dois pontos (:), para acrescentar um conceito, um complemento do significado, alguma citação de obra literária, etimologia da palavra ou qualquer outra definição que venha a somar na definição do verbete. A nota enciclopédica é sempre referenciada por um ou mais dicionários. A referência dos dicionários encontra-se de forma abreviada, conforme a lista de Siglas e Abreviações, seguida pelo ano de publicação, quando houver.

5 GLOSSÁRIO DA LINGUAGEM REGIONAL EM *CANTOS POPULARES DO BRASIL* (1897), DE SÍLVIO ROMERO

Entendemos que a linguagem popular é a manifestação linguística mais espontânea de um idioma, sem preocupações com as normas. Portanto, percebemos que os registros coletados dos informantes que compõem a obra *Cantos populares do Brasil* (ROMERO, 1897), além de propiciar a arte popular, nos possibilitam entender os aspectos reais da linguagem do povo em questão.

No que tange aos aspectos linguísticos do povo nordestino, é comum perceber que a linguagem do uso corrente se faz mais efetiva, ou seja, a língua do dia a dia mantém-se viva e real, mesmo quando atribuídos os aspectos artísticos da tradição. O cuidado atribuído aos poemas é meramente estrutural, ou seja, as adaptações encontradas refletem o bom trato de manter as regularidades dos poemas, mesmo que utilizem arcaísmos e corruptelas.

Analizando a primeira série de *Cantos Populares do Brasil* (ROMERO, 1897), capítulo do qual extraímos o *corpus* deste trabalho, encontramos o total de 55 ocorrências arcaicas, ou seja, lexis mais antigas, as que mudaram de sentido ou entraram em desuso, mas que se mantiveram na memória coletiva do povo através da literatura popular. Para Dubois (1978),

Arcaísmo é uma forma léxica ou uma construção sintática pertencente, numa dada sincronia, a um sistema desaparecido ou em via de desaparecimento. Num dado momento, numa comunidade lingüística, existem simultaneamente, segundo os grupos sociais ou as gerações. Em particular, existem formas que só pertencem aos locutores mais velhos; estas serão consideradas pelos locutores mais moços como arcaísmos em relação à norma comum (p. 65, *sic.*).

No entanto, percebemos que as ocorrências arcaicas não se tratam apenas de uma linguagem mais antiga, mas da manutenção da linguagem tradicional transmitida oralmente por geração a partir dos poemas populares.

As corruptelas também se fazem presentes no *corpus*, são 24 ocorrências de palavras inexistentes ou adaptadas da Língua Portuguesa, mas que mantêm o ritmo ou a rima dos poemas. Essas palavras podem se assemelhar com alguma lexia formal ou de prestígio da nossa língua ou simplesmente inventadas para preencher o espaço que seria de outra palavra, mas que naquele momento saiu da lembrança dos informantes.

Arcaísmos e corruptelas fazem parte da linguagem popular, uma vez que o povo se comunica por uma linguagem mais espontânea, coloquial, sem muitos cuidados com a norma e busca manter esse padrão através da arte popular, conservando suas tradições linguísticas e

mantendo sua identidade. Nesse sentido, trataremos com mais ênfase dos arcaísmos e corruptelas a seguir.

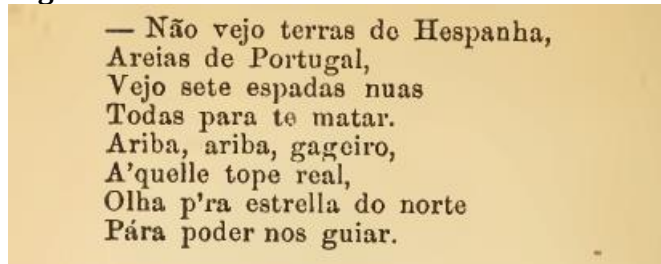
5.1 Arcaísmos, corruptelas e lexias de uso corrente

Como mencionamos anteriormente, nosso *corpus* é composto de 55 ocorrências de arcaísmos, 24 ocorrências de corruptelas e 68 lexias de uso corrente. Os arcaísmos se mantêm na linguagem popular, transmitidos de geração em geração, coexistindo com nosso léxico atual.

As pessoas com menos estudos formais tendem a se comunicar da forma que aprenderam com seus pais ou em ciclos sociais a que pertencem; dessa forma, essa transmissão se mantêm em todos os âmbitos da vida do povo. Por exemplo: a linguagem resgatada por Romero (1897) manifesta a realidade linguística da região, mesmo de forma artística. Sendo criada pelo povo, a literatura popular é expressa a partir do acervo lexical desse povo.

No entanto, quando alguém recita:

Figura 2 - Excerto do romance da *Nau Catharineta*

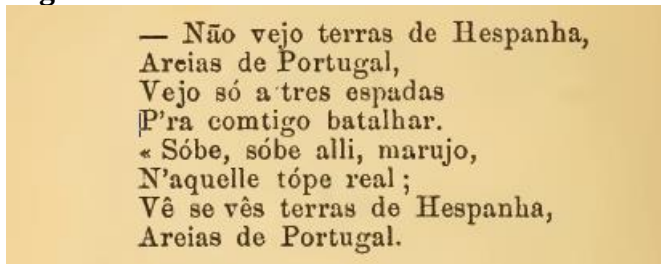


— Não vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal,
Vejo sete espadas nuas
Todas para te matar.
Ariba, arriba, gageiro,
A'quelle tope real,
Olha p'ra estrella do norte
Pára poder nos guiar.

Fonte: Romero (1897, p. 20).

Ou:

Figura 3 - Excerto do romance da *Nau Catharineta*



— Não vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal,
Vejo só a tres espadas
P'ra contigo batalhar.
« Sóbe, sóbe alli, marujo,
N'aquelle tópe real;
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.

Fonte: Romero (1897, p. 22).

Ambas são variantes do mesmo romance “A Nau Catarineta”, sendo a primeira resgatada no estado de Sergipe e a segunda no Rio Grande do Sul. Reparemos que na primeira o informante faz uso da lexia “ariba” (do latim *ad ripa-*, para a margem; para lugar superior), que embora seja uma palavra em desuso, ainda é muito comum no léxico da região Nordeste. No entanto, quando reparamos a segunda variante, a palavra “ariba” foi substituída pela lexia

“sóbe” (presente do indicativo do verbo subir, do latim *subīre*, subir; crescer), cuja forma fonética se mantém até hoje, mesmo não estando mais nas normas vigentes da ortografia da Língua Portuguesa.

Assim, afirmamos que palavras como, por exemplo, “ajuntar”, “alevantar”, “cabedal”, “vaqueta” etc., embora estejam em desuso em quase todo o território nacional, ainda fazem parte do léxico de algumas pessoas, especialmente das mais velhas ou pertencentes a comunidades linguísticas mais afastadas dos centros urbanos.

Com as corruptelas acontece de forma semelhante, embora não se trate de uma palavra antiga que se mantém no cotidiano linguístico, mas de formas inventadas para substituir uma palavra oficial, ou porque o falante não sabe pronunciar ou ele pronuncia de uma forma que ouviu anteriormente.

Analisando o *corpus*, lexias como “afroxar”, “alviça”, “cocra” e “compade” assemelham-se muito com “afrouxar”, “alvissara”, “cócoras” e “compadre”. Já “esforcido”, “oclo” em “oclo de arcance” e “pedrezão” se diferem bastante de “enfurecido”, “óculos” e “pedregulho”.

A linguagem popular permite a criatividade de seus usuários para modificar suas palavras de acordo com as necessidades do momento. Por muitas vezes, percebemos que as corruptelas foram utilizadas para manter a rima, a métrica e a musicalidade dos poemas, mesmo que de forma inconsciente. Essas ocorrências desviam da norma padrão da Língua Portuguesa ou são motivadas por situações de variações diastráticas e diatópicas.

Com isso, afirmamos que esses registros caracterizam peculiaridades fonéticas e gramaticais bem próprias do povo nordestino e estão enraizados na cultura e na sociedade ao ponto de tornar a língua falada mais rica e mais diversa.

Os arcaísmos e corruptelas mantêm-se presentes na linguagem popular, tanto que ainda fazem parte do léxico de uso corrente. Esse efeito de permanência diz da nossa capacidade de resistência a outras culturas, do apego a nossa ancestralidade, da memória que se preserva nessas pequenas manifestações do passado, o que, efetivamente, são elementos essenciais para a fixação de uma identidade.

Mas como justificar a permanência dos arcaísmos se a obra analisada é do século XIX? É uma questão que nos remete à história da nossa língua e das evoluções que a tornaram o que ela é hoje. Em algum momento na evolução de uma língua, as variações cronológicas de uma determinada palavra coabitam o mesmo espaço, sendo, então, substituídas permanentemente por sua variante mais recente.

As ocorrências arcaicas presentes na obra foram classificadas como arcaísmos, pois percebemos que algumas delas possuem outras variantes cronológicas da mesma palavra. Outro ponto importante que devemos salientar é o desuso de algumas ocorrências no léxico atual. A classificação em arcaísmo, como tratado nesta pesquisa, somente é possível do ponto de vista atual de palavras utilizadas na obra e que grande parte da população brasileira não mais utiliza.

Sendo assim, “alevantar” (levantar), “damnado” (danado), “mortorio” (funeral) etc., são, de alguma forma, ocorrências que, apesar de possuírem variantes atuais, ainda persistem na linguagem popular de algumas regiões.

As lexias classificadas neste estudo como arcaísmos e corruptelas refletem o modo de ser dos seus usuários e comprovam o apego do povo à tradição e à cultura através da linguagem. Portanto, o léxico da linguagem popular nos dá uma perspectiva de como nossa língua é diversa e, ao mesmo tempo, única, embora, por várias vezes, os sujeitos que dela se utilizam sofram preconceito por ser “diferente” do considerado padrão.

As lexias de uso corrente são maioria em nosso *corpus*. São denominadas dessa forma por serem as utilizadas com mais frequência no nosso vocabulário. Dessa forma, quando encontramos no *corpus* as ocorrências de “acudir”, “adulação”, “capão”, “derradeiro” etc., estamos em contato com lexias do uso comum da língua, mas bem específicas do léxico nordestino. Essas são palavras dicionarizadas e encontradas em todo o território nacional, porém, as lexias de uso corrente são mais frequentes no léxico regional nordestino. Para reforçar esse conceito de frequência, concordamos com Santos (2006) ao afirmar que a alta frequência ocorre quando o uso de uma lexia é mais elevado que as demais variantes encontradas numa certa região, embora não se estabeleça um índice numérico.

O léxico presente em *Cantos Populares do Brasil* (ROMERO, 1897), especificamente as que coletamos para nosso *corpus*, são de uma riqueza linguística sem tamanho e reforçam as influências dos contextos sociais e culturais que emolduram a identidade nordestina. Por isso, observamos que este estudo nos possibilita uma maior aproximação com a cultura nordestina, manifesta pela literatura popular, e que a arte se faz de maneira espontânea, com elementos encontrados facilmente no falar cotidiano e que todos podem usufruir dessa arte sem maiores dificuldades de compreensão, uma vez que os poemas são compostos por um léxico que encontramos no dia a dia.

5.2 Glossário



ACHAMURRADO *adj.* Grossoiro, imperfeito, tosco.

Chamava-se Ignacio Gomes,

Era um cabra coriboca,

*De nariz **achamurrado**,*

Tinha cara de pipoca (p. 69).

(O Rabicho da Geralda. In: ROMERO, 1897, p. 66-72).

LND

Var.: Achamboado.

NL: Corruptela.

NE: Também pode significar mal trajado; deselegante (DEHLP).

ACUDIR *v.* Auxiliar, socorrer, pôr-se à disposição.

Alevanta, amor,

D'esse bom dormir,

Chame sua mãe

*Para me **acudir** (p. 24).*

(Flôr do dia. In: ROMERO, 1897, p. 24-25).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Ir em socorro, defesa ou proteção (MGKLP).

ADULAÇÃO *s.f.* Ato de adular, bajular por interesse.

Se o senhor falla-me sério,

*Se não é **adulação**,*

Eu lhe direi de que consta

A nova Constituição (p. 114).

(Conversa política entre um corcunda e um patriota. In: ROMERO, 1897, p. 113-118).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Ato ou efeito de adular; bajulação, bajulice, engodo, graxa, lambança, lisonja, puxa-saquismo, rapapé, sabujice, servilismo, subserviência: “E, só depois de ter o título nas unhas, é que iria à Europa, de passeio, sustentando grandeza, metendo invejas, cercado de adulações [...]” (AZEVEDO *apud* MMDLP).

AFORÇURADO *adj.* Apressado.

Correu logo para casa

*E gritou **aforçurado**:*

Gentes, venham depressa

Que o Rabicho está pegado (p. 71).

(*O Rabicho da Geralda*. In: ROMERO, 1897, p. 66-72).

LDAE

Var.: Apressurado.

NL: Corruptela.

NE: Que esforça ou afadiga. Afadigado, apressurado: O coração batia aforçurado. (NETO *apud* DAD).

AFROXAR *v.* Tornar frouxo, largo ou solto.

***Afroxa** a rédea, caboclo,*

Encosta a espora, Preguiça,

Quero vêr a tua fama

Com a tyranna lagartixa (p. 101).

(*A vacca do Burel*. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).

LND

Var.: Afrouxar.

NL: Corruptela.

NE: Fazer ficar ou ficar, tornar(-se) frouxo, largo ou solto: "As cordas afrouxariam / um nome que murmurasse." (MEIRELES *apud* DAD).

AGASTADO *adj.* Aquele que se agasta, que se irrita.

Vem cá, vem cá, minha mouroa.

*Que te diz 'tua captiva?
 Eu já estou bem **agastada**,
 E já me vou anojar.
 Tu mandaste lá buscar,
 O teu cunhado matar (p. 40).
 (Xacara de Flôres-Bella. In: ROMERO, 1897, p. 39-41).*

LDAE

Var.: Encarapinhado.

NL: Uso corrente.

NE: Derivado de *a-* + *gastar* + *-ado*. Aborrecer-se, zangar-se: “Vovô, às vezes, é um selvagem no tratar as pessoas. Não se agaste com a opinião dele.” (FARIA *apud* DEA).

AJUNTAR v. Reunir, agrupar, aproximar, aglomerar.

*Eu me sento aqui
 Não com má tenção;
 Juro-te, menina,
 Que sou teu irmão.
 Sae por um monte,
 Qu'eu saio por outro,
 A **ajuntar** o gado
 Que é nosso todo (p. 27).
 (A Pastorinha. In: ROMERO, 1897, p. 26-27).*

LDAE

Var.: Juntar.

NL: Arcaísmo.

NE: "Rasgou o desenho em quatro, ajuntou depois os bocados, e tornou a rasgá-lo" (RIBEIRO *apud* DAD); "...ajuntou os gravetos catados..." (GUIMARÃES ROSA *apud* DAD).

ALCOVITEIRO *adj.* Aquele que intermedeia um romance ou uma relação sexual por algum interesse.

*Homem velho sem ceroulas
 Não se atrepe em bananeira;
 Mulher velha **alcoviteira**,
 Toda gosta de função (p. 44).*

(*A Mutuca*. In: ROMERO, 1897, p. 43-44).

LDAE

Var.: Corta jaca.

NL: Uso corrente.

NE: Na região Norte do Brasil, alcoviteiro é um pequeno candeeiro a querosene feito de lata (DPLP).

ALEVANTAR v. Suspende, erguer, por em posição vertical.

Alevanta, amor,

D'esse bom dormir,

Chame sua mãe

Para me acudir (p. 24).

(*Flôr do Dia*. In: ROMERO, 1897, p. 24-25).

LDAE

Var.: Levantar.

NL: Arcaísmo.

NE: Levantar(-se) (MGKLP); O mesmo que levantar (DPLP).

ALVIÇA s.f. Recompensa ou gratificação dada a quem acha e entrega algo perdido.

Distante bem quinze léguas

De mim tiveram notícias;

Ao major António Lucas

*Foram pedir as **alviças**.*

Era gente p'ra me vêr

Como a doutor na justiça,

E o povo de Rio-Preto

Era urubu na carniça (p. 48).

(*Manoel de O' Bernardo*. In: ROMERO, 1897, p. 47-50).

LND

Var.: Alvissara.

NL: Corruptela.

NE: Prêmio ou recompensa que se concede a quem anuncia boas novas ou entrega coisa que se perdera: “Dou a V.M. de alvissaras, pelas boas novas de Lamego, as mortificações que lhe

tenho dado; que esta é a melhor moeda daqueles que em Deus são amigos.” (CHAGAS *apud* DEA).

ANOJAR v. Causar ou sentir nojo, aborrecimento, tristeza ou de luto pela morte de alguém.

Vem cá, vem cá, minha moura.

Que te diz 'tua captiva?

Eu já estou bem agastada,

*E já me vou **anojar**.*

Tu mandaste lá buscar,

O teu cunhado matar (p. 40).

(Xacara de Flôres-Bella. In: ROMERO, 1897, p. 39-41).

LDAE

Var.: Enojar.

NL: Arcaísmo.

NE: Derivado de *a-* + *nojo* + *-ar* (DAD)

APEIAR v. Privar alguém de algum posto ou cargo.

*Faça-me a honra **apear**,*

Venha-me dar um clarão;

Só o senhor podo dizer-me

O que é a Constituição,

E também da Independencia

De Dom Pedro Imperador;

Tudo me explique agora,

Eu lhe peço por favor (p. 114).

(Conversa política entre um corcunda e um patriota. In: ROMERO, 1897, p. 113-118).

LND

Var.: Apear.

NL: Corruptela.

NE: Apear: Pôr a pé; desmontar. Deitar abaixo. Privar. Demitir, suprimir (DPLP).

ARENGUEIRO *adj.* Indivíduo que arenga, faz intriga, confusão.

O conselho que vos damos

*E' para os mandar casar,
E pegai este **arengueiro**
E mandai-o degolar.
Arengueiro, embusteiro,
O que ganhaste em contar? (p. 15).
(D. Carlos de Montalbar. In: ROMERO, 1897, p. 12-15).*

LDAE

Var.: Arengador.

NL: Corruptela.

NE: Que ou aquele que faz arengas, mexericos. Que ou aquele que gosta de discutir; insistente, teimoso, turrão (MMDLP).

ARIBA adv. Em cima, adiante.

***Ariba, ariba**, gageiro,
A'quelle tope real,
Olha p'ra estrella do norte
Pára poder nos guiar (p. 20).
(A Nau Catherineta. In: ROMERO, 1897, p. 19-21).*

LND

Var.: Arriba.

NL: Arcaísmo.

NE: Margem elevada de rio; riba. Lugar pedregoso à beira-mar. Derivado de *a-* + *ripa* (MMDLP 2023).

ARRECCEIO s.m. Incerteza acompanhada de medo, receio.

*D'isto mesmo me **arrecceio**
De andar a riba e abaixo,
Com medo qu'ella não pára
Antes que chegue ao riacho (p. 124).
(O Sapo do Cariri. In: ROMERO, 1897, p. 123-129).*

LND

Var.: Arreceio.

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: *a-* + *recelare* (latim) (MMDLP).

ARRIADO *adj.* Prostrado, desanimado, abaixado.

Aqui mesmo no carrasco

Muitas famas têm ficado;

No atravessar o riacho

*Has-de ficar **arriado** (p. 101).*

(A Vacca do Burel. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Particípio do verbo *arriar*.

ATÉ QUE ZÔA *loc. adv.* Produção de zumbido devido à rapidez.

Não peguei o barbatão,

Disse logo João de Souza.

Quando chegaram era casa:

*Corre o bicho **até que zôa** (p. 111).*

(A B C do Boi-Prata. In: ROMERO, 1897, p. 109-112).

LND

Var.: Até que zoa.

NL: Arcaísmo.

NE: Ter som forte e confuso. Fazer ruído durante o voo (um inseto). Fazer barulho semelhante ao de alguns insetos quando voam (DPLP).

ATREPADO *adj.* Içado, agarrado com as mãos e firmando-se nos pés; que subiu.

Eu vi outra lagartixa

***Atrepada** no coqueiro,*

Botando cocos abaixo

Para quem fosse primeiro (p. 149).

(As Lagartixas. In: ROMERO, 1897, p. 149).

LND

Var.: Trepado.

NL: Uso corrente.

NE: "Vivia trepado na moto, correndo pelas estradas, sentindo o trepidar dos 57 cavalos do motor." (CONY *apud* DAD).

AUGMENTADO *adj.* Que se tornou maior, crescido, mais intenso.

*Dou-lhe, amigo, agora a parte
De que me acho **augmentado**,
Que estou de governador
N'esta cidade aclamado* (p. 119).
(*A alforria do cachorro*. In: ROMERO, 1897, p. 118-120).

LND

Var.: Aumentado.

NL: Arcaísmo.

NE: Que se aumentou. Que se tornou maior em extensão, quantidade, volume, intensidade etc.
Tornado distorcido ou exagerado (MMDLP).

AVEIXAME *s.m.* Ato ou efeito de causar afronta, vergonha ou escândalo.

*Agora triste começo
A manifestar o meu fado,
Os meus grandes **aveixames**,
A vida de um desgraçado* (p. 105).
(*A B C do Vaqueiro em tempo de sêcca*. In: ROMERO, 1897, p. 105-108).

LND

Var.: Vexame.

NL: Corruptela.

NE: Etimologia: latim *vexamen*, *-inis* 'esclarecimento, abalo' (D.P.L.P., 2001-2008).



BACAMARTE *s.m.* Arma de fogo de cano curto.

*Lá na minha terra,
Lá em Santo Antônio,
Encontrei um homem
Feito um guaribão,*

*Puz-lhe o **bacamarte**,
Foi pá, pi, no chão (p. 65).
(Fragmento do Cabelleira. In: ROMERO, 1897, p. 65-66).*

LDAE

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: fr. *braquemart* 'espada, faca, cutelo' (DEHLP).

BAIXIO s.m. Região coberta por escassa quantidade de água do mar ou de rio.

*Cerca, Velloso, na grotta,
Faz esteira no **baixio**;
Aperta para o meu lado,
Lá vem como um corropio (p. 99-100).
(A vacca do Burel. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).*

LDAD

Var.: Baixia.

NL: Uso corrente.

NE: Regionalismo: Nordeste do Brasil. Depressão, circundada por cumes de montes, onde existem depósitos de águas subterrâneas (DEHLP).

BANDA s.f. Parte lateral do corpo, metade.

*Rio-Preto, não me vexo
Para subir a ladeira,
Subo do cócra e de **banda**,
Subo de toda a maneira;
Até mostro preferencia
Em subil-a na carreira (p. 50).
(Manoel de O' Bernardo. In: ROMERO, 1897, p. 47-50).*

LDAD

Var.: Lado.

NL: Uso corrente.

NE: Com a preposição “de”, significa que está de maneira oblíqua e sem olhar de frente (DPLP).

BARBATÃO s.m. Animal criado solto no mato, selvagem.

*Emquanto fui **barbatão***

*Nunca entrei em curralão.
 Estava no meu descanso
 Debaixo da cajazeira,
 Botei os olhos na estrada,
 Lá vinha seu António Ferreira... (p. 73-74).
 (O Boi-Espacio. In: ROMERO, 1897, p. 72-76).*

LDAE

Var.: Brabo.

NL: Uso corrente.

NE: Etimologia: provavelmente da metátese de ‘brabatão’ cognato de ‘brabo’, variante de bravo (DEHLP).

BARRIGADA s.f. Fartar-se de alimentos até encher o estômago.

*Puxe bem pela memoria,
 Corra, corra, camarada;
 Quando eu vim de minha terra
 Não vim cá dar **barrigada** (p. 70).
 (O Rabicho da Geralda. In: ROMERO, 1897, p. 66-72).*

LDAE

Var.: Pançada.

NL: Uso corrente.

NE: Fartadela (de comida e/ou bebida): “Os beirões despedem-se dos dias belos, entram nas chuaradas de dezembro festejando o céu limpo com barrigadas de castanha, vinho verde e o fado.” (VIEIRA *apud* DEA,1999).

BISPAR v. Avistar ao longe sem clareza.

*Eu te direi, cachorro,
 Do modo que nós achamos,
 Avoando pelos ares
 De lá com a vista **bispamos** (p. 149).
 (O cão e o urubu. In: ROMERO, 1897, p. 148-149).*

LDAE

NL: Arcaísmo.

NE: Observar ou esperar atentamente; espionar, espreitar, vigiar: “Trouxe a lume conversas inteiras, que bispara na tal noite do exame. ‘Amâncio via caras e não via corações!’” (AZEVEDO *apud* MMDLP).

BOCADO *s.m.* Pequena quantidade de alimento que cabe inteiro na boca.

Deus vos salve, genro,

No vosso cavallo.

Apèa p'ra baixo

*Jantar um **bocado** (p. 25).*

(Flôr do Dia. In: ROMERO, 1897, p. 24-25).

LDAE

Var.: Bocada.

NL: Uso corrente.

NE: Etimologia: *Boca* + *-ado* (DEHLP).

BRIOSO *adj.* Que tem vivacidade; ativo, enérgico, vigoroso.

Certamente me agastei,

*Pois sou um pássaro **brioso**;*

Se eu sou esfomeado,

Tu és um bicho guloso (p. 149).

(O cão e o urubu. In: ROMERO, 1897, p. 148-149).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Que tem brio; rigoroso em questões de honra; altivo, digno, honrado, pontoso: “De cada casulo espipavam homens armados de pau, achas de lenha, varais de ferro. Um empenho coletivo os agitava agora, a todos, numa solidariedade briosa, como se ficassem desonrados para sempre se a polícia entrasse ali pela primeira vez” (AZEVEDO *apud* MMDLP).

BULIR *v.* Mexer, manipular, tocar em algo ou alguém.

Nas mãos eu não vos toco,

*Nem mesmo **bulo** comvosco;*

Quero estar a par de vós,

Pois eu n'isto levo gosto (p. 28).

(Florioso. In: ROMERO, 1897, p. 27-30).

LDAD

Var.: Bolinar.

NL: Uso corrente.

NE: Regionalismo (Nordeste): Tirar a virgindade de uma mulher; deflorar: Em alguns lugares do interior, se um homem bole com uma moça, tem que casar. Etimologia do latim *bullire* (MMDLP).



CABEDAL s.m. Recursos financeiros, bens, riqueza.

Cavalleiro, o que aqui viste

A meu pai não vai contar.

Te darei o meu palácio

*Com todo o meu **cabedal*** (p. 13).

(D. Carlos de Montevalbar. In: ROMERO, 1897, p. 12-15).

LDAE

NL: Arcaísmo.

NE: No sentido figurado também é utilizada para designar “bens intelectuais ou morais adquiridos pelo estudo ou pela experiência” (MGKLP).

CABRA s.m. Homem valente, disposto, ou digno de admiração ou medo.

O fama do Rio-Preto,

*Um **cabra** tão cantador,*

Descobriu por bocca própria

Que era atraíçoador (p. 50).

(Manoel de O' Bernardo. In: ROMERO, 1897, p. 47-50).

LDAE

Var.: Cara.

NL: Uso corrente.

NE: Regionalismo no Nordeste brasileiro: mestiço indefinido, de negro, índio ou branco, de pele morena clara. Indivíduo determinado; sujeito, cara. Indivíduo forte, valente. capanga, jagunço (DEHLP).

CABRA MACHO s.m. Homem muito admirado e respeitado pela sua valentia.

O Ventania é decidido.

Passou transes nos carrascos;

Mostrou sempre á lagartixa

*Que elle é **cabra macho** (p. 102).*

(A vacca do Burel. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).

LDAE

Var.: Cabra da peste.

NL: Uso corrente.

NE: Coloquial: Indivíduo corajoso, destemido; cabra-feio, cabra-onça, cabra-seco, cabra-topetudo: “[...] tinha de se comportar feito um cabra-macho e que, portanto, não podia chorar” (BARBOSA *apud* MMDLP).

CACIMBA s.f. Buraco cavado até encontrar mina de água potável para uso doméstico.

Em quanto Deus não dá chuva

Logo tudo desanima,

Somente mode o trabalho

Das malvadas das cacimbas (p. 106).

(A B C do Vaqueiro em tempo de sêcca. In: ROMERO, 1897, p. 105-108).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Etimologia: quimb. *kixima* 'poço' (DEHLP).

CACIMBÃO s.m. Buraco grande e muito fundo onde as pessoas recolhem água.

Segui por uma vereda

*Até dar n'um **cacimbão**,*

Matei a sede que tinha,

Refresquei o coração (p. 71).

(O Rabicho da Geralda. In: ROMERO, 1897, p. 66-72).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Derivado de *cacimba* + *ão* (MMDLP).

CAGANEIRA s.f. Evacuação frequente com fezes líquidas e abundantes.

O corredor do Boi-Espacio

Deu tamanha corredeira,

Que todo o povo do Crato

*Ficou-se de **caganeira** (p. 97).*

(O Boi Espacio. In: ROMERO, 1897, p. 76-98).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Possui muitas variantes e quase todas populares: afitamento, afito, borra, câmaras ou cambras, carreirinha, caseira, corredeira, desanda, desarranjo, destempero, ligeira, piriri, reira, sedeca, soltura, soltura de ventre (DEA).

CALUNDÚ s.m. Estado aparente de aborrecimento.

O amor não é seu

E' de Raphael ;

Raphael quando fôr

E' de quem quizer...

Vou criar as minhas raivas

*Com meus **calundús**,*

P'ra fazer as cousinhas

Que eu bem quizer... (p. 62).

(O ladrão do Padrezinho. In: ROMERO, 1897, p. 62-63).

LDAE

Var.: Lundu.

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: quimb. *kalu'ndu'*, ente sobrenatural que dirige os destinos humanos e, entrando no corpo de alguém, o torna triste, nostálgico' (DEHLP).

CAMELÃO s.m. Tecido de pelo ou de lã.

Também tenho minha cama

*Coberta de **camelão**,
A barra de setim nobre,
O forro de bom fustão:
Tudo darei á penhora,
Porém as cadeiras não* (p. 137).
(*Sarabanda*, In: ROMERO. 1897, p. 137-138).

LDAE

NL: Arcaísmo.

NE: 1 Tecido feito com fios de pelo de camelo. 2 Qualquer tecido de pelo ou de lã (pelo de cabra ou lã impermeável), às vezes mesclado com seda (MMDLP).

CANHAR v. Adquirir, ter em posse por oferecimento de outrem.

***Canhei** a forca, senhora;
D'ella vinde-me tirar.
Si eu quizera, bem pudera,
Pois nas minhas mãos está;
Para te servir de emenda
Mandarei te degolar* (p. 15).
(*D. Carlos de Montevalbar*. In: ROMERO, 1897, p. 12-15).

LDAD

NL: Corruptela.

NE: v. tr. (Minho) varrer com canheiro. (Minho) Tirar os canhos (do milho). F Canhos (DAD).

CANZIL s.m. Cada um dos paus que seguram a canga do boi ou cavalo.

*Não has-de ter o prazer
De entrar eu na Boa Vista
Com peia e laço e **canzil**
Só pelo Pedro-Preguiça* (p. 101).
(*A vacca do Burel*. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).

LDAE

Var.: Cangalho.

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: origem desconhecida (MMDLP).

CAPÃO *s.m.* Animal, geralmente frango, mas por analogia é empregado a outros animais castrado para uma rápida engorda e depois para o abate.

*Não sou pinto de vintém,
Não sou frango de tostão;
A maldita d'esta velha
Quer fazer de mim **capão** (p. 45).
(Redondo, sinhá. In: ROMERO, 1897, p. 44-46).*

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Etimologia: latim clássico *capo onis* 'galo castrado', que originou *cappo onis* (DEHLP), chegando ao latim vulgar *cappone* (DEA).

CAPAR *v.* Esterilizar, retirar ou inutilizar os órgãos genitais.

*No anno em que eu nasci,
No outro que me criei.
No outro que fui bezerro,
No outro que fui mamote,
No outro que fui garrote,
No outro que me **caparam**
Andei bem perto da morte (p. 73).
(O Boi-Espacio. In: ROMERO, 1897, p. 72-76).*

LDAE

Var.: Castrar.

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: latim *cappare* < *cappo onis* 'capão' (DEHLP).

CARA DE FOME *loc. adj.* Expressão facial que demonstra dor ou sofrimento.

*Ah! seu cão! seu pé de gancho.
Este é o pago que me dá
De ter te dado o meu rancho?
«Ah; cão! ah! **cara de fome!**
Atira, atira, seguro,
Que tu atiras em home (p. 128).
(O Sapo do Cariri. In: ROMERO, 1897, p. 123-129).*

LDAD

NL: Uso corrente.

NE: Cara de fome: cara chupada, pálida e macilenta (MMDLP).

CARRASCO s.m. Área de uma propriedade rural imprópria para o cultivo, caminho arenoso ou de pedregulho.

*Tenho corrido muito gado,
Novilhote e barbatão,
Nos **carrascos** e restinga;
Agora fiquei logrado
No centro d'este sertão (p. 100).
(A vacca do Burel. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).*

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Regionalismo: Nordeste: Pequena e densa floresta de árvores anãs com galhos entrelaçados e pontas agudas, de difícil passagem, encontrada entre o Ceará e o Piauí; carrascal, carrascão, carrasqueiro; Caminho pedregoso que apresenta essa vegetação (MMDLP).

CARREIRA s.f. Mover-se apressadamente.

*Rio-Preto, não me vexo
Para subir a ladeira,
Subo do cócra e de banda,
Subo de toda a maneira;
Até mostro preferencia
Em sibil-a na **carreira** (p. 50).
(Manoel de O' Bernardo. In: ROMERO, 1897, p. 47-50).*

LDAE

Var.: Correria.

NL: Uso corrente.

NE: Corrida veloz. Ex.: saiu de c. porque estava atrasada (DEHLP).

CASSOADA s.f. Ato ou efeito de escarnecer algo ou alguém.

*Zombem, façam **cassoada**
Da vida do lavrador,
Considerem no futuro,*

A sorte a Parca cortou (p. 105).

(*A B C do lavrador*. In: ROMERO, 1897, p. 103-105).

LND

Var.: Caçoadada.

NL: Corruptela.

NE: Aquilo que é feito ou dito com o objetivo de provocar o riso com relação a alguém ou algo; caçurria, escárnio, motejo, pilhéria, troça, zombaria: “Saí zonzinho debaixo de uma caçoadada enorme” (VASCONCELOS *apud* MMDLP).

CATINGUEIRO *adj.* Sujeito que nasceu ou mora na caatinga, também designado para caracterizar uma pessoa que exala mau odor.

Resolveram-se a chamar

De Pajeú um vaqueiro;

D'entre todos que lá tinha

*Era e maior **catigueiro*** (p. 68-69).

(*O Rabicho da Geralda*. In: ROMERO, 1897, p. 66-72).

LDAE

Var.: Caatingueiro.

NL: Uso corrente.

NE: De modo pejorativo, pode ser usada para designar alguém pouco ou nada generoso; sovina, avarento (DEHLP).

CHITA *s.f.* Tecido de algodão estampado de baixa qualidade.

Guarde o seu dinheiro, dona,

O Surubim não vendo, não.

Dou um barco de fazenda.

*De **chita** e madapolão* (p. 109).

(*O Boi Surubim*. In: ROMERO, 1897, p. 108-109).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Tecido barato de algodão de trama rala: “Trajava nesse dia um vestido de chita roxa muito comprido, quase sem roda, e de cintura muito curta” (ALMEIDA *apud* MMDLP).

CÓCÓ *s.m.* Amontoado de cabelo preso com uma fita, presilha ou elástico.

A minha mana Luiza
E' moça de opinião
Passou a mão na thesoura,
*Deu com os **cócós** no chão* (p. 59).
(Os cócós de cordão. In: ROMERO, 1897, p. 59-60).

LND

Var.: Coque.

NL: Uso corrente.

NE: Outras variantes: birote, carrapicho, cocó, pericote, periquito, pirote, pitó, pitote, totó (DEHLP).

COCHÉ *adj.* Pessoa ou animal sem a extremidade de um membro ou que tem dificuldade de caminhar.

O signal d'esta vaquinha?
Cara branca punaré,
Trar, o ferro do Burel,
*Não tem cauda, é **coché*** (p. 100-101).
(A vacca do Burel. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).

LND

Var.: Coxo.

NL: Corruptela.

NE: Etimologia: Latim ‘*coxum*’; latim vulgar ‘*coxus*’ (DAD).

CÓCRA *s.f.* Posição de agachamento com o apoio dos calcanhares.

Rio-Preto, não me vexo
Para subir a ladeira,
*Subo de **cócra** e de banda,*
Subo de toda a maneira;
Até mostro preferencia
Em subil-a na carreira (p. 50).
(Manoel de O' Bernardo. In: ROMERO, 1897, p. 47-50).

LND

Var.: Cócoras

NL: Corruptela.

NE: Origem controversa ou mesmo obscura (DEHLP).

COMPADE s.m. Padrinho de um filho em relação aos pais.

*Não lhe servindo de incommodo,
Nem também de enfade,
Quero que vasmincê seja
O bom do nosso **compade** (p. 125).
(O Sapo do Cariri. In: ROMERO, 1897, p. 123-129).*

LND

Var.: Compadre.

NL: Corruptela.

NE: Pessoa com quem se estabelece uma relação familiar: “Naquele tempo ninguém sabia que diabo era greve. Tu te lembra, compadre?” (AMADO *apud* MMDLP).

CORIBOCA s.2g. Mestiço de branco com indígena.

*Chamava-se Ignacio Gomes,
Era um cabra **coriboca**,
De nariz achamurrado,
Tinha cara de pipoca (p. 69).
(O Rabicho da Geralda. In: ROMERO, 1897, p. 66-72).*

LND

Var.: Curiboca.

NL: Arcaísmo

NE: Palavra de origem controversa ou desconhecida (DEHLP).

CORISCO s.m. Faísca de luz produzidas nas nuvens com ausência de trovões.

*Rompo chuvas e trovões,
Coriscos, e criminoso
Ando no mundo, queixoso
Sem de mim se fallar nada!...
Hei-de amar a mulatinha
Pelo feixe da espingarda (p. 64).
(Quero bem á mulatinha... In: ROMERO, 1897, p. 63-64).*

LDAE

Var.: Raio.

NL: Arcaísmo.

NE: Indivíduo que se faz hóspede sem combinação prévia (DEHLP).

CORREDOR s.m. Perna de boi.

*O **corredor** do Boi-Espacio*

Deu tamanha corredeira,

Que todo o povo do Crato

Ficou-se de caganeira (p. 97).

(O Boi Espacio. In: ROMERO, 1897, p. 76-98).

LDAE

Var.: Canela.

NL: Uso corrente.

NE: Regionalismo: Norte do Brasil: diz-se de ou osso da canela do boi, rico em tutano, muito apreciado como alimento (DEHLP).

CORROPIO s.m. Brincadeira infantil em que os participantes giram em alta velocidade.

Cerca, Velloso, na grotta,

Faz esteira no baixio;

Aperta para o meu lado,

*Lá vem como um **corropio*** (p. 99-100).

(A vacca do Burel. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).

LND

Var.: Corrupio.

NL: Corruptela.

NE: Derivação: por extensão de sentido: ação de girar; giro, volta, rodopio (DEHLP).

CUBIÇA s.f. Desejo incontável de com seguir ou possuir algo.

João Bernardo não sabe

*Que meu cavallo é de **cubiça**;*

Como eu posso ser logrado

Por esta pobre lagartixa? (p. 101).

(A vacca do Burel. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).

LND

Var.: Cobiça.

NL: Corruptela.

NE: Etimologia: latim *cupiditiam* (DEA).



DAMNADO s.m. Alguém que é condenado às penas do inferno.

Arranquei logo d'ahi

Em procura de um fechado;

Juntou atraz o Moreira

*Correndo como um **damnado** (p. 68).*

(O Rabicho da Geralda. In: ROMERO, 1897, p. 66-72).

LDAE

Var.: Condenado.

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: latim *damnātus*, a, um 'condenado, desprezado' (DEHLP).

DAR NO PÉ loc. v. Fugir, escapar, ir embora, abandonar.

*E **deu no pé** de uma serra*

Nos mares de Acaracú,

Logo alli á tardesinha

Deu na casa do teyú (p. 123).

(O Sapo do Cariri. In: ROMERO, 1897, p. 123-129).

LDAD

NL: Uso corrente.

NE: Dar no pé (coloquial): a) ir embora, retirar-se, vazar; abrir no pé; b) fugir apressadamente, escafeder-se (MMDLP).

DEFEITE adj. Imperfeição moral ou física.

E' machinho, meu Senhor,

*E p'ra cantar minuete
 Por musicas e solfejos
 Elle é todo sem **defeite** (p. 125).
 (O Sapo do Cariri. In: ROMERO, 1897, p. 123-129).*

LND

Var.: Defeito.

NL: Corruptela.

NE: Etimologia: latim *defectum* (MMDLP).

DÊNGO s.m. Gesto carinhoso, afago, insinuante e sedutor.

*Minha moqueca está feita,
 Meu bem;
 Vamos nós todos jantar:
 Bravos os **dêngos**
 Da minha yayá;
 Moqueca de coco,
 Molho de fubá;
 Tudo bem feitinho (p. 60).
 (A Moqueca. In: ROMERO, 1897, p. 60-62).*

LDAD

Var.: Denguice

NL: Uso corrente.

NE: Afetação para chamar a atenção dos outros ou seduzir alguém (DAD).

DESENGANAR v. Esclarecer acerca de um erro, sair do engano.

*Deus vos salve, rei Dom Jóca,
 No teu cavallo montado.
 Rei Dom Jóca, me contaram
 Que tu estavas p'ra casar?
 Quem t'o disse, Juliana,
 Fez bem em te **desenganar** (p. 34).
 (Juliana. In: ROMERO, 1897, p. 34-35).*

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Também utilizada para não dar esperança de vida a um enfermo (DEHLP).

DESFEITIADO *adj.* Que sofreu desfeita, desconsiderado.

Uns homens nobres em tudo,

No sangue e no proceder,

De famílias ilustradas,

Muitos d'elles vem a ser

Filhos de duques, marquezes,

De condes e de morgados.

Dos infames patriotas

*Tem sido **desfeitados** (p. 115).*

(Conversa política entre um corcunda e um patriota. In: ROMERO, 1897, p. 113-118).

LND

Var.: Desfeiteado.

NL: Arcaísmo.

NE: que ou o que desfeiteia: “Os rumores pejorativos lançou-os com uma topetada de cabeça ao vento desfeiteador do desprezo” (RIBEIRO *apud* DAD).

DIACHO *s.m.* Forma eufêmica de diabo.

Ai! me largue o babado

*Ai! me largue, **diacho**!*

*Que **diacho** de padre,*

Ai, meu Deus!

*Que **diacho** de padre,*

Meu Santo António!... (p. 62).

(O ladrão do Padresinho. In: ROMERO, 1897, p. 62-63).

LDAE

Var.: Diabo.

NL: Uso corrente.

NE: Quando usada como interjeição, expressa impaciência, contrariedade, perplexidade, raiva, admiração (DAD).



EM RIBA DE *loc. adv.* Em cima, sobre. Mesmo que Ariba.

*Lá **em riba** das galhinhos*

Lá se foram abraçar.

A viuva que viu isto,

Logo mandou decotar (p. 09).

(*D. Duarte e D. Donzilha*. In: ROMERO, 1897, p. 08-09).

LDAD

NL: Arcaísmo.

NE: Em riba de. 1. Em cima de: “O Lucas dava nos paus e não havia quem lhe botasse o olho em riba” (OLIVEIRA *apud* MMDLP).

ENFADAR *v.* Causar ou sentir tédio, incômodo e/ou irritação.

Sáia-se d'aquí, meu tio.

*Não me venha a **enfadar**;*

Mais vai eu morrer por ella

Do que deixal-a de amar (p. 14).

(*D. Carlos de Montalbar*. In: ROMERO, 1897, p. 12-15).

LDAE

Var.: Entediar.

NL: Uso corrente.

NE: Ligado geralmente ao latim *fatiius*, *a*, *um* 'insípido' (DEHLP).

ENFADE *s.m.* Sentimento de cansaço, tédio, desgosto ou contrariedade.

Não lhe servindo de incommodo,

*Nem também de **enfade**,*

Quero que vasmincê seja

O bom do nosso compade (p. 125).

(*O Sapo do Cariri*. In: ROMERO, 1897, p. 123-129).

LND

Var.: Enfado.

NL: Uso corrente.

NE: 1. Sensação de tédio, de mal-estar diante de algo aborrecido, maçante; 2. Estado de espírito caracterizado por agastamento, mal-estar (DAD).

ESCANGALHADO *adj.* Que se escangalho, estragou, desconjuntou, desmantelou.

*O que tens, José Luiz,
Que de trajes vens mudado?
Com o repuxo do Filgueira
Sahi todo **escangalhado** (p. 113).
(O Figueiras. In: ROMERO, 1897, p. 112-113).*

LDAE

Var.: Estragado.

NL: Uso corrente.

NE: Etimologia: particípio do verbo escangalhar (MMDLP).

ESFORICIDO *adj.* Furioso, zangado, raivoso.

*Dê-me atenção, senhor,
Não se faça **esforicido**;
Um homem apaixonado
Não dá prova de entendido (p. 114).
(Conversa política entre um corcunda e um patriota. In: ROMERO, 1897, p. 113-118).*

LND

Var.: Enfurecido.

NL: Corruptela.

NE: Particípio do verbo enfurecer: Tornar ou ficar furioso (DPLP).

ESMOLAMBADO *adj.* Coberto ou vestido de molambos, farrapos.

*Me deixaram **esmolambado**;
Ajuntaram-se ellas todas
P'ra fazer-me galhofadas (p. 43).
(Senhor Pereira de Moraes. In: ROMERO, 1897, p. 43).*

LDAE

Var.: Amolambado.

NL: Uso corrente.

NE: Quando substantivo: Pessoa que se veste com roupa velha ou rasgada (DPLP).

ESPAIRECER v. Descansar a mente, distrair-se, entreter-se.

Domingos e dias santos

*Todos vão **espairecer**,*

Eu me acho tão moido,

Que não me posso mexer (p. 103).

(A B C do lavrador. In: ROMERO, 1897, p. 103-105).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Afastar(-se) de problemas, tensão, preocupações etc., por meio de uma atividade recreativa:

"...vinha até à loja espairecer..." (TORGA *apud* DAD).

ESPINHAÇO s.m. Coluna vertebral, costas.

Puzeram uma pistola

Nos peitos de Joaquim Ignacio;

A bala entrou pela frente

*Foi sahir no **espinhaço*** (p. 113).

(O Figueiras. In: ROMERO, 1897, p. 112-113).

LDAE

Var.: Espinha.

NL: Uso corrente.

NE: Espinha grande. Coluna vertebral. A parte superior e posterior do corpo humano (DAD).

ESTOMAGADO adj. Indivíduo indignado, irritado, ofendido.

Filgueira com esta acção

*Ficou muito **estomagado**,*

Passou mão ao bacamarte

P'ra derrubar o Escalado (p. 113).

(O Figueiras. In: ROMERO, 1897, p. 112-113).

LDAE

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: latim *stomachatus*, a, um (DAD).



FADO *s.m.* Sorte ou falta de sorte. Aquilo que não se pode mudar.

Tão gentil menina

Pastorando gado?

Já nasci, senhor,

*Para este **fado** (p. 26).*

(A Pastorinha. In: ROMERO, 1897, p. 26-27).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Derivada do latim *fátum*, *i* que significa predição, profecia, oráculo (DEHLP); Canção popular portuguesa, de caráter triste e fatalista, linha melódica simples, ao som da guitarra ou do acordeão, e que provavelmente se origina do lundu do Brasil colônia, introduzido em Lisboa após o regresso de D. João VI (DEA).

FAMANAZ *adj.* Que tem fama por suas proezas ou influência.

*Ora se é esta a **famanaz***

Que tanto susurro tem feito!

Para pegar esta vaquinha

E' bastante o meu Mosquete (p. 101).

(A vacca do Burel. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).

LDAE

Var.: Famigerado.

NL: Arcaísmo.

NE: Muito famoso por seu valor, proezas e influência: "Acabou-se o boi de fama / O corredor famanaz / Outro boi como o Rabicho / Não haverá nunca mais." (ALENCAR *apud* DAD).

FAZENDA *s.f.* Tecido, pano, estofo.

Guarde o seu dinheiro, dona,

O Surubim não vendo, não.

*Dou um barco de **fazenda**,*

De chita e madapolão (p. 109).

(*O Boi Surubim*. In: ROMERO, 1897, p. 108-109).

LDAE

NL: Arcaísmo.

NE: Qualquer tipo de pano ou tecido: “O delegado levanta-se ligeiro, no que parece desfalcar o estofamento, pois seu paletó xadrez confundia-se com a fazenda inglesa do sofá” (BUARQUE *apud* MMDLP).

FINAR v. Consumir-se, definhar, morrer.

São novas ruins de chorar;

Teu marido está doente

Nas terras de Portugal;

Cahiu de um cavallo branco

No meio de um areial,

Arrebentou-se por dentro,

*Corre o risco de **finar*** (p. 19).

(*O casamento mallogrado*. In: ROMERO, 1897, p. 19).

LDAE

Var.: Findar.

NL: Uso corrente.

NE: Como verbo pronominal, tem a acepção de “Definhar-se, consumir-se, enfraquecer, debilitar-se: Finava-se de saudades do filho” (DEA).



GRETA s.f. Rachadura estreita ou uma fenda aberta em qualquer superfície.

Olhei-lhe p'r'as pernas,

Eram de vaqueta;

Comidas de lepra,

*E cheias de **greta*** (p. 58).

(*A Mulatinha*. In: ROMERO, 1897, p. 57-58).

LDAE

Var.: Gretadura.

NL: Uso corrente.

NE: rachadura na pele em função de temperatura ambiente muito baixa ou por alguma doença (DEHLP).

GUARIBÃO s.m. Aumentativo de guariba, denominação comum a várias espécies de macacos.

*Lá na minha terra,
Lá em Santo Antônio,
Encontrei um homem
Feito um **guaribão**,
Puz-lhe o bacamarte,
Foi pá, pi, no chão* (p. 65).
(*Fragmento do Cabelleira*. In: ROMERO, 1897, p. 65-66).

LND

NL: Uso corrente.

NE: Etimologia: tupi *gwa'riwa* 'macaco da família dos cebídeos' (DEHLP).

GUILHADA s.f. Vara comprida com um ferrão na ponta para atizar ou tanger os bois.

*Os destemidos vaqueiros,
Velloso e o tal Grinalda,
Bem montado, ás estribeiras
Traziam sua **guilhada*** (p. 102).
(*A vacca do Burel*. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).

LND

Var.: Aguilhada.

NL: Corruptela.

NE: De origem incerta, possivelmente do latim vulgar *aquileata* (por *pertica aquileata*, 'vara com aguilhão'), ou do latim *aculeata* (DAD).



HOME s.m. Indivíduo da espécie *Homo sapiens* do sexo masculino.

Ah! seu cão! seu pé de gancho.

Este é o pago que me dás

De ter te dado o meu rancho?

Ah; cão! ah! cara de fome!

Atira, atira, seguro,

*Que tu atiras em **home** (p. 128).*

(O Sapo do Cariri. In: ROMERO, 1897, p. 123-129).

LDAE

Var.: Homem.

NL: Uso corrente.

NE: Etimologia: latim *homīnem* (MMDLP, 2013).



IMPERANTE adj. Aquele que impera, que está em vigor.

Isso é um passo muito errante:

Dom Pedro no Brazil

*Não pôde ser **imperante** (p. 116).*

(Conversa política entre um corcunda e um patriota. In: ROMERO, 1897, p. 113-118).

LDAE

NL: Arcaísmo.

NE: Que impera: Impossível trabalhar com a bagunça imperante nesta casa!: "Art. 4. A dinastia imperante é a do Sr. D. Pedro I, atual imperador e defensor perpétuo do Brasil." (BRASIL *apud* DAD).

INDA *adv.* Forma arcaica de ainda.

Para o mez do Sam João

Vou vêr o que estou ganhando,

Quero pagar o que devo,

Inda *lhe fico restando* (p. 107).

(*A B C do Vaqueiro em tempo de sêcca*. In: ROMERO, 1897, p. 105-108).

LDAE

Var.: Ainda.

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia de origem desconhecida (DEHLP).

INDA HONTEM *loc. adv.* Locução adverbial de tempo que significa ontem mesmo, até o dia de ontem.

Inda hontem *vim da côrte*

Que Dom Rei me fez chamar

Não sei será p'ra bem,

Ou si será p'ra meu mal (p. 11-12).

(*O Conde Alberto*. In: ROMERO, 1897, p. 11-12).

LND

Var.: Ainda ontem.

NL: Arcaísmo.

NE: Inda: Uso antigo e informal (DEHLP).

INVERNADA *s.f.* Período mais frio e chuvoso com fortes ventos.

Mas já estou aqui temendo

*Quando chegar a **invernada**;*

Cahindo a chuva na terra,

A fartura está acabada (p. 148).

(*O cão e o urubu*. In: ROMERO, 1897, p. 148-149).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Período de chuvas constantes que, no Norte e no Nordeste, recebe a designação imprópria de inverno (MMDLP).



JACOBINO *adj.* Pessoa nacionalista ao extremo.

E com isto já me vou,

Não quero mais esperar;

*O senhor é **jacobino***

Pelo modo de fallar (p. 114).

(Conversa política entre um corcunda e um patriota. In: ROMERO, 1897, p. 113-118).

LDAE

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: francês *jacobin*; Na história política: Membro da sociedade *Le Club des Jacobins*, de cunho político e revolucionário, fundada em Paris, em 1789, que preconizava um conjunto de ideias democráticas intransigentes, dando origem a um partido que exercia atividades terroristas durante a Revolução Francesa (1789-1799) (MMDLP).

JERARCHIA *s.f.* O mesmo que hierarquia.

Só dessa descendência

De gentes que Deus não fez,

*Sahiu toda a **jerarchia**,*

Condes, duques e marquez (p. 117).

(Conversa política entre um corcunda e um patriota. In: ROMERO, 1897, p. 113-118).

LND

Var.: Hierarquia.

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: latim *hierarchia*; Distribuição organizada dos poderes com subordinação sucessiva de uns aos outros. Totalidade dos membros de diferentes graus da organização eclesiástica. Organização dos nove coros de anjos, como consta na Bíblia (MMDLP).



LAZÃO s.m. Cavalo de cor castanha avermelhada.

Com o irmão de Damião.

*Montado no seu **lazão**,*

Dizendo do coração

Botai-me este boi no chão (p. 72-73).

(O Boi-Espacio. In: ROMERO, 1897, p. 72-76).

LDAE

Var.: Alazão.

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: origem controversa, provavelmente do hispânico-árabe *al-'azá'ar* (*al-hisān*) (DEHLP).

LIDA s.f Trabalho árduo, pesado.

*Não posso com esta **lida**,*

Me causa grande desgosto,

Só por vêr como vai

O suor d'este meu rosto (p. 107).

(A B C do Vaqueiro em tempo de sêcca. In: ROMERO, 1897, p. 105-108).

LDAE

Var.: Lide.

NL: Uso corrente.

NE: Etimologia: latim *litem*. Forma alterada de lide (MMDLP);

LOGRAR v. Enganar com astúcia; burlar, intrujar, defraudar.

Que dois vaqueiros temiveis,

João Bernardo e Miguel!...

*Perto do curral os **logrei**,*

Quasi que os deixei de pé (p. 99).

(A vacca do Burel. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).

LDAE

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: latim *lucror*, *āris*, *ātus*, *sum*, *āri* 'ganhar, obter vantagem, tirar proveito de' (DEHLP).

LOGRADOR s.m. Lugar fresco e reservado para se botar o gado em certas épocas do ano.

Adeus, fazenda, adeus, pasto.

Adeus, maiada e bebedor.

Adeus, restinga e carrasco,

*Serrote do **logrador** (p. 102).*

(A vacca do Burel. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).

LDAE

Var.: Logradouro.

NL: Arcaísmo.

NE: Regionalismo: Nordeste: Local numa fazenda de criação onde se trata do gado e dos animais feridos (DEA).



MACACHEIRA s.f. Raiz comestível nativa das América do Sul da família das euforbiáceas, também conhecida como mandioca ou aipim.

Arrepia sapucaia,

Sambambaia ;

Manoel Pereira

Macacheira,

Manipueira (p. 44).

(A Mutuca. In: ROMERO, 1897, p. 43-44).

LND

Var.: Macaxeira.

NL: Uso corrente.

NE: Brasil. Norte. Nordeste. Botânica. Ver mandioca (1 e 2): “no meio do bosque abrirei um roçado que nos há de dar farinha, macaxeira, feijão” (TÁVORA *apud* DEA). Etimologia: tupi *maka'xera* 'mandioca mansa, aipim' (DEHLP).

MADAPOLÃO *s.m.* Tecido de algodão usado como forro.

Guarde o seu dinheiro, dona,

O Surubim não vendo, não.

Dou um barco de fazenda.

*De chita e **madapolão** (p. 109).*

(O Boi Surubim. In: ROMERO, 1897, p. 108-109).

LDAE

VAR.: Morim

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: topônimo *Mádhavapalan* (Índia) (DAD).

MAGINAR *v.* Trazer à mente alguma idealização.

Com cuidado levo o dia

*E a noite a **maginar**,*

De manhã tirar o leite,

Ir ao campo campear (p. 106).

(A B C do Vaqueiro em tempo de sêcca. In: ROMERO, 1897, p. 105-108).

LND

Var.: Imaginar.

NL: Corruptela.

NE: Criar algo; inventar: “Uma criança viva e espirituosa, quando está quieta, é porque imagina novas travessuras” (MACEDO *apud* MMDLP). Etimologia: latim *imaginare* (MMDLP).

MAIADA *s.f.* Mesmo que malhada, lugar onde se reúne o gado.

O afamado Ventania,

Montado no Tempestada,

Foi quem primeiro espantou-me

*Estando n'uma **maiada** (p. 98).*

(A vacca do Burel. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).

LND

NL: Corruptela.

NE: Regionalismo: Brasil. Local à sombra de grandes árvores, em que o gado se protege do calor intenso; malhador (DEHLP).

MALCRIADO *adj.* Diz-se do sujeito que não respeita nada ou ninguém.

Quero o meu sobrinho solto

Que o vejo na prisão.

Responde o cabo da tropa,

*Por ser homem **malcriado**:*

Seu sobrinho ha-de ser solto

Depois de eu morto e picado! (p. 112).

(O Figueiras. In: ROMERO, 1897, p. 112-113).

LDAE

Var.: Mal-educado.

NL: Uso corrente.

NE: Derivação por justaposição de *mal-* + *criado* (DAD).

MALHADA *s.f.* Lugar onde se reúne o gado.

Sahi um dia a pastar

*Pela **malhada** do Chisto,*

Onde por minha desgraça

D'um caboclinho fui visto (p. 66).

(O Rabicho da Geralda. In: ROMERO, 1897, p. 66-72).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Curral de gado: “Levara uma vida livre, solto nos campos, ajudando a tocar o gado para a malhada, a meter as vacas no curral.” (SOUSA *apud* DEA).

MAMOTE *s.m.* Bezerro grande que ainda mama.

No anno em que eu nasci,

No outro que me criei.

No outro que fui bezerro,

*No outro que fui **mamote**,*

*No outro que fui garrote,
No outro que me caparam
Andei bem perto da morte (p. 73).
(O Boi-Espacio. In: ROMERO, 1897, p. 72-76).*

LDAE

Var.: Mamão.

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: radical do verbo mamar sob a forma *mam-* + *-ote* (DEHLP).

MARMOTA s.f. Espécie de roedor de porte pequeno originário do Hemisfério Norte.

*Olhei-lhe p'r'os peitos,
Eram de **marmota**;
Pareciam bem
Peitos de uma porca (p. 58).
(A Mulatinha. In: ROMERO, 1897, p. 57-58).*

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Regionalismo: Brasil. Gesticulação ou comportamento burlesco; momice, brincadeira.

Pessoa mal-ajambrada, desengonçada, deselegante; espantalho (DEA).

MATALUTAGE s.f. Malote de provisão de mantimentos de um navio.

*O sapo qnando¹¹ isto ouvio,
Qu'era uma pabulage,
Aqui mesmo foi descendo
O surrão da **matalutage**,
Foi levando mãos á riba
Puchou pela parnahyba (p. 128).
(O Sapo do Cariri. In: ROMERO, 1897, p. 123-129).*

LND

Var.: Matalotagem.

NL: Arcaísmo.

¹¹ Sic.

NE: Matalotagem: 1 Provisão de mantimentos de um navio ou de uma praça sitiada. 2 Qualquer provisão de víveres; matula. 3 Conjunto de matalotes e marujos; marinhagem (MMDLP).

MÁ TENÇÃO *loc. adj.* Desejo consciente de causar dano ou dor em outrem.

*Eu me sento aqui
Não com **má tenção**;
Juro-te, menina,
Que sou teu irmão.
Sae por um monte,
Qu'eu saio por outro,
A ajuntar o gado
Que é nosso todo (p. 27).
(A Pastorinha. In: ROMERO, 1897, p. 26-27).*

LND

Var.: Má intenção.

NL: Uso corrente.

NE: Mesmo que segunda intenção (geralmente no plural): intenção, motivo ou objetivo que está subjacente ao que é revelado ou afirmado, geralmente com o propósito de enganar ou tirar algum proveito (MMDLP).

MELADO *adj.* Cavalo com o pelo na cor amarelada.

*Foi voltando para traz
Bastante desconcertado,
Por ter perdido a carreira
No seu cavallo **melado** (p. 110).
(A B C do Boi-Prata. In: ROMERO, 1897, p. 109-112).*

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Etimologia: derivado de *mel* + *ado* (MMDLP).

MERENDA *s.f.* Refeição rápida feita entre o almoço e o jantar.

*Olhem para elle
Como vem galante,
Com meias de sêda.*

Calção de brilhante!

Si os manos vierem

*Trazer a **merenda**?* (p. 26).

(A Pastorinha. In: ROMERO, 1897, p. 26-27).

LDAE

NL: Arcaísmo.

NE: Do latim medieval *merenda*, *ae.* Refeição que se faz à tarde ou ao cair da noite, jantar, merenda, colação (DEHLP).

MODE *prep.* Por causa de, motivo de que algo suceda.

Em quanto Deus não dá chuva

Logo tudo desanima,

*Somente **mode** o trabalho*

Das malvadas das cacimbas (p. 106).

(A B C do Vaqueiro em tempo de sêcca. In: ROMERO, 1897, p. 105-108).

LND

Var.: Por mor de.

NL: Corruptela.

NE: Forma deturpada de “por mor de”, forma arcaica de “pelo amor de”. Por causa de; em atenção a (DPLP).

MOFINO *adj.* Avarento, ganancioso, mesquinho.

Felix do Pedrão, mulher,

*E' homem muito **mofino**,*

Que sem que veja dinheiro,

Não pega em corda de sino (p. 128).

(O Sapo do Cariri. In: ROMERO, 1897, p. 123-129).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Etimologia: De origem incerta, possivelmente do espanhol *mohino* (DAD).

MORIÇOCA *s.f.* Mosquito, pernilongo.

Hoje eu fui por um caminho

*E topei um gavião
Com a mutuca no chapéu,
Moriçoca no calção (p. 43).
(A Mutuca. In: ROMERO, 1897, p. 43-44).*

LND

Var.: Muriçoca.

NL: Uso corrente.

NE: Etimologia: tupi *mberu'soka* 'pernilongo', formado do tupi *mbe'ru* 'mosca' e tupi *'soka* 'que quebra, que parte, que fura' (DEHLP).

MORTORIO s.m. Falecimento de um ser vivo.

*Uma banda e mais o couro
Ficará para o **mortorio**,
A outra será p'ra missas
A's almas do purgatório (p. 67).
(O Rabicho da Geralda. In: ROMERO, 1897, p. 66-72)*

LDAE

Var.: Funeral.

NL: Arcaísmo

NE: Regionalismo: Pernambuco. Ausência de atividade, de trabalho; ócio, descanso (DEHLP).

MUMBICA s.m. Bezerro pouco desenvolvido, magro, raquítico.

*Xorem e chorarão
Com grande pena e pezar,
Somente mode um **mumbica**
Que dão para so matar (p. 108).
(A B C do Vaqueiro em tempo de sêcca. In: ROMERO, 1897, p. 105-108).*

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Etimologia: quicongo *mbika* (MMDLP); quimbundo *mu'bika* 'escravo', 'homem de baixa condição' (DAD).



NESCIO *adj.* Tolo, ignorante, inepto.

O senhor, creia em mim,

Que muito sério lho fallo;

*Eu sou um homem **nescio**,*

Não sei onde canta o gallo (p. 114).

(Conversa política entre um corcunda e um patriota. In: ROMERO, 1897, p. 113-118).

LDAE

Var.: Néscio.

NL: Arcaísmo.

NE: Que ou aquele que é falho de instrução, de conhecimento ou de inteligência; demente, estúpido, ignorante: “No bonde vinham [...] os bem-vestidos e os malvestidos, os elegantes e os pobres, os feios e os bonitos, os inteligentes e os néscios, e entravam com respeito, com concentração” (BARRETO *apud* MMDLP).



OCLO DE ARCANCE *loc. s.* Instrumento óptico utilizado para melhorar a visão a distância.

Seu major António Lucas,

Quando elle me enxergou.

*Botou **oclo de arcance**:*

Lá vem o meu cantador! (p. 48).

(Manoel de O’ Bernardo. In: ROMERO, 1897, p. 47-50).

LND

Var.: Óculo de alcance.

NL: Corruptela.

NE: 1. Instrumento cilíndrico, munido de uma ou duas lentes, que serve para auxiliar a vista ou aumentar objetos a grande distância; luneta. 2. Qualquer instrumento composto de lentes que auxiliam a vista. Der. do latim *ocŭlus*, 'olho' (DEHLP).



PABULAGE *s.f.* Exagero enganoso, ardiloso, pedantismo.

*O sapo qnando isto ouvio,
Qu'era uma **pabulage**,
Aqui mesmo foi descendo
O surrão da matalutage,
Foi levando mãos á riba
Puchou pela parnahyba (p. 128).
(O Sapo do Cariri. In: ROMERO, 1897, p. 123-129).*

LND

Var.: Pabulagem.

NL: Corruptela.

NE: Presunção, empáfia, fatuidade: "E depois aquela pabulagem que era homem de bem, que era isto, aquilo" (CORREIA *apud* DAD).

PATACÃO *s.m.* Grande moeda.

*A madrinha do noivado,
Por ser moça de acção,
Por um elogio tirado
Deu-me a mim um **patacão**;
Deu quatro para o meu bolso,
E quatro p'ra minha mão (p. 50).
(Manoel de O' Bernardo. In: ROMERO, 1897, p. 47-50).*

LDAE

Var.: Pataca.

NL: Arcaísmo.

NE: No sentido figurado: qualquer soma em dinheiro; moeda corrente (DEHLP).

PÉ DE GANCHO *loc. adj.* Uma das formas populares de nomear o diabo.

*Ah! seu cão! seu **pé de gancho**.*

Este é o pago que me dás

De ter te dado o meu rancho?

Ah; cão! ah! cara de fome!

Atira, atira, seguro,

Que tu atiras em home (p. 128).

(O Sapo do Cariri. In: ROMERO, 1897, p. 123-129).

LND

Var.: Diabo.

NL: Uso corrente.

NE: Diabo: O anjo rebelde que, segundo a crença cristã, foi banido do céu e lançado no inferno; anhangá, anhanguera, anjo das trevas, anjo mau, anjo rebelde, arrenegado, atentado, azucrim, beicudo, belzebu, bicho, bicho-preto, bode-preto, bruxo do inferno, bute, cafuçu, cafute, caneco, canheta, canhim, canhoto, cão, cão-miúdo, capeta, capete, capirocho, capiroto, careca, cifé, coisa, coisa à toa, coisa-má, coisa-ruim, cujo, debo, decho, demo, demônio, diá, diablo, diacho, diale, dialho, diangas, dianho, diogo, dragão, droga, dubá, ele, espírito das trevas, espírito maligno, excomungado, exu, fute, futrico, gato-preto, gênio das trevas, gênio do mal, grão-tinhoso, indivíduo, inimigo, Lúcifer, mafarrico, manfarrico, maioral, maldito, mal-encarado, maligno, malino, malvado, mau, mofento, mofino, moleque, moleque-do-surrão, não sei que diga, nem sei que diga, pai da mentira, pai do mal, pé-cascudo, pé de cabra, pé de gancho, pé de pato, pé de peia, pedro-botelho, pero-botelho, porco, porco-sujo, príncipe das trevas, que-diga, rabão, rabudo, romãozinho, sapucaio, sarnento, satânico, serpente infernal, serpente maldita, sujo, temba, tendeiro, tentação, tentador, tinhoso (MMDLP).

PEDREZÃO *s.m.* Pedra grande.

Porque o José de Souza

*Em cima do **pedrezão***

Está também desenganado

Que não pega o barbatão (p. 111).

(A B C do Boi-Prata. In: ROMERO, 1897, p. 109-112).

LND

Var.: Pedregulho.

NL: Corruptela.

NE: Pedregulho: Pedra grande; moledo, moledro, penedo (MMDLP).

PEJADO *adj.* Cheia, grávida, prenhe.

*E' certo que vae **pejada***

Dona Gia de Menezes,

Que já vae a completar

A conta de nove mezes (p. 123).

(O Sapo do Cariri. In: ROMERO, 1897, p. 123-129).

LDAE

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: particípio do verbo pejar, origem obscura ou desconhecida: Encher, carregar. Obstruir; embaraçar. Emprenhar, conceber. Cessar de moer (o engenho de açúcar); fazer parar (o moinho). Embaraçar-se; envergonhar-se (DPLP).

PERCENTAGE *s.f.* Proporção calculada de uma quantidade sobre cem unidades.

Muitos não têm recursos,

Não sabem o que hão de fazer,

Não temem a percentage,

Querem achar quem dê (p. 104).

(A B C do lavrador. In: ROMERO, 1897, p. 103-105).

LND

Var.: Percentagem.

NL: Corruptela.

NE: Sinônimo geral: Percentual (DPLP).

PEIA *s.f.* Objeto de metal utilizado para prender objetos em embarcações para evitar deslocamento.

Deus lhe dê os mesmos!

De cara mui feia,

Três filhas que tenho

*Vou pôl-as na **peia** (p. 32).*

(O Cégo. In: ROMERO, 1897, p. 30-32).

LDAD

Var.: Surra

NL: Uso corrente.

NE: Regionalismo (Nordeste): Chicote de tiras de couro entrançadas (DAD); Instrumento de açoite; chicote (DEHLP).

POR DERRADEIRO *loc. adv.* Mesmo que além de tudo, por último, finalmente.

Você manda e eu recebo,

*Vidinha **por derradeiro**...*

Um cravo que eu achei

Aberto no seu craveiro (p. 41).

(A lima. In: ROMERO, 1897, p. 41-42).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Por último, além de tudo: Pode confiar nela, é honesta, pontual e, por derradeiro, muito eficiente (DAD).

PUNARÉ *adj.* Pelo amarelado de cavalo.

O signal d'esta vaquinha?

*Cara branca **punaré**,*

Trar, o ferro do Burel,

Não tem cauda, é coché (p. 100-101).

(A vacca do Burel. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).

LDAE

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: Tupi '*punaré*' (DEHLP).

PUNDONOR *s.m.* Sentimento de honra, autoestima, dignidade.

E d'ahi a poucos anos

*Cresceu tanto em **pundonor**,*

Que os cães o chamaram logo

De Castella Imperador (p. 118-119).

(A alforria do cachorro. In: ROMERO, 1897, p. 118-120).

LDAE

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: espanhol *pundonor* (DAD).



QUEIXOSO *adj.* Aquele que se queixa.

Rompo chuvas e trovões.

Coriscos, e criminoso

*Ando no mundo, **queixoso***

Sem de mim se fallar nada!...

Hei-de amar a mulatinha

Pelo feixe da espingarda (p. 64).

(*Quero bem á mulatinha...* In: ROMERO, 1897, p. 63-64).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Que encerra ou expressa mágoa, tristeza (DAD).



RAIZ DE FEDEGOSO *loc. s.* Raiz de planta medicinal que tem efeito laxante, diurético e anti-inflamatório.

Marido, este seu mal

Parece ser perigoso;

Precisa tomar purgante

*De **raiz de fedegoso*** (p. 127).

(*O Sapo do Cariri.* In: ROMERO, 1897, p. 123-129).

LND

NL: Uso corrente.

NE: Fedegoso: Denominação comum a várias plantas dos gêneros *Cassia*, *Senna* e *Chamaecrista*, da família das leguminosas, algumas medicinais, outras forrageiras ou ornamentais, muitas delas de odor desagradável (MMDLP).

RALHAR v. Censurar, reclamar alto.

***Ralham** contra os vaqueiros,*

Nada se faz a seu gosto;

Se acaso morre um bezerro,

Na serra se toma outro (p. 107).

(*A B C do Vaqueiro em tempo de sêcca*. In: ROMERO, 1897, p. 105-108).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Repreender em voz alta, com severidade: “[...] entornei o tinteiro na calça de um menino que estava ao pé de mim; o mestre ralhou comigo” (ALMEIDA *apud* MMDLP).

RAMELA s.f. Secreção ocular acumulada no canto dos olhos.

Olhei-lhe p'r'os olhos,

*Vi bem foi **ramela**;*

De cada um torno

Bem dava uma vela (p. 58).

(*A Mulatinha*. In: ROMERO, 1897, p. 57-58).

LDAE

Var.: Remela.

NL: Uso corrente.

NE: Regionalismo: Alagoas. Uso: informal. Mesmo que catarro ('polpa') (DEHLP).

RASTO s.m. marcas ou sinais deixados por algo ou alguém que passou.

Elle disse bem vexado

E todo se tremendo:

Aqui sumiu-se o garrote,

*O **raсто** não estou mais vendo* (p. 110).

(*A B C do Boi-Prata*. In: ROMERO, 1897, p. 109-112).

LDAE

Var.: Rastro.

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: latim *rastrum* (DEA).

RÉDEA SOLTA *loc. adv.* Muito rápido, veloz, depressa.

O Filgueira assim que soube,

Mandou chegar seu cavallo,

*E correu á **rédea solta***

Em busca do Cantagallo (p. 112).

(O Figueiras. In: ROMERO, 1897, p. 112-113).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: No sentido figurado, pode ter o sentido de: à vontade; em plena liberdade (MMDLP).

RELHO *s.m.* Chicote de couro torcido para açoitar animais.

*Um **rêlho** de duas braças,*

Que o Surubim amarrou,

Botou-se n'uma balança,

Duas arrobas pesou (p. 108).

(O Boi Surubim. In: ROMERO, 1897, p. 108-109).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Etimologia: latim *regula, ae* (DAD).

REMATAR *v.* Dar acabamento, aperfeiçoar.

Trinta e um meios de sola

*Na praça se **rematou**,*

P'ra fazer seu sapatinho...

Assim mesmo não chegou (p. 46).

(Redondo, sinhá. In: ROMERO, 1897, p. 44-46).

LDAE

Var.: Arrematar.

NL: Arcaísmo.

NE: Dar remate a; concluir, terminar, completar, acabar, arrematar: “A donzela remata a barra bordada de um corpete, e a agulha voa entre seus dedos delicados.” (SILVA *apud* DEA).

REPIMPADO *adj.* Comodamente sentado; refestelado.

Eu vi outra lagartixa

Atrepada n'um sobrado,

Repimpada na cadeira

Com seu rabo pendurado (p. 149).

(*As lagartixas*. In: ROMERO, 1897, p. 149).

LDAE

NL: Arcaísmo.

NE: Recostado ou sentado comodamente: "...arrastou a poltrona para a varanda, e repimpada, os braços cruzados, pôs-se a passar a noite." (QUEIRÓS *apud* DAD).

REQUEIMADO *adj.* Muito queimado ou queimado mais de duas vezes.

Encontrei n'uma maiada

Três rezes brancas, uma lavrada,

*Três castanhas **requeimadas**,*

E uma rouxinol disfarçada (p. 100).

(*A vacca do Burel*. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).

LDAE

Var.: Recrestar.

NL: Arcaísmo.

NE: Deixar queimar; esturrar. Secar, fazer murchar. Enegrecer, queimar (falando do sol ou do calor) (DPLP).

RESTEA *s.f.* Feixe de luz.

Senhor, o que quer ?

Eu já não posso

Estar mais em pé.

Olhei-lhe p'r'as orelhas,

Vi-lhe uns brincos finos,

*Na **restea** da lua*

Estavam reluzindo (p. 58).

(*A Mulatinha*. In: ROMERO, 1897, p. 57-58).

LND

Var.: Réstia.

NL: Uso corrente.

NE: Feixe ou raio de luz: "...Largas réstias de sol caíam das janelas laterais..." (QUEIRÓS *apud* DAD).

ROÇA s.f. Pequena propriedade rural onde se cultiva plantações.

Cuidados tenho de noite,

De madrugada levanto,

*De manhã vou para a **roça***

A correr todos os cantos (p. 103).

(*A B C do lavrador*. In: ROMERO, 1897, p. 103-105).

LDAE

Var.: Roçado.

NL: Uso corrente.

NE: Derivação regressiva do verbo roçar (DPLP).

RUCILHO adj. Cavalo com pelo nas cores branca, vermelha e preta.

Corre, corre, lagartixa,

Vae tomando mais alento;

*Que o meu **rucilho** não corre,*

Já me vâa como vento (p. 101).

(*A vacca do Burel*. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).

LDAE

NL: Arcaísmo.

NE: Derivado de *ruço* + *-ilho* (DEHLP).



SCIENCIA *s.f.* Conhecimento adquirido, saber, instrução.

*Bem queria ter **sciencia**,
Dizer por linhas direitas,
Para agora explicar
Uma idéa bem perfeita* (p. 103).
(*A B C do lavrador*. In: ROMERO, 1897, p. 103-105).

LND

Var.: Ciência.

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: latim *scientia* (DEHLP).

SICUPIRA *s.f.* Árvore de grande porte do cerrado brasileiro com propriedades medicinais.

*A cova de Dom Duarte
Foi lá no pé do altar.
Na cova de Donzilha
Foi um pé de **sicupira*** (p. 09).
(*D. Duarte e D. Donzilha*. In: ROMERO, 1897, p. 08-09).

LND

Var.: Sucupira.

NL: Uso corrente.

NE: Designação comum a espécies do gênero *Ormosia*, da família das leguminosas, caracterizadas pelas sementes muito duras e de coloração vermelho-sanguínea, com uma mancha negra. São árvores providas de frutos do tipo vagem (DEA).

SOMENOS *adj.* De menor valor ou importância que outro; inferior, irrelevante.

*Esta fidalguia minha
Nunca ha-de se acabar;
Qu'eu com gente mais **somenos**
Nunca hei do me pegar* (p. 139).
(*Meu Bemzinho, diga, diga...* In: ROMERO, 1897, p. 138-139).

LDAE

Var.: Ordinário.

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: composição de *so* + *menos* (MMDLP).

SUEIRA s.f. Dar trabalho, fazer suar.

Eu no tempo de bezerra

A muitos vaqueiros logrei;

*Na fazenda fiz **sueira**,*

Muitas porteiras pulei (p. 99).

(*A vacca do Burel*. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).

LDAD

Var.: Suadeira.

NL: Arcaísmo.

NE: Regionalismo: Brasil. Uso: informal. Serviço pesado que faz suar; trabalhadeira, estafa, suador (DEHLP).



TAPUIO s.m. Mestiço descendente de indígenas que não falavam tupi no período da colonização do Brasil.

Respondeu Joaquim Ignacio

Com a sua opinião:

Meu tio, peça favor

*A gente, a **tapuio** não!* (p. 113).

(*O Figueiras*. In: ROMERO, 1897, p. 112-113).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Etimologia: tupi *tapyia* (DEHLP).

TRESPASSADO *adj.* Particípio do verbo trespassar, mesmo que atravessar, perfurar, penetrar, transfixar.

*Trouxeram três bacamartes,
Cada qual mais desalmado;
Os três tiros que me deram
De todos fui **trespassado** (p. 71).
(O Rabicho da Geralda. In: ROMERO, 1897, p. 66-72).*

LND

Var.: Traspassar.

NL: Arcaísmo.

NE: Verbo traspassar: “Matou os quatro filhos, trespassando / Quatro vezes o próprio coração!” (JUNQUEIRO *apud* DEA).



UBRE *s.m.* Mama de vaca ou de outra fêmea de animal, especialmente quando fica flácida e com vários mamilos.

*Minha mãe era uma vacca,
Vaquina de opinião;
Ella tinha o ubre grande
Que arrastava pelo chão (p. 73).
(O Boi-Espacio. In: ROMERO, 1897, p. 72-76).*

LDAE

Var.: Úbere.

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: latim *ūber*, *ēris* 'peito, mama (de mulher), teta (de animal)' (DEHLP).



VAE PEGADO *loc. v.* Diz-se do animal que empaca.

João de Souza por esperto

Cavalgava no melado;

José disse com soberba:

*Elle agora **vae pegado** (p. 110).*

(A B C do Boi-Prata. In: ROMERO, 1897, p. 109-112).

LND

Var.: Vai pegado.

NL: Arcaísmo.

NE: Diz-se do cavalo que não quer andar (DPLP).

VAQUETA *s.f.* Couro de vaca curtido para confecção de calçados e bolsas.

Olhei-lhe p'r'as pernas,

*Eram de **vaqueta**;*

Comidas de lepra,

E cheias de greta (p. 58).

(A Mulatinha. In: ROMERO, 1897, p. 57-58).

LDAD

NL: Arcaísmo.

NE: Regionalismo: Sul do Brasil. Uso: pejorativo. Mulher que pratica prostituição; meretriz (DEHLP).

VARGEM *s.f.* Planície fértil situado na margem de um rio.

Este meu boi Surubim

E' um corredor de fama,

Tanto ele corre no duro,

*Como nas **vargens** de lama (p. 109).*

(O Boi Surubim. In: ROMERO, 1897, p. 108-109).

LDAE

Var.: Várzea.

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: origem desconhecida (DEHLP).

VARIO *adj.* Qualidade de quem está fora de si, desvairado, delirante.

Eu conheço o seu character,

Não é de tolo e vario.

Mostra ser de pensante,

Ou de um escriptuario (p. 114).

(Conversa política entre um corcunda e um patriota. In: ROMERO, 1897, p. 113-118).

LDAE

Var.: Vário.

NL: Arcaísmo.

NE: Etimologia: latim *variŭs* (MMDLP).

VEXAR *v.* Envergonhar, humilhar, causar vexame.

Rio-Preto, não me vexo

Para subir a ladeira,

Subo do cócra e de banda,

Subo de toda a maneira ;

Até mostro preferencia

Em subil-a na carreira (p. 50).

(Manoel de O' Bernardo. In: ROMERO, 1897, p. 47-50).

LDAD

Var.: Avexar.

NL: Uso corrente.

NE: Regionalismo: Nordeste do Brasil: dar pressa a ou ter pressa; apressar(-se), azafamar(-se) (DEHLP).

VEXADO *adj.* Envergonhado, que passou por uma situação de vexame.

Elle disse bem vexado

E todo se tremendo:

Aqui sumiu-se o garrote,

O rasto não estou mais vendo (p. 110).

(*A B C do Boi-Prata*. In: ROMERO, 1897, p. 109-112).

LDAE

Var.: Avexado.

NL: Uso corrente.

NE: Etimologia: latim *vexatus*, *a*, *um* (DEHLP).



ZANGADO *adj.* Que se zangou, irritou, enfadou.

***Zangada** já estou do mundo,*

Eu não quero mais viver,

No artigo em que me acho

Só com Deus me quero vêr (p. 144).

(*O A B C da Moça queimada*. In: ROMERO, 1897, p. 142-144).

LDAE

NL: Uso corrente.

NE: Etimologia: particípio do verbo *zangar* (MMDLP).

ZARRO *adj.* Indivíduo rude de difícil trato.

Já respondeu o Velloso:

*O Ventania é cabra **zarro**,*

Bate com o chapéu na perna,

Bota no chão, que eu amarro (p. 102).

(*A vacca do Burel*. In: ROMERO, 1897, p. 98-103).

LDAE

NL: Arcaísmo.

NE: origem desconhecida (MMDLP).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto nesta pesquisa, é possível constatar que os objetivos almejados no início do trabalho foram alcançados e chegamos à conclusão de que a linguagem popular resgatada na obra *Cantos Populares do Brasil* (1897) nos revela muito mais que traços sociais, mas as marcas culturais do povo nordestino através das lexias analisadas.

A linguagem popular nos oferece elementos necessários para o conhecimento do povo em seus mais diversos aspectos, entre eles os socioculturais enraizados no folclore nordestino. Com o objetivo de analisarmos esses aspectos, aprofundamos os estudos socio e etnolinguísticos dos romances e cantigas populares resgatados e compilados por Sílvia Romero no Nordeste brasileiro na segunda metade do século XIX.

As Ciências do Léxico, em especial a Lexicologia e a Lexicografia, nos deram o suporte necessário para a materialização desta pesquisa a partir da análise léxico-semântica das lexias selecionadas, assim como a realização do “Glossário da Linguagem Regional em Cantos Populares do Brasil (1897), de Sílvia Romero”, como resultado deste estudo.

Dessa forma, o que motivou a realização deste estudo foi a importância da Literatura Popular como condutor cultural que dá suporte à promoção de contextos sociais a partir de sua linguagem própria. O *corpus* utilizado nos permitiu ratificar a heterogeneidade da língua em suas manifestações mais diversas, sejam elas artísticas ou cotidianas, cuidadosas ou espontâneas.

Evidenciadas no glossário supracitado, as lexias analisadas comprovam nossa hipótese de que a variação do léxico empregado na Literatura Popular aproxima o povo de sua cultura, revelado em seu discurso, e que a partir de manifestações artísticas como forma de entretenimento, implicitamente, há uma forma de ensinamento moral que traduz a identidade do povo nordestino.

Elaboramos o glossário com base em 42 poemas resgatados na região Nordeste do Brasil, dos quais extraímos 147 lexias (simples e compostas) com características culturais dessa região. As lexias foram classificadas como arcaísmos, corruptelas e lexias de uso corrente, com base no conhecimento linguístico do pesquisador.

O glossário evidencia palavras ou expressões que transmitem indicações de sentido e de valores do repertório cultural do povo e apresenta algumas peculiaridades da linguagem popular, o que nos faz refletir, no âmbito acadêmico, sobre a linguagem como prática social de interação e que o repertório linguístico, assim como a variedade de expressões, expressa a

heterogeneidade da língua e, ainda, que o repertório lexical varia de acordo com o tempo, lugar e posição social.

Com as lexias não dicionarizadas (LND), sejam elas arcaísmos ou corruptelas, percebemos que o povo adapta sua linguagem à arte e a retoma no uso corrente da língua, trazendo um significado àquela forma incerta ou que não era mais usada.

As lexias dicionarizadas com acepção diferente (LDAD) mostram a preocupação artística de manter a musicalidade e a rima dos poemas, deixando a semântica em segundo plano. Para o povo, a arte popular é sinônimo de entretenimento, por isso não há uma demasiada preocupação com aquilo que foi dito, mas com o como foi dito.

Por fim, acreditamos que esta pesquisa será de grande valia aos demais pesquisadores da cultura popular, em especial na sua literatura, para suplementar seus estudos ou, quem sabe, apresentá-la em aulas na área de linguagens, servindo, então, para a divulgação da cultura e da linguagem do povo nordestino.

REFERÊNCIAS

ABBADE, C. M. S. Vocabulário sisaleiro: a língua revelando traços culturais. In: **Cadernos do CNLF**. v. XIV. n. 2, t. 2. 2011. p. 1760-1771.

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da literatura**. 8. ed. Coimbra: Edições Almedina/SA, 2007.

ALKIMIN, Tânia. Considerações iniciais. In: MUSSALIN & BENTES (Orgs.). **Introdução à linguística I: domínios e fronteiras**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A linguagem como marca da cultura regional. In: Reunião anual da SBPC, 55., 2003. Recife. **Anais eletrônicos**. São Paulo: SBPC/UFPE, 2003. Disponível em: <https://www.ipen.br/biblioteca/cd/sbpc/2003/textos/MaSocorroArgagao.htm>. Acesso em: 01 Out. 2022.

_____. O lingüístico e o cultural nos contos populares paraibanos. In: Reunião anual da SBPC, 57., 2005. Fortaleza. **Anais eletrônicos**. São Paulo: SBPC/UECE, 2005. Disponível em: http://www.sbpnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/mariaaragao.htm. Acesso em: 01 Out. 2022.

_____. Falares nordestinos: aspectos socioculturais. In: **Acta Semiótica et Lingvistica**. João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 209-225, 2013.

ARISTÓTELES. **Poética e tópicos I, II, III, IV**. Trad. Marcos Ribeiro de Lima. São Paulo: Hunter Books, 2013.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: **Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia**. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica. Brasília: 1990.

_____. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). **A Constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2. ed. São Paulo: FLCH/CITRAT, 2001.

BAYLON, C. **Sociolinguistique: société, langue et discours**. Paris: Nathan, 1991.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

_____. A ciência da Lexicografia. In: **Alfa**. São Paulo, 28 (supl.), p. 1-26, 1984.

_____. As Ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A.M.P.P., ISQUIERDO, A.N. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolingüística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

BRASIL. **Diversidade linguística do Brasil (GTDL)**. Relatório de atividades do grupo de trabalho da diversidade linguística do Brasil. Brasília: Câmara dos Deputados/IPHAN, 2006-2007.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2023.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

_____. **Folclore do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2012.

_____. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

COSERIU, Eugênio. **Fundamentos e tarefas da sócio e da etnolinguística**. I CONSEL - Congresso Nacional de Sócio e Etnolinguística. João Pessoa: UFPB, 1978.

_____. **Sincronia, diacronia e história**. São Paulo: Presença / Editora da USP, 1979.

COSTA, Maria Elisabeth de Andrade. Cultura popular. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete).

Dicionário Aulete Digital. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/>>, acesso em: 22 Fev. 2023.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/>>. Acesso em: 22 Fev. 2023.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

DUSSEL, Enrique. **Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação**. São Paulo: Paulinas, 1997.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática, 1999. Versão 3.0. 1 CD-ROM.

FERREIRA, R. R. **Para um vocabulário semi-sistemático da cultura e da indústria da rede de dormir e um estudo dos movimentos signícos constitutivos de sua linguagem**.

Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 1997.

FRIBOURG, J. Vers l'ethnolinguistique. In: **La Linguistique**, v. 14, fasc. 2, 1978.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão monousuário 3.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

HUDSON, Richard A. **Sociolinguistic**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

KURY, Adriano da Gama; ROSA, Ubiratan. **Minidicionário Gama Kury da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2001.

LIMA, Rossini Tavares de. **Romanceiro folclórico do Brasil**. São Paulo; Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 1971.

LUFT, Celso Pedro. **Literatura portuguesa e brasileira**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1969. p. 335-336.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

MARTINET, André. **Conceitos fundamentais da Linguística**. Trad. Wanda Ramos. Lisboa: Editorial Presença, 1976.

MARTINS, Carlos Estevam. Anteprojeto do Manifesto do Centro Popular de Cultura: março, 1962. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Impressões de viagem**: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos Ltda: 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>, acesso em: 22 Fev. 2023.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PAIS, Cidmar Teodoro. Considerações sobre a Semiótica das Culturas, uma ciência da interpretação: inserção cultural, transcodificações transculturais. In: **Acta Semiótica et Lingvistica**, v. 14, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/14616/8267>>. Acesso em: 03 Out. 2020.

_____. Literatura oral, literatura popular e discursos etno-literários. In: **Estudos em literatura popular**. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

PIRES, Orlando. **Manual de teoria e técnica literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1985.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e semântica lexical**: noções fundamentais. Trad. Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

ROCHA, João P. **O espetáculo semiótico do pastoril de Teixeira-PB**: resgate da cultura tradicional através das cantigas de folgado. Monografia (Graduação em Letras / língua portuguesa). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017.

ROMÉRO, Sylvio. **Cantos populares do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Livraria Clássica de Alves & Comp., 1897.

SANTOS, I. P. Memória e geolingüística: o questionário semântico-lexical. In: **X Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Rio de Janeiro: Cadernos do CNLF, v. X, 2006.

SAPIR, Edward. **A Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Org. BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

TEIXEIRA, Nílson Carlos. **O Grande Livro dos Provérbios**. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

ANEXOS

Anexo 1 – Carta do Folclore Brasileiro

CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO¹²

O I Congresso Brasileiro de Folclore, reunido nesta Capital de 22 a 31 de agosto de 1951, resolveu tornar público, neste documento, os princípios fundamentais, as normas de trabalho e as diretrizes que devem orientar as atividades do Folclore Brasileiro, de acordo com as conclusões aprovadas, reservando-se para publicação nos Anais aquelas deliberações de caráter transitório ou de natureza administrativa, não passíveis de sistematização dentro do critério aqui estabelecido.

I

1. O I Congresso Brasileiro de Folclore reconhece o estudo do folclore como integrante das ciências antropológicas e culturais, condena o preconceito de só considerar folclórico o fato espiritual e aconselha o estudo da vida popular em toda sua plenitude, quer no aspecto material, quer no aspecto espiritual.
2. Constituem o fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservado pela tradição popular e pela imitação e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do patrimônio científico e artístico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica.
3. São também reconhecidas como idôneas as observações levadas a efeito sobre a realidade folclórica, sem o fundamento tradicional, bastando que sejam respeitadas as características de fato de aceitação coletiva, anônimo ou não, e essencialmente popular.
4. Em face da natureza cultural das pesquisas folclóricas, exigindo-se que os fatos culturais sejam analisados mediante métodos próprios, aconselha-se, de preferência, o emprego dos métodos históricos e culturalistas no exame e análise do folclore.

II

1. Considerando que, para melhor conhecimento e maior desenvolvimento do Folclore Brasileiro, é necessário intensificarem-se os trabalhos de campo, o I Congresso Brasileiro de

¹² Disponível em: <https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Carta_do_folclore.pdf>. Acesso em: 20 Out. 2022.

Folclore reconhece a necessidade de ser estabelecido um Plano Nacional de Pesquisa Folclórica, que vise ao levantamento, dentro de bases e princípios científicos, dos motivos folclóricos existentes em todas as regiões do país. Compete à Comissão Nacional de Folclore a organização desse Plano, em cuja elaboração serão ouvidos os órgãos regionais e, se necessário, associações culturais de objetivos afins.

2. Para execução do Plano será ainda elaborado um manual prático de pesquisa, contendo a orientação que deve ser seguida pelos pesquisadores nas respectivas áreas. Aconselha-se, igualmente, a realização de cursos práticos de preparação de pesquisadores, para o fim de assegurar-lhes conhecimentos fundamentais de método e técnica de trabalho de campo.

3. Os trabalhos de pesquisas devem ser executados por equipes, nas quais se incluam, sempre que possível, técnicos de cinema e de gravação de som, sociólogos, historiadores, geógrafos-cartógrafos, musicólogos, etnógrafos e lingüistas, além dos folcloristas necessários.

4. Competirá às equipes em cada Estado, recolher igualmente o documentário material, através de peças folclóricas, e fotográfico, destinando-se o que for obtido ao Museu Folclórico da respectiva Unidade Federada; as peças mais características de cada região devem ser conseguidas em duplicata, destinada uma das vias ao Museu Folclórico que se organizará na Capital da República com caráter nacional.

5. A Comissão Nacional de Folclore regulamentará os trabalhos de pesquisa e de preparação de pesquisadores, respeitadas as peculiaridades de cada Unidade da Federação.

III

1. Toda pesquisa folclórica deverá ser feita em moldes científicos, obedecendo às normas metodológicas comumente seguidas nas ciências sociais. Para esse fim os pesquisadores além do necessário treino, devem ser instruídos sobre questões metodológicas e, pelo menos, noções de etnografia européia, ameríndia e africana, a fim de que não lhes passem despercebidos aspectos muitas vezes importantes e para que os dados coletados não sejam invalidados por falhas de método e de técnica.

2. Para tomar-se viável um levantamento dos fatos folclóricos brasileiros, observadas as recomendações acima prescritas, deve-se aproveitar o concurso de instituições já existentes e ramificadas por todo o território nacional.

3. Para que sejam obtidos os elementos indispensáveis à realização das pesquisas folclóricas, cumpre que estas pesquisas além de sua finalidade científica, adquiram finalidade prática e útil à região em que se realizem, bem como aos seus habitantes.

IV

1. É reconhecida como fundamental à pesquisa do Folclore Brasileiro, a necessidade do levantamento prévio do calendário folclórico, destinado a fixar as datas em que se celebram, em cada Município, as festas tradicionais de maior repercussão social. Consideram-se como incluídas entre estas festas as de caráter regional (festas de padroeiro, festas de colheita, moagem, marcação de gado, vaquejadas, etc.), as de comemoração geral (festa do ciclo de Natal, de Carnaval, da Semana Santa, de São João, do Divino Espírito Santo, etc.), e as festas especiais isto é, comemorações locais, promovidas por grupos étnicos ou sociais com o propósito de determinada celebração.
2. A Comissão Nacional de Folclore organizará o questionário básico ao levantamento do inquérito, cabendo às Comissões Regionais acrescentarem os aspectos específicos referentes a cada Unidade Federada, em particular.
3. Recomenda-se às Comissões Regionais adotem providências para que o calendário e o mapa folclórico de cada Unidade Federada sejam apresentados sob forma tão completa quanto possível, no II Congresso Brasileiro de Folclore.

V

1. A Comissão Nacional de Folclore promoverá, através das Comissões Regionais e com a possível urgência, o levantamento das romarias existentes e reconhecidas nas diversas regiões do país, de modo a estabelecer sua origem, data de realização local e finalidades. Com estes elementos será organizado o mapa e calendário das romarias brasileiras.
2. A Comissão Nacional de Folclore sugerirá ao governo da república, na forma que julgar mais conveniente, a organização de missões assistenciais, com a finalidade de atuar nos locais das romarias. Essas missões deverão ter a colaboração de vários técnicos do governo, incluindo-se particularmente, elementos de ação representativos de: a) grupo sanitário, de profilaxia e educação sanitária; b) grupo de educação rural, ajustados às condições de cada romaria, c) grupo de recreação e divulgação cultural, que proporcione aos romeiros através de filmes, representações teatrais; discos, alto-falantes, etc., oportunidades de recreio e do conhecimento de fatos da vida cultural do país e ainda instruções sobre processos sanitários, higiênicos, educativos, etc.; d) grupo de estudos sociológicos destinado a estudos e pesquisas sociais; e) grupo folclórico, para estudos e pesquisas folclóricas e cuja representação caberá à Comissão Nacional de Folclore.
3. A atuação dos elementos integrantes das missões assistenciais visará precipuamente à assistência sanitária, educacional e cultural às populações participantes das romarias,

procurando fixar, em particular, seus objetivos no seguinte: orientar o homem no sentido de sua fixação à terra, evitando a emigração; apresentar programas ou atividades que não entrem em choque com o espírito da romaria ou a mentalidade da população; programar seus trabalhos em horas que não perturbem os atos religiosos; prestigiar as manifestações artísticas autóctones, promovendo exposições de arte popular, festas de música e danças regionais, etc., de maneira a criar, no povo, interesse pela conservação do que lhe é próprio em atividades artísticas; concorrer para a educação e o bom gosto. 4. A organização das missões assistenciais far-se-á com a colaboração dos Ministérios da Educação e Saúde e da Agricultura, da Legião Brasileira de Assistência, da Sociedade Brasileira de Sociologia e da Comissão Nacional de Folclore e ainda de serviços técnicos estaduais ou de outros órgãos assistenciais e culturais. Para esse fim o governo promoverá a organização de uma comissão com representantes dessas entidades, para elaborar e planejar os trabalhos das missões assistenciais.

VI

1. Reconhece o Congresso a conveniência de assegurar-se o mais completo amparo às artes populares, ao artesanato e à indústria doméstica, auxiliando-se as iniciativas que digam respeito ao seu desenvolvimento e à proteção dos artistas populares.
2. Para tanto devem os órgãos da Comissão Nacional de Folclore promover, sempre que possível, com a colaboração dos órgãos competentes da respectiva administração estadual, as pesquisas e estudos convenientes que visem, em particular, ao levantamento regional das artes populares e dos tipos de organização existentes para produção e comércio em comum de artigos artesanais e de trabalho doméstico, ao planejamento das atividades, cursos, programas de aperfeiçoamento, concursos, etc., necessários ao amparo e estímulo ao artesanato.
3. É dirigido um apelo aos Governos Regionais para que, com a cooperação dos órgãos regionais de folclore, promovam o estímulo às organizações de artes populares e de artesanato, assistindo-as no que for imprescindível às atividades artesanais e domésticas lucrativas, sempre preservando sua localização regional.

VII

1. Considera-se o cancionário folclórico infantil fator de educação, tendo em vista que, ao mesmo tempo que desenvolve o gosto pela música e o hábito do canto coletivo, fornece material adequado às aulas e recreação, reforçando ainda o aproveitamento do elemento tradicional. Sua utilização deve visar às necessidades infantis de gregarismo e expansão, e também despertar o espírito de cooperação, de par com o sentido de disciplina.

2. É recomendado às Comissões Regionais que incluam, em seus planos e atividades de pesquisa, o levantamento mais completo possível do material do cancioneiro folclórico infantil, de modo que oportunamente possa a Comissão Nacional de Folclore fazer a escolha dos motivos entre as cantigas de uso mais generalizado em todo o país, em suas melhores versões musicais e literárias, observando-se, em particular os seguintes requisitos: a) tessitura conveniente; b) boa prosódia musical; c) texto sugestivo.
3. O material que for coletado, dentro deste propósito, deverá trazer indicações referentes: a) ao gênero; b) à movimentação; c) à localidade, região ou zona de onde procede; d) quem recolheu e em que data; e) ao andamento; f) à colocação da letra na música; g) a todos os esclarecimentos suplementares que a execução da cantiga exigir. Com base nas indicações musicais recolhidas, providenciará a Comissão Nacional de Folclore um acompanhamento pianístico de fácil execução e rigorosamente de acordo com o caráter da cantiga.
4. A Comissão Nacional de Folclore promoverá, oportunamente, a publicação, em volume, do material recolhido, destinando-o a ampla divulgação nas escolas pré-primárias e primárias do Brasil.
5. Propõe o Congresso que as canções folclóricas sejam incluídas no programa dessas escolas, em todo o território nacional, e que se encaminhem providências para que esta sugestão se transforme em lei.

VIII

1. O Congresso protesta contra as alterações e deturpações notórias em temas folclóricos musicais. Neste sentido formula respeitoso apelo às autoridades judiciais do país para que, nas ações de direito autoral, em que se alegue inspiração no folclore, sejam ouvidos peritos de reconhecida competência em assuntos folclóricos.
2. O Congresso considera necessário: a) a adoção de providências adequadas à defesa e preservação do folclore musical em relação à sua divulgação pelo rádio, organizando-se planos e adotando normas, em cuja elaboração sejam também chamados a colaborar ativamente representantes das principais entidades radiofônicas do país. Sugere-se que, nessas normas, se inclua a obrigatoriedade de terem as estações de rádio, individualmente ou por grupos, consultores especializados em folclore musical, sempre que possível com curso dessa disciplina feito em Conservatórios de Música. b) seja tomado obrigatório por lei, e com sanções adequadas, a transcrição nas composições que utilizem temas folclóricos, da melodia ou tema original aproveitado e sua procedência, assim como figurem também essas indicações nos programas de concertos ou festivais em que aparecem tais obras.

IX

1. É formulado encarecido apelo ao Exmo. Sr. Presidente da República no sentido de que se promova, pelos meios julgados mais convenientes aos interesses da administração pública, a criação de um organismo, de caráter nacional, que se destine à defesa do patrimônio folclórico do Brasil e à proteção das artes populares.
2. Ao órgão a ser criado, nos termos desta sugestão, deve ser dada estrutura de caráter autárquico, com plena autonomia técnica e a autonomia administrativa indispensável à própria natureza de seus encargos.

X

É recomendado ao IBEEC que promova, junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, as providências necessárias no sentido de que a rede de Agências Municipais de Estatísticas possa ser utilizada, da forma mais conveniente aos interesses daquela entidade, na realização dos inquéritos folclóricos que, em âmbito nacional, sejam estabelecidos pela Comissão Nacional de Folclore.

XI

1. É inadiável a necessidade de preservar os produtos da inventiva popular, tanto os de caráter lúdico e religioso como os de caráter ergológico. A guarda desses objetos deve ficar a cargo de instituições apropriadas, e sob a direção de órgãos ligados à pesquisa e ao estudo do folclore devido tanto ao caráter coletivo dessa tarefa como ao longo tempo indispensável à coleta e classificação dos dados para lhes dar interesse didático.
2. Recomenda, pois, o Congresso a criação, no Distrito Federal, do Museu Folclórico Nacional, com uma das suas divisões ou um museu subsidiário dedicado ao folclore e às artes populares da Capital da República e de museus folclóricos por parte das Comissões Regionais, nas Capitais e nos Municípios em que sua criação se revelar exequível, proveitosa e representativa. Caberá à Comissão Nacional de Folclore, através do seu Conselho Diretor, e sob sua responsabilidade direta, a organização do Museu Folclórico Nacional, e às Comissões Regionais através dos seus respectivos Secretários Gerais e dos museus locais.
3. Para a efetivação destas medidas a Comissão Nacional de Folclore pedirá aos governos estaduais que auxiliem, na medida do possível, a criação e organização dos Museus Folclóricos locais, seja assegurando-lhes facilidades de instalação, seja emprestando técnicos de museus, seja subvencionando no todo ou em parte as suas atividades; pedirá ao IBGE a sua colaboração, através dos agentes municipais de estatística, na coleta de material de interesse folclórico e

popular; procurará obter, de outros organismos federais, o mesmo tipo de colaboração; pedirá ao Governo Federal, em caráter permanente, as necessárias franquias de transporte, por água, terra e ar, para o material recolhido; e as Comissões Estaduais de Folclore se entenderão com os poderes públicos locais no sentido de obter deles a cessão, para a formação dos museus estaduais, de objetos de uso e criação popular porventura existentes em repartições não especializadas, como as chefaturas e delegacias de polícia; pedirão a colaboração de organismos e repartições que possam ajudar na coleta de material; e se dirigirão, no sentido de obter franquias de transporte para esse material, aos governos estaduais e, quando couber, às prefeituras municipais.

XII

1. É conveniente difundir e vulgarizar as diversões e danças dramáticas brasileiras, levando-as, por meio de exibições teatrais, a camadas da população que a elas habitualmente não têm acesso e, igualmente, a outros pontos do país, fora de sua área de distribuição, contanto que não se altere a sua autenticidade ou se deforme a sua expressão primitiva. Essa difusão e vulgarização, enquanto não se faz através dos grupos diretamente empenhados no folclore, podem ser feitas por meio de artistas especializados em representações populares e folclóricas, aos quais o Ministério da Educação e Saúde, pela portaria nº 240, de 23 de maio de 1949, prometeu apoio oficial.

2. Recomenda o Congresso à Comissão Nacional de Folclore e às Comissões Regionais: o estímulo e, sempre que possível, a criação de grupo de amadores, especializados em teatro popular, que sob a orientação de um folclorista por elas designado e atendendo ao mínimo das exigências teatrais, transponham com fidelidade para o palco as diversões e danças dramáticas de sua respectiva região ou Estado; o apoio moral, científico, artístico e, quando possível, financeiro aos grupos de amadores e profissionais, porventura existentes, que se dediquem a este tipo de vulgarização do folclore nacional, o estudo das possibilidades de utilização gratuita e periódica de teatros já existentes por parte desses grupos de amadores, entendendo-se para tanto com as autoridades federais, estaduais e municipais competentes; e a coordenação das atividades desse grupo de amadores em plano nacional de maneira a favorecer o seu intercâmbio entre as várias regiões brasileiras.

XIII

1. É ínfima, em comparação com a riqueza e a variedade do folclore nacional, a soma disponível de informações e de estudos folclóricos e em geral esses trabalhos se ressentem de falta de

técnica, devido ao seu caráter eventual e fortuito. Toma-se necessário formar peritos em números razoável e com certa continuidade e familiariza-los com os métodos modernos de observação, pesquisa e análise, a fim de aumentar o rendimento do seu trabalho e enriquecê-lo, sendo conveniente que esse treinamento especial se ministre em nível universitário, devido ao concurso de outras disciplinas afins.

2. A Comissão Nacional de Folclore dirigirá um apelo as autoridades competentes, propondo a criação, nos cursos de Ciências Sociais e de Geografia e História das Faculdades de Filosofia, da cadeira de Folclore, na qual se ensinem, em uma parte geral, os métodos de pesquisa, observação e análise dos fatos folclóricos em todas as suas modalidades, e, em parte especial, as formas e processos do folclore nacional.

3. Nesse apelo proporá, igualmente, a Comissão Nacional de Folclore: a) que a cadeira de Etnografia e Pesquisa dos Conservatórios de Canto Orfeônicos passe a denominar-se de Folclore Nacional, como na Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, e que nenhum aluno seja aprovado nessa disciplina sem a apresentação de uma pesquisa de campo, como também nenhum professor seja admitido para lecioná-la sem a correspondente apresentação de uma ou mais pesquisas de mérito. b) que seja criada, em todos os Conservatórios oficiais ou oficializados da União, Estado ou Municípios, a cadeira de Folclore Nacional. c) que se estenda a freqüência às aulas de folclore das escolas de música nacionais a todos os estudantes dos diversos cursos, não se restringindo a sua obrigatoriedade apenas aos alunos das classes de composição, encarecendo-se ainda a necessidade de ter o curso, pela importância do estudo conjunto do folclore para a formação da cultura nacional, a duração de dois anos.

XIV

1. As Comissões Regionais de Folclore deverão organizar, nas faculdades, escolas normais e colégios secundários, centros ou grupos de pesquisas, formados por alunos dos respectivos estabelecimentos, e cujos trabalhos terão assistência técnica e a orientação da respectiva Comissão.

2. Os centros assim organizados terão como finalidade principal a pesquisa de campo, a colheita do material como existe, o registro mecânico dos fatos folclóricos, o estabelecimento de núcleos de documentação (museus, discotecas, arquivos, etc.) e a sua respectiva divulgação, com observações e notas, mas sempre em seu estudo original.

3. Como medida de estímulo às atividades desses centros deverão ser promovidas palestras, conferências, seminários, etc., para o estudo, em conjunto do material recolhido, sempre que se realizar uma pesquisa de campo,
4. As Comissões Regionais procurarão entender-se com as autoridades do ensino, na respectiva região para que sejam favorecidos esses estudos e trabalho, prestigiando moral e materialmente as atividades dos centros de pesquisadores nos estabelecimentos de ensino.
5. É sugerido às sociedades luso-brasileiras a organização de centros de estudos folclóricos, tendo em vista as origens portuguesas fundamentais no tradicionalismo brasileiro, a fim de que, em instituições dessa natureza, se estudem os aspectos científicos das relações entre os dois folclores – o brasileiro e o lusitano.

XV

1. É reconhecida a necessidade de dar-se início à publicação de uma Biblioteca Brasileira de Folclore, em que se editem obras originais sobre folclore brasileiro e se reeditem livros fundamentais, já hoje esgotados. Nessa coleção serão incluídas, igualmente, traduções de obras científicas em que se encontrem estudos ou pesquisas de interesse para o folclore nacional.
2. Para a organização da Biblioteca Brasileira de Folclore, a Comissão Nacional de Folclore entrará em entendimentos com o Ministério da Educação e Saúde, a fim de que se organize uma comissão com representantes daquele Ministério, da Comissão Nacional de Folclore, do IBECC, da Universidade do Brasil e do Instituto Nacional do Livro, para estabelecer o plano de publicação, distribuição e venda das obras selecionadas e tomar todas as providências necessárias à efetivação da Biblioteca Brasileira de Folclore.

XVI

A Comissão Nacional de Folclore fica incumbida de promover os necessários entendimentos com as autoridades competentes, no sentido da publicação de uma revista brasileira de folclore.

XVII

Reconhece o Congresso a conveniência de promover-se a organização de uma antologia de contos populares, lendas, poesias, enigmas e o que mais se enquadre na moderna orientação psicológica da adolescência, à qual se destina. Essa antologia deverá ser constituída de volumes que contenham elementos selecionados em cada região do país, sem o aspecto formal de livro texto.

XVIII

No sentido de dar maior valorização aos assuntos do tradicionalismo nacional, sobretudo junto às novas gerações, o Congresso sugere aos editores e responsáveis pelas publicações infantis e juvenis, bem como à imprensa em geral, preferência pelos temas brasileiros, populares e folclóricos nos comentários, histórias e ilustrações dos periódicos.

XIX

A utilização de elementos folclóricos como fonte de desenvolvimento do turismo merece ser estimulada e incentivada, devendo, neste sentido, os órgãos integrantes da Comissão Nacional de Folclore manter-se em entendimento constante com o Conselho Nacional de Turismo a fim de que, num regime de estreita e proveitosa cooperação, possa ser incrementada a aplicação do folclore ao turismo.

XX

1. É sugerida ao IBECC a criação, como setor de trabalho do secretariado da Comissão Nacional de Folclore, de uma seção de intercâmbio cultural com o estrangeiro. Esta seção trabalhará em colaboração com os órgãos regionais daquela Comissão visando aos seguintes propósitos: a) manter relações com entidades folclóricas e folcloristas estrangeiros, para isso organizando um fichário por países e especializações; b) estabelecer a permuta de publicações e material folclórico, que deverá ser feita na conformidade dos interesses locais das Comissões Regionais; c) publicar, com a periodicidade mais conveniente, um Boletim, em espanhol, francês e inglês, com informações relativas ao folclore brasileiro, inclusive indicação bibliográfica do folclore nacional.
2. Em cada Comissão Regional será designado um de seus membros para incumbir-se do contato com a seção de intercâmbio cultural, facilitando a esta todas as informações de natureza regional destinadas a divulgação no exterior.
3. A Comissão Nacional de Folclore solicitará apoio da UNESCO, do Ministério das Relações Exteriores e do Instituto Nacional do Livro para obtenção de facilidades necessárias ao desenvolvimento desse intercâmbio, que se fará diretamente ou por intermédio das Missões Diplomáticas, Repartições Consulares e Delegações junto a Organismos internacionais.

XXI

1. Considera-se a realização das Semanas de Folclore, comemoração anual do Dia do Folclore, fator de desenvolvimento do estudo do Folclore Brasileiro e de maior aproximação intelectual

e pessoal entre os folcloristas nacionais. Fica estabelecido que, nos anos em que se realizar Congresso Brasileiro de Folclore, não haverá Semana de Folclore.

2. É sugerida às Comissões Regionais a inclusão, no programa da Semana do Folclore que estiver a seu cargo, de seminários, mesas redondas e outros meios que permitam o debate entre os folcloristas presentes, de problemas fundamentais ligados ao estudo, técnica e pesquisa do folclore, em particular da região onde se efetuar a reunião. Sugere-se também a realização, na mesma época, de exposições folclóricas dos temas e assuntos regionais, como meio de difusão de aspectos folclorísticos em sentido pedagógico e cultural.

XXII

As Comissões Regionais de Folclore promoverão, a exemplo do que já se vem fazendo em alguns Estados, a designação de delegados seus nos Municípios do interior, procurando, igualmente, estabelecer o mais íntimo contato com o professorado primário e secundário das diversas localidades e com Agentes Municipais de Estatística, como elementos valiosos de informações e de cooperação quanto às pesquisas e levantamentos do folclore regional.

XXIII

O Congresso recomenda à Comissão Nacional de Folclore a adoção, pelos meios mais adequados, das medidas que couberem no sentido de: a) promover-se a realização, em cada cinco anos, de Congressos luso-brasileiros de Etnografia e Folclore, alternadamente em Portugal e no Brasil; b) estabelecerem-se as bases para um Congresso Sul-Americano de Folclore.

Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1951

Renato Almeida, Presidente

Cecília Meireles, Secretária-Geral.

(Publicado no 1º volume dos Anais do I CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE - 22 a 31.8.51)

Anexo 2 – Releitura da Carta do Folclore Brasileiro

CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO¹³

O VIII Congresso Brasileiro de Folclore, reunido em Salvador, Bahia, de 12 a 16 de dezembro de 1995, procedeu à releitura da Carta do Folclore Brasileiro, aprovada no I Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro, de 22 a 31 de agosto de 1951.

Esta releitura, ditada pelas transformações da sociedade brasileira e pelo progresso das Ciências Humanas e Sociais, teve a participação ampla de estudiosos de folclore, dos diversos pontos do país, e também teve presente as Recomendações da UNESCO sobre Salvaguarda do Folclore, por ocasião da 25ª Reunião da Conferência Geral, realizada em Paris em 1989 e publicada no Boletim nº 13 da Comissão Nacional de Folclore, janeiro/abril de 1993.

A importância do folclore como parte integrante do legado cultural e da cultura viva, é um meio de aproximação entre os povos e grupos sociais e de afirmação de sua identidade cultural.

Capítulo I - CONCEITO

1. Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a UNESCO. A expressão cultura popular manter-se-á no singular, embora entendendo-se que existem tantas culturas quantos sejam os grupos que as produzem em contextos naturais e econômicos específicos.
2. Os estudos de folclore, como integrantes das Ciências Humanas e Sociais, devem ser realizados de acordo com metodologias próprias dessas Ciências.
3. Sendo parte integrante da cultura nacional, as manifestações do folclore são equiparadas às demais formas de expressão cultural, bem como seus estudos aos demais ramos das Humanidades. Consequentemente, deve ter o mesmo acesso, de pleno direito, aos incentivos públicos e privados concedidos à cultura em geral e às atividades científicas.

13

Disponível

em:

<https://musicabessa.files.wordpress.com/2015/03/02_releitura_da_carta_do_folclore_brasileiro_1995.pdf>.
Acesso em: 20 Out. 2022.

Capítulo II - PESQUISA

1. A pesquisa em folclore pede, na atualidade, um reaparelhamento metodológico dos pesquisadores, combinando os procedimentos de investigação e de análise provenientes das diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais.
2. A pesquisa folclórica produtiva será aquela que constituir avanço teórico na compreensão do tema e em resultados práticos que beneficiem os agrupamentos estudados, objetivando também a auto-valorização do portador e do seu grupo quanto à relevância de cada expressão, a ser preservada e transmitida às novas gerações.
3. Recomenda-se o desenvolvimento de programas de pesquisas integradas, regionais e nacionais, sobre temas específicos, com metodologias comuns, com o objetivo de propiciar estudos comparativos.
4. Recomenda-se, como metodologia de pesquisa, atuação participativa, integrando pesquisador e pesquisado em todas as etapas de apreensão, compreensão e devolução dos resultados da pesquisa à comunidade.
5. Recomenda-se a organização de núcleos de pesquisas científicas e multidisciplinares.

Capítulo III - ENSINO E EDUCAÇÃO

Recomenda-se:

1. Desenvolver ação conjunta entre os Ministérios da Cultura e da Educação a fim de que o conteúdo do folclore e da cultura popular seja incluído nos níveis de 1º e 2º graus e como disciplina específica do 3º grau de forma mais ampla, incluindo enfoque teórico e prático através do ensino regular, de oficinas, de observações e de iniciação às pesquisas bibliográficas e de campo.
2. Considerar a cultura trazida do meio familiar e comunitário pelo aluno no planejamento curricular, com vistas a aproximar o aprendizado formal e não formal, em razão da importância de seus valores na formação do indivíduo.
3. Envolver os educadores de diferentes matérias em torno do folclore, considerando-o um amplo campo de ação para os estudos e a prática da multidisciplinaridade.
4. Buscar assessoramento para a ação pedagógica relacionada ao folclore junto a instituições de estudo e pesquisa e/ou especialistas.
5. Manter, ampliar e melhorar a oferta de cursos de Folclore com vistas ao aperfeiçoamento dos especialistas em exercício na área do Folclore e a reciclagem de professores, a fim de que possam recorrer à produção científica mais recente, que veicule uma visão contemporânea do folclore/cultura popular.

6. Intensificar a promoção de cursos de Folclore aplicado à Escola que envolvam, além da temática geral, o aprendizado de técnicas de construção artesanal e arte popular, a prática de grupos vocacionais e instrumentais, com repertório de música folclórica, direcionado a professores de 1º e 2º graus, propiciando-lhes condições para que deles participem.
7. Incluir o ensino de Folclore nos cursos de 2º grau (Habilitação/Magistério), nos cursos de Comunicação, de Artes, de Educação Física, de História, de Geografia, de Turismo, nos Conservatórios e Academias de Artes em geral, Faculdades de Ciências Humanas e Sociais, de Pedagogia, de Serviço Social.
8. Designar para lecionar a disciplina Folclore os professores com especialização na área ou em outras disciplinas afins com reconhecida experiência.
9. Fomentar a criação de Cursos de Graduação e/ou Pós-Graduação que formem especialistas direcionados à pesquisa da cultura popular.
10. Incorporar o tema folclore aos programas do PET (Programa Especial de Treinamento) e outros programas, tais como Monitoria e Iniciação Científica, a estudantes participantes de pesquisa de folclore.
11. Enfatizar a importância da participação de portadores de folclore nas atividades de ensino/aprendizagem em todos os níveis.
12. Orientar a rede escolar para que as datas relativas ao Folclore e Cultura sejam comemoradas como um conjunto de temáticas que devem constar dos conteúdos das várias disciplinas, pois configuram expressões em diferentes linguagens - a da palavra, a da música, a do corpo - bem como técnicas, cuja prática implica acumulação e transmissão de saberes e conhecimentos hoje sistematizados pelas Ciências. Instruir os professores para que motivem seus alunos, em tais datas, a estudar manifestações do seu próprio universo cultural.
13. Estreitar o contato das Comissões Estaduais de Folclore com diferentes instituições de 1º, 2º e 3º graus, para estabelecer e/ou atualizar programas regulares de cursos sobre pesquisa e ensino de Folclore.
14. Promover a articulação entre pesquisadores e professores no sentido da participação na coleta e organização de coletâneas que reflitam as diversidades culturais regionais, com vistas à sua divulgação, valorização e aproveitamento didático do acervo folclórico.
15. Realizar o levantamento mais completo possível do cancioneiro folclórico, das danças e dos brinquedos e brincadeiras infantis, considerando-os fatores de educação, de desenvolvimento do gosto pela música/dança e de sociabilidade, valorizando-se o material tradicional com vistas ao seu aproveitamento no processo educativo. As canções devem ser transmitidas em pauta

musical com o respectivo texto e as demais indicações necessárias: tessitura conveniente para voz infantil, detalhes da prosódia musical, eventual movimentação.

16. Incentivar a produção de textos e outros recursos em linguagem acessível ao leigo, bem como a produção de textos para deficiente visual e/ou auditivo, recorrendo-se para a sua divulgação a veículos diversos: publicações acadêmicas, revistas de educação, programas de rádio e televisão, programas produzidos pelas televisões educativas e publicações paradidáticas.

17. Realizar seminários, congressos etc. para apresentação e discussão de relatos de experiências pedagógicas e resultados de pesquisas.

18. Reconhecer a diversidade lingüística do Brasil e respeitar, sem discriminação, os falantes procedentes das várias regiões e de todas as camadas sócio-culturais.

Capítulo IV - DOCUMENTAÇÃO

1. Reconhece-se a importância da documentação folclórica em todos os seus aspectos, utilizando-se dos meios tecnológicos específicos.

2. Recomenda-se o levantamento do calendário folclórico em âmbito estadual, mediante a articulação com os grupos e órgãos locais.

3. Recomenda-se que a documentação deve ficar sob a guarda de instituições apropriadas, ligadas ao estudo e à pesquisa do folclore, como museus, fundações, universidades e outros centros de documentação.

Capítulo V - SALVAGUARDA E PROMOÇÃO

1. Reconhece-se a importância do apoio às manifestações folclóricas. Esse apoio deve-se dar, sobretudo, no sentido de assegurar as condições sociais e naturais aos homens para garantir o florescimento de suas expressões culturais dinâmicas.

2. Recomenda-se que as Comissões Estaduais se articulem com os órgãos locais para realização de pesquisas e outras atividades que visem a promoção e a salvaguarda dos portadores e de grupos folclóricos de qualquer natureza.

3. Reconhece-se a necessidade de fortalecimento dos organismos oficiais, de caráter nacional, estadual e municipal que se destinam à defesa do patrimônio folclórico do Brasil.

Capítulo VI - DIREITO DO AUTOR

1. Recomenda-se adotar providências adequadas à defesa do patrimônio musical folclórico, particularmente no caso das melodias de domínio público, dos folhetos de cordel, impedindo a

apropriação dos mesmos por terceiros, realizando-se o procedimento de registro em órgãos competentes.

2. Instrumentalizar as Comissões Estaduais para iniciarem o registro do patrimônio musical de suas regiões.
3. Recomendar a indicação da procedência dos temas folclóricos nas composições que contenham esses temas em qualquer de seus aspectos.
4. Zelar pelo direito dos artesãos e artistas populares de livremente estipularem o valor de suas obras e do mesmo modo zelar e respeitar o direito de imagem que lhes deve ser conferido.

Capítulo VII - EVENTO

Recomenda-se:

1. Divulgar o calendário nacional de atividades culturais, em particular de eventos ligados à estrutura global das comunidades - considerando aspectos da economia, da ordem política e cultural - informando, além do registro cronológico das festas tradicionais, outros dados referentes à historicidade e estrutura da manifestação, detalhes dos participantes, importância para o contexto etc.
2. Prestigiar e divulgar as manifestações artísticas representativas das diferentes comunidades.
3. Respeitar os interesses dos representantes da cultura popular nas decisões relacionadas à dinâmica de suas manifestações, sem atitudes paternalistas nem imposição de modelos alheios ao próprio folclore.
4. Promover Semanas de Folclore.

Capítulo VIII - TURISMO

Reconhece-se que a relação folclore e turismo é uma realidade. O turismo pode atuar como divulgador do folclore e como fonte de recursos para o crescimento da economia local, o que pode significar melhoria da qualidade de vida das camadas populares. Esta relação, porém, precisa ser avaliada no sentido de resguardar os agentes da cultura popular das pressões econômicas e políticas.

Capítulo IX - GRUPOS PARAFOLCLÓRICOS

1. São assim chamados os grupos que apresentam folguedos e danças folclóricas, cujos integrantes, em sua maioria, não são portadores das tradições representadas, se organizam formalmente, e aprendem as danças e os folguedos através do estudo regular, em alguns casos, exclusivamente bibliográfico e de modo não espontâneo.

2. Recomenda-se que tais grupos não concorram em nenhuma circunstância com os grupos populares e que em suas apresentações, seja esclarecido aos espectadores que seus espetáculos constituem recriações e aproveitamento das manifestações folclóricas.
3. Os grupos parafolclóricos constituem uma alternativa para a prática de ensino e para a divulgação das tradições folclóricas, tanto para fins educativos como para atendimento a eventos turísticos e culturais.

Capítulo X - COMUNICAÇÃO DE MASSA

Reconhece-se que não se pode mais desconsiderar o papel desempenhado pela comunicação de massa na dinâmica do folclore, tanto pela divulgação descontextualizante, quanto pela influência ideológica de valores que lhe são próprios. Recomenda-se o estudo das interrelações do folclore com os fatos da cultura de massa e, em especial, com as interferências, aproveitamentos e reelaborações recíprocas.

Capítulo XI - PUBLICAÇÕES

1. Reconhece-se a necessidade da edição de obras sobre o folclore brasileiro e traduções de obras científicas em que se encontrem estudos e/ou pesquisas relevantes, além da reedição de livros fundamentais.
2. Reconhece-se a necessidade da divulgação dos estudos sobre as manifestações folclóricas através de todos os meios e recursos disponíveis.

Capítulo XII - INTERCÂMBIO

Considera-se de grande importância o intercâmbio entre estudiosos, pesquisadores e instituições afins, objetivando a mais ampla troca de informações, em âmbito nacional e internacional. Para tanto, recomenda-se a realização periódica de encontros, seminários, simpósios e congressos, nacionais e internacionais.

Capítulo XIII – SUBCOMISSÕES

Recomenda-se às Comissões Estaduais estimular a criação de comissões municipais de folclore que poderão se assim o quiserem, se vincular à Comissão Estadual.

Capítulo XIV – HIERARQUIAS

Recomenda-se atuar junto às autoridades religiosas, políticas, policiais e educacionais no sentido do reconhecimento, prestígio e respeito às várias formas populares de expressão cultural.

Capítulo XV - RECURSOS FINANCEIROS

Reconhece-se a necessidade de recursos financeiros para a realização de pesquisas e ações de divulgação e apoio ao campo do folclore. Para isso, sugere-se a sua captação junto às instituições oficiais de financiamento, bem como o desenvolvimento de mecanismos de parceria com a iniciativa privada.

Salvador, Bahia, 16 de dezembro de 1995.